Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 148 Quinta-feira, 28 de Agosto de 1986 Preço 40$00

ESTATUTO AÇORIANO

PSD não vai dar aval a Mota Amaral

Pág. 4

ODIVELAS EM SOBRESSALTO

Granada contra capitão

Pág. 9

Telefoto NP/«DL»

ROSA MOTA SUBIU AO PÓDIO

Ouro ao peito

Rosa Mota subiu ontem ao pódio no Neckarstadion para a sua consagração, com a imposição da medalha, depois da retumbante vitória que obteve na maratona dos europeus de atletismo. A expectativa para hoje respeita à prova de António Leitão que corre às 20 e 15 os cinco mil metros. A grande questão é saber se repetirá o «bronze» de Los Angeles.

Págs. 16 e 17

Os presságios são cumpridos

Julián Pontecorvo
Exclusivo Efe/«DL» P

Dois meses antes da sua morte, Federico Garcia Lorca terminava o seu último drama, «A Casa de Bernarda Alba», cujo argumento, tal como o das «Bodas de Sangue», tinha sido inspirado na vida real. De facto, Bernarda Alba (cujo verdadeiro nome era Francisca) e suas filhas existiam no real e viviam numa aldeia numa várzea onde os pais de Lorca tinham uma propriedade. Numa altura em que passava férias ali, onde as duas casas eram contíguas e até a água do poço era repartida, Federico descobriu essa estranha família de raparigas que sofriam a vigilância tirânica da mãe viúva. Intrigado, decidiu saber mais e começou a espiar-lhes os movimentos, tomando notas. Dois meses mais tarde, em 19 de Junho de 1936, a obra estava praticamente terminada.

Na véspera da revolução, Federico, em Madrid, preparava-se para viajar até à Horta de S. Vicente, em Granada, onde juntamente com o pai queria festejar o dia do seu santo, uma tradição familiar que sempre tinha sido respeitada.

Lorca estava preocupado com a situação política daqueles dias, em que se falava insistentemente numa sublevação, mas apesar dos conselhos de alguns amigos para que se deixasse ficar na capital, insistiu na ida para Granada, onde chegou mesmo no dia em que rebentava a insurreição contra a República.

Perigo na horta

Granada foi uma das cidades que aderiram imediatamente à sublevação. No dia 20 de Julho, o «alcaide» socialista Manuel Fernandez Montesinos, cunhado de Lorca, e alguns vereadores da câmara foram detidos e levados para a prisão da cidade.

Dias mais tarde, de manhã, dois indivíduos andaram a rondar à volta da Horta de S. Vicente e depois desapareceram. Mas foi como um sinal de que o perigo cercava aquela casa. Os presságios foram cumpridos.

Em 5 de Agosto, uma patrulha da Falange, sob o comando do capitão Manuel Rojas, fez uma rusga à Horta de S. Vicente e, no final, comunicou a Federico Garcia Lorca que nada havia contra ele. Contudo, no dia seguinte, foi feita outra rusga na propriedade, esta sem autorização, sob pretexto de apanhar um arquitecto de Granada que ali estaria escondido. O resultado foi nulo.

Dois dias depois, diversos indivíduos armados irromperam pela casa de Lorca para prender o caseiro. Estava ausente, mas isso não evitou o uso da violência, chegando Lorca a ser maltratado.

Perante a situação, a família Lorca pensou que, para segurança de Federico, era conveniente que este mudasse de domicílio e ficou decidido que o melhor refúgio seria a casa de seu amigo, também poeta, Luís Rosales.

O último drama de Garcia Lorca

A família Rosales era falangista e gozava de certa influência em Granada. Mas não foram os falangistas, foram os homens todo-poderosos do CEDA (governo civil) que foram dias mais tarde a casa de Rosales buscar Federico para o matar.

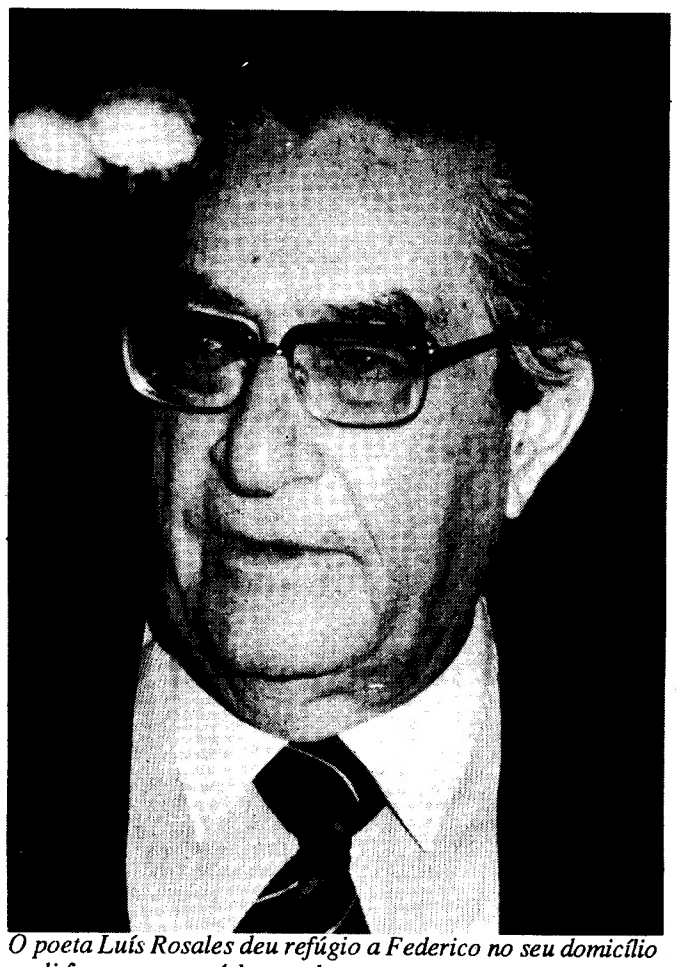
Efectivamente, Garcia Lorca, durante as semanas em que esteve alojado em caso do amigo, conversou e mostrou-se a muitos falangistas que passavam pela casa de Rosales e em momento algum considerou ameaçada a sua segurança.

Em 15 de Agosto o governo civil emitiu a ordem de prender Lorca e uma patrulha sob o comando de Francisco Diaz Esteve, que desconhecia o paradeiro do poeta, apresentou-se na Horta de S. Vicente para o prender. Foi informado de que o mesmo estava em casa de Luís Rosales.

Na tarde de 16 de Agosto, a casa de Rosales foi cercada com grande alarde armado e Federico foi detido.

Lorca foi conduzido ao governo civil, a um pequeno gabinete do primeiro andar, onde um guarda do edifício o viu e contou depois: «Estava sentado numa grande poltrona, sozinho, absorto e preocupado, hora após hora... Esteve lá toda a tarde e parte da noite.»

Ao ser conhecida a prisão do poeta, muitos amigos tentaram fazer diligências para a sua libertação — mas era demasiado tarde. O agente da polícia Julián Fernandez Abajo, que tinha relações de amizade com Lorca, pôde conversar uns minutos com ele no governo civil, ao fim da tarde de 16 de Agosto. No dia seguinte, quando pretendeu visitá-lo, disseram-lhe que o poeta já ali não estava.



O poeta Luís Rosales deu refúgio a Federico no seu domicílio e ali foram encontrá-lo aqueles que o assassinaram

Luis Rosales e a família também foram informados do mesmo quando, em 17 de Agosto, foram ao governo civil tentar interceder por Lorca.

O compositor Manuel de Falla, que estava então bastante doente, movido pela urgência da situação falou com Francisco Prieto Moreno, cujo sogro era pessoa muito influente em Granada.

Depois de uma série de diligências efectuadas durante o dia 17 para saber que sorte corria o poeta, Prieto Moreno informou Falla, com resignação, da triste notícia que o sogro confirmara: Garcia Lorca tinha sido levado, na noite anterior, do governo civil para a povoação de Viznar, para ser fuzilado.

Todos tinham chegado demasiado tarde para impedir o que o destino tinha traçado: que Federico Garcia Lorca havia de tornar-se imortal ao raiar da aurora de 17 de Agosto de 1936.

A «Huerta de San Vicente», em Granada, onde Lorca viveu dias de angústia depois da eclosão da guerra civil.

Bebés para morrer

Escoffier-Lambiotte

Exclusivo Le Monde/DL

Após quatro anos de polémicas e de um combate judicial sem precedentes, o governo americano regulamenta a eutanásia passiva dos recém-nascidos anormais.

Uma noite da Primavera de 1982 nasceu na maternidade Bloomington, Indiana no tempo normal, um rapazinho com dois quilos e setecentos gramas. A criança é mole, cianosada, e o seu coração bate muito lentamente. Apresenta claramente uma síndroma de Down (mongolismo), com grandes deformações cranianas. Quando dos esforços de reanimação praticados, foi impossível introduzir uma sonda no estômago. As radiografias indicam a presença de uma grande fístula entre o esófago e a traqueia. Indicam também a existência de anomalias cardíacas.

Para que a criança possa sobreviver é indispensável uma operação com o objectivo de reconstruir o esófago e reparar a fístula. Informados de todos estes dados médicos, os pais recusam a intervenção. Já têm dois filhos normais, e a mãe só tem 31 anos. O bebé recebe desde então morfina e um somnífero (fenobarbital) a fim de suprimir agitação e dores. Os pais não abandonam a sua cabeceira. A criança morre seis dias depois e a autópsia confirma o diagnóstico e a gravidade da atrofia cerebral. Entretanto desencadeou-se um violento debate jurídico, ético e médico, porque a administração hospitalar solicitava a opinião do juiz das crianças perante a recusa terapêutica dada pelos pais. Um tribunal de Indiana reconhecera o direito dos pais no julgamento do destino do filho. Mas os advogados da parte civil queriam levar o julgamento a Washington. A criança morreu quando eles já estavam no avião...

Um ano depois uma menina chamada Baby Jane Doe nasce em Jefferson (Albany), com uma hérnia na espinal medula (ou *Spina bifida*) (1), acompanhada, para mais , de graves lesões cerebrais. Tente-se o que se tentar ela terá, segundo os pediatras, um atraso mental profundo, acompanhado de crises de epilepsia, de paralisia total dos membros inferiores e de incontinência. Apoiados pelo clero católico, por organismos sociais e pelo corpo médico, os pais decidem opor-se a qualquer intervenção cirúrgica que, acham eles, só poderia agravar os sofrimentos da criança e dar-lhe uma existência miserável.

Militantes do Direito à vida (o equivalente do movimento *Laissez-les vivre français* que lutam contra o aborto) alertam as autoridades judiciais e um magistrado surge um dia no hospital, rodeado de advogados, a fim de ordenar aos responsáveis hospitalares que se apresentem dois dias depois no tribunal com o «dossier» médico da criança, que os médicos recusam fornecer em nome do segredo médico primeiro, do *absoluto direito à intimidade* depois. O caso chega a Washington onde a querela se amplifica. Os grupos de pressão do Direito à vida multiplicam as intervenções judiciais, em nome do artigo da lei (dito 504) que visa a protecção dos deficientes e a sua integração no mundo do trabalho.

O cartaz e a linha vermelha

O presidente da comissão de bioética, que tem a sua sede na Casa Branca, acha publicamente que seria *«pelo menos paradoxal que uma lei destinada a dar a cada um o tratamento que ele deseja e que o seu estado requer possa ser utilizado para impor tratamentos indesejáveis e considerados contra-indicados pelos especialistas.»*

O caso adquiriu entretanto uma amplidão nacional e é todo o problema fundamental da atitude que deveriam ter o Estado, o corpo médico e a sociedade perante os recém-nascidos gravemente prejudicados, que é agora posto, sob a designação geral, tirada da jurisprudência, de «caso de Baby Doe».

Incitado pelo próprio presidente Reagan, o ministério da saúde (Departament of Health and Human Services) promulga uma «Baby Doe Regulation» que ordena que seja obrigatoriamente afixao nos seis mil e oitocentos hospitais que recebem subvenções federais, um cartaz em caracteres grandes e colocado em local onde todo o público possa vê-lo. O cartaz indica que *«a abstenção discriminatória de alimentar e tratar as crianças deficientes é interdita neste serviço pela lei federal.»*

Toda e qualquer infracção a esta regra, indica o cartaz em caracteres mais pequenos, deve ser assinalada ao ministério da saúde graças a uma «linha vermelha» («Infant Doe Hot-Line») dotada de um número com chamada gratuita. Do lado de lá da linha encontra-se, de dia e de noite, um «esquadrão especial» («Baby Doe Squad») pronto a inquirir imediatamente em caso de violação da regra.

O esquadrão de salvação

Centenas de apelos chegam ao referido serviço, na sua maioria sem motivo. Quatro deles são objecto de uma deslocação imediata do «esquadrão Baby Doe». O Strong Memorial Hospital, de Rochester, no Estado de Nova Iorque, vê assim surgir um belo dia três inquiridores — chegados de Washington por avião — a fim de se informar da sorte reservada a recém-nascidos siameses nascidos com um só tronco e duas cabeças.

O esquadrão de Washington põe todo o serviço em pé de vento e manda vir de Virgínia, a meio da noite, um pediatra especializado em neonatalogia. Que se vai embora de manhã cedo porque os inquiridores se tinham esquecido de perguntar aos pais se eles autorizavam o exame do filho. Os infelizes pais são submetidos a um verdadeiro interrogatório policial e vêem o seu drama exibido na praça pública, porque a imprensa se apoderou do caso depois de ter sido amavelmente informada pelos militantes do Direito à vida. O eminente médico de Virgínia torna então pública uma declaração segundo a qual dá o seu completo acordo às decisões médicas adoptadas em Rochester, à maneira como os pais foram associados a esta provação entre todas dolorosa e, de um modo geral, comportamento humano ou técnico de todos.

Não é dado nenhum seguimento ao caso, mas os pais de todas as outras crianças em tratamento nesse hospital estão tão assustadas que é necessário designar um médico, a tempo inteiro, só para as tranquilizar. Apesar disso muitas delas preferem transferir para outros hospitais, em condições dramáticas, bebés gravemente doentes.

«Rusgas» semelhantes multiplicam-se em numerosos hospitais cujo funcionamento perturbam, sendo nulo o resultado. As poderosas associações médicas americanas, a começar pela Academia Americana de Pediatria começam a ficar aborrecidas.

Os médicos contra o Estado

Apoiada pela Associação Nacional dos Hospitais e das Instituições Pediátricas e pelo conjunto das associações de médicos, a Academia de pediatria leva o ministério da saúde a tribunal... e ganha. Os juízes declaram a «Baby Doe Regulation» ilegal e arbitrária dando assim razão aos que recusavam *«uma intrusão sem precedentes do governo federal em situações que dizem respeito à vida privada e que devem tradicionalmente ser regradas pela confiança e pela responsabilidade mútuas dos pais e dos médicos.»*

Perante este fracasso jurídico, o governo federal, longe de se dar por vencido, recomeça, com uma nova «Baby Doe Regulation», segundo a qual os cartazes que chamam a atenção para a ilegalidade da abstenção de cuidados aos recém-nascidos deficientes serão mais pequenos e colocados já não nos lugares públicos mas em locais reservados aos profissionais dos serviços pediátricos e das maternidades.

A polémica recomeça então ainda com maior vigor entre os representantes dos médicos e dos hospitais, por um lado, e o governo por outro. As grandes revistas médicas publicam editoriais violentos. De ambas as partes as manifestações sucedem às proclamações e, perante toda essa agitação, os eleitos nacionais apoderam-se do caso (*«para complicar tudo»*, dizem os médicos) criando comissões especiais tanto no Senado como na Câmara dos representantes.

Os caminhos da eutanásia

As organizações médicas e hospitalares propõem que sejam criados «comités de ética» locais, aos quais poderiam ser submetidos os casos mais difíceis. Mas as associações de defesa dos deficientes recusam categoricamente tal solução *«que consistiria em dar um cheque em branco ao poder médico»*. *«Não se trata disso,* respondem os médicos, *mas de um projecto inaceitável de ingerência do Estado na vida privada dos cidadãos...»*

O supremo tribunal entra na dança e aprova a recusa de o corpo médico entregar a representantes governamentais os «dossiers» dos seus doentes. Indefere o pedido do Estado e recusa-se ainda a ordenar uma intervenção cirúrgica numa criança com *Spina bifida*.

É a vez do Vaticano falar do caso, e o *Observatore Romano* escreve que *«nem a consciência nem o bom senso podem aprovar uma abstenção cirúrgica, que poderia abrir um caminho perigoso que levasse à legalização da eutanásia dos deficientes e de indivíduos que sofressem de deformações congénitas ou adquiridas»*. O clero católico de Jefferson persiste em todo o caso em apoiar a posição dos pais e dos médicos em todo o caso em apoiar a posição dos pais e dos médicos que continuam a preconizar a abstenção de todo e qualquer acto cirúrgico na pequena Doe, que continua a sobreviver, internada no hospital...

Depois de quatro anos de querelas, de confrontos sem precedentes, de processos implicando toda a hierarquia judicial e de audições parlamentares ou senatoriais, e depois das sucessivas rejeições de quatro «regulamentos» federais, os partidos em presença acabam de chegar a um acordo, é certo que provisório, sobre uma regra que o ministério americano da saúde acaba de promulgar, e que diz respeito ao *«programa de prevenção e de tratamento das negligências ou brutalidades tidas com crianças»*.

É dado um certo grau de liberdade à consciência dos médicos e dos pais para a formulação dessa «regra». A sua aceitação pelas partes em presença permite resolver, provisoriamente, um debate jurídico como as organizações médicas e os tribunais americanos nunca tinham conhecido antes.

O problema ético mantém-se, em todo o caso, porque uma lei nunca pode avaliar o peso dos sofrimentos que eventualmente implicam a sobrevivência de um recém-nascido, a capacidade de uma família assumir um peso, e o direito que ela podia ter, ou que poderia ter a sociedade, de partilhar uma decisão de activismo ou de abstenção terapêutica.

Aquilo a que além-Atlântico se chama a «saga de Baby Doe» reflecte na realidade, para além do conflito jurídico ou político, para além do choque entre o público e o poder médico, a profunda ambivalência dos sentimentos individuais ou colectivos perante seres humanos vítimas de imperfeições do corpo ou do espírito.

O desenvolvimento contínuo dos diagnósticos pré-natais (2) e da eliminação dos fetos assim vistos como anormais, tinha aberto caminho a uma forma de eugenismo cujos perigos importa compreender.

(1) As *Spina bifida* representam por si só um quarto de todas as anomalias embrionárias.

(2) Cerca de 90 000 amniocenteses (análise de líquido amniótico durante a gravidez) são praticadas anualmente nos Estados Unidos, só para a detecção do mongolismo e com um dispêndio de 50 milhões de dólares. 800 terminam com um diagnóstico positivo e um aborto.

A regulamentação americana

Segundo os termos do compromisso editado pelo governo americano, os médicos têm obrigação de dar aos recém-nascidos **«os tratamentos (incluíndo nutrição, hidratação e medicações apropriadas) que, segundo o seu juízo razoável sejam apropriados para melhorar ou corrigir as condições que ameaçam a vida da criança.**

Esta regra geral não se aplica, salvo para fornecer nutrição, hidratação e medicações apropriadas, em três tipos de situações médicas, isto é, quando:

1) A criança está cronicamente e irreversivelmente mergulhada em coma.

2) A aplicação do tratamento só levaria a prolongar a agonia e não seria eficaz para melhorar ou corrigir todas as condições que ameaçam a vida da criança.

3) A administração do tratamento ou da intervenção seria virtualmente fútil no que diz respeito à sobrevivência da criança, e o próprio tratamento seria, nessas situações, desumano.

Os termos — chave deste regulamento («apropriado», «juízo médico razoável», «desumano», «virtualmente fútil») dão aos pais e aos médicos uma margem de avaliação pessoal e tiveram a adesão — reticente — das organizações médicas.

Elas deploram, em todo o caso, que a «qualidade da vida» que uma intervenção cirurgica poderia oferecer a uma criança deformada não seja encarada nos critérios de decisão terapêutica.

O dispositivo americano prevê, como nas versões precedentes, que os casos de abstenção terapêutica ou de negligência perante um recém-nascido deficiente devem ser assinalados por os que disso têm conhecimento, já não a Washington mas dos organismos locais ou regionais de protecção à infância.

Os médicos franceses, que interrogámos, quotidianamente confrontados com estes problemas difíceis, pensam que toda e qualquer tentativa de legislação ou de regulamentação só pode ser nociva, e que as situações em causa dizem respeito à competência e à consciência médica, e também ao diálogo singular (e confidencial) com os pais.

(Le Monde)

Que faz correr Mota Amaral?

Conselho de Estado será ouvido sobre novo Estatuto dos Açores

• *PSD a favor do veto?*

Derrotado, e isolado dentro do próprio partido, há mês e meio, aquando da nomeação do brigadeiro Rocha Vieira para ministro da República nos Açores, Mota Amaral corre o risco de novo e importante fracasso político, caso o Presidente da República vete — como parece altamente provável — o novo estatuto político-administrativo daquela Região Autónoma.

As posições partidárias já conhecidas e os contactos feitos ontem à tarde por Mário Soares junto de Spínola, de conselheiros de Estado e dirigentes políticos e colaboradores mais próximos — além do encontro mantido sexta-feira passada em Belém com o CEMGFA, general Lemos Ferreira — indiciam, a diferentes níveis, uma vontade generalizada de travar a corrida do líder açoriano, aparentemente interessado num esquema autonómico excessivo, e de que os símbolos regionais e a recente ambição de voos intercontinentais para a SATA (empresa aérea regional), poderiam ser apenas os primeiros passos.

A decisão de Mário Soares de convocar o Conselho de Estado, a realizar terça-feira, um dia depois da reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional (que não deixará, certamente, de abordar a questão), configura o desejo do Presidente da República de dar o necessário peso, conta e medida, a uma decisão que deverá deixar, novamente, Mota Amaral em delicada posição.

PSD a favor do veto?

Isto porque — segundo apurou o «DL» junto de um dirigente nacional do PSD — o partido dirigido por Cavaco Silva não encara também de maneira positiva esta nova polémica criada por Mota Amaral ao nível institucional. Segundo a mesma fonte o PSD, (cuja comissão permanente esteve ontem reunida, não hostilizaria Mário Soares caso este optasse pelo veto.

É já conhecida a posição do CDS sobre a matéria (apoio claro ao veto), e o próprio Mota Amaral terá contactado ontem telefonicamente o presidente centrista, Adriano Moreira, para melhor esclarecimento das respectivas posições. Todavia, nada indica que o CDS venha a alterar a sua posição.

Vítor Constâncio, secretário-geral do PS, em comunicado distribuído aos jornalistas à sua partida ontem para a RFA, manifestou-se igualmente a favor da reanálise do estatuto, o que significará o apoio também ao veto presidencial.

Quanto ao PRD, cujo líder, Hermínio Martinho, esteve ontem em Belém, a pedido de Soares, um seu porta-voz confirmou ao «DL» que o partido terá uma posição concreta sobre a matéria quando dispuser de «todos os elementos necessários».

O PCP (Carlos Costa esteve ontem também em Belém) lembrou em comunicado que o estatuto regional aprovado na AR «não estabeleceu qualquer paridade ou equivalência entre a bandeira regional e a bandeira nacional», mas considerou «compreensíveis e legítimas» as preocupações manifestadas por alguns sectores quanto à interpretação das disposições do referido estatuto que pudessem conduzir ao «desrespeito pela dignidade dos símbolos nacionais da República Portuguesa».

No seu comunicado, o PCP entende caber ao Governo a regulamentação de tal matéria, com a participação dos órgãos regionais e das estruturas militares competentes.

O MDP remete igualmente o problema para a lei ordinária a definição das «praxes e honras» devidas aos símbolos regionais. Segundo o seu porta-voz, Gonçalves André, «ficou perfeitamente claro» na Comissão Parlamentar dos Assuntos Constitucionais que «não haveria equivalência entre os símbolos nacionais e os símbolos regionais».

Reacções nos Açores

O Governo Regional iniciou, por sua vez, uma forte contra-ofensiva em Ponta Delgada, que incluiu sondagens por telefone e contactos com dirigentes políticos regionais e comandos militares da zona açoriana.

Segundo João Macedo, do PS-Açores, «nunca passou pela cabeça de ninguém pôr em pé de igualdade a bandeira nacional e a regional». Américo Viveiros, secretário-geral do PSD-Açores, declarou, por sua vez, que Mário Soares tem de promulgar o estatuto e «não ceder à chantagem que lhe está a ser feita». Segundo Viveiros, o PR, «se ceder, perde a liberdade de comandante supremo das Forças Armadas, transformando-se num novo Bernardino Machado» e Portugal ficaria «numa situação tipo-Turquia, com a diferença de que na Turquia os militares exercem o poder directamente através do general Presidente e em Portugal exercê-lo-iam através de um civil presidente».

A sondagem entretanto encomendada por Mota Amaral, abrangeu 70 pessoas de sete das nove ilhas, e terá apurado — segundo o gabinete de Imprensa do governo regional — que mais de 90 por cento dos inquiridos não considera que o uso dos símbolos regionais ponha em perigo a unidade nacional.

EUA: novo cônsul em Ponta Delgada

Entretanto, os EUA nomearam para Ponta Delgada um novo cônsul, Curtis Stewart, que deverá assumir o cargo no próximo dia 22 de Setembro.

Stewart, antigo cônsul na África do Sul, passou os últimos seis meses no Departamento de Estado, em Washington, a preparar-se para a nova missão, frequentando nomeadamente um curso intensivo de português.

O novo cônsul está de visita actualmente a Fall River, cidade norte-americana onde existe uma importante comunidade açoriana.

Vitória do SPD em 1987 seria importante para o PS

• *disse Constâncio esta manhã na RFA*

Vítor Constâncio defendeu esta manhã, em Nuremberga, no congresso do SPD alemão-federal que uma vitória deste partido nas próximas eleições gerais na RFA — Janeiro de 1987 —, «seria muito importante» para os partidos sociais-democratas e socialistas da Europa tendo em vista os grandes desafios do momento, nomeadamente os da crise económica, das novas tecnologias e da crise do Estado providência.

Constâncio recordou os laços estreitos entre o PS português e o SPD (nomeadamente a fundação do seu partido na Alemanha Federal, em 1973) e falou do último congresso socialista que o levou a suceder a Mário Soares.

O novo projecto de programa do SPD responde de forma positiva ao grande desafio que se levanta aos europeus e respeita valores clássicos da esquerda democrática, como a justiça social, o Estado providência forte e o apoio à cooperação como Terceiro Mundo — considerou o líder dos socialistas portugueses.

O SPD — acrescentou Constâncio — ao fazer uma síntese da forma como se devem enfrentar os grandes problemas do Mundo contemporâneo, não deixa de se preocupar com a Paz mundial e de ter em conta os temas que estão a dominar este congresso de Nuremberga: o emprego, o meio ambiente e a paz.

Sublinhou Constâncio, ainda, que todos os grandes problemas que hoje em dia preocupam os povos da Europa devem ser resolvidos a nível europeu, de onde a importância que deve ser dada à construção da Europa e à unidade europeia — sublinhou o sucessor de Mário Soares na chefia do PS.

José Condé continua como adido cultural do Brasil em Lisboa

O semanário luso-brasileiro «Mundo Português» garante, na sua última edição, que o adido cultural do Brasil em Lisboa, João Condé, vai permanecer no seu cargo.

«Não há a mais remota possibilidade de João Condé deixar este ano — e talvez em nenhum outro — o cargo de adido cultural do Brasil em Lisboa» — escreve o jornal, adiantando que Condé já organizou dois espectáculos brasileiros, que serão apresentados brevemente ao público português.

Os dois espectáculos, programados com o apoio da Embaixada de Portugal no Brasil, são o «Encontro com Fernando Pessoa», interpretado por Walmor Chagas e Italo Rossi, e a comédia musical «Piaf», com Bibi Ferreira.

O possível afastamento de João Condé do cargo de adido cultural fora divulgado pelo «Jornal do Brasil», **que afirmava que regressaria este ano ao Brasil.**

Horácio Cavaco, o novo presidente da RTA

Filipe Madeira diz que venceu coligação PSD/PCP

Novo presidente da RTA anuncia novas medidas de fundo

O novo presidente da Região de Turismo do Algarve lamentou o facto de «não poder haver dois vencedores» após serem conhecidos os resultados do escrutínio de ontem, no Salão Nobre da Assembleia Distrital de Faro. Horácio Cavaco Guerreiro enalteceu a actividade do presidente cessante, Luís Filipe Madeira, e considerou necessária a tomada imediata de medidas de fundo por parte deste importante órgão económico do Algarve. O ex-presidente afirmou entretanto que as eleições foram ganhas pela «coligação PSD/PCP».

Horácio Cavaco Guerreiro recordou o facto de haver um plano de actividades já aprovado «e bem idealizado pelo presidente cessante» — Luís Filipe Madeira —, acrescentando que o mesmo «será cumprido sem convulsões, embora sujeito a correcções em aspectos pontuais».

Cavaco Guerreiro referiu que a actividade turística «tem muitas 'nuances' e haverá aspectos a corrigir», antes de acrescentar que concorreu apenas como técnico de turismo (é actualmente director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve) e que procurará transmitir à RTA «todo o conteúdo técnico que ela deverá ter».

O novo presidente da RTA elogiou a personalidade do outro concorrente, Carlos Gonçalves Luís, lamentando o facto de «não poder haver dois vencedores».

Sobre a posição da RTA relativamente à zona do Interior algarvio, Horácio Cavaco disse que aquela «tem uma palavra a dizer no desenvolvimento turístico da região», até porque, sublinhou, «os 200 quilómetros de costa, a verificar-se o actual ritmo de crescimento turístico, dentro de alguns anos poderão não oferecer já os níveis de qualidade que se pretende».

Num breve improviso — a que acima nos referimos — feito após as eleições, e depois de realçar a actuação do seu antecessor, Horácio Cavaco apelou à colaboração de todos, especialmente dos 16 presidentes de câmara municipais, sem a qual — disse — o processo de regionalização não avançará.

Por sua vez, ao passar a pasta da presidência, Filipe Madeira afirmou que a sua conduta se pautara pela dignificação do organismo, da região e do País e ficou marcada pela isenção e por directrizes que apontavam para a prossecução dos interesses regionais.

«Nunca senti ao longo de três anos que o vínculo partidário estivesse na base das deliberações tomadas», acentuou Filipe Madeira, que ofereceu a sua colaboração a Horácio Cavaco e frisou que este vai encontrar a RTA «não destruída, mas de boa saúde».

Luís Filipe Madeira considerou ainda que a eleição do novo executivo da RTA constitui uma vitória da «coligação PSD/PCP» consubstanciada no acordo de voto entre os presidentes das câmaras sociais-democratas e representantes de entidades governamentais com os autarcas da APU e sindicalistas da área da CGTP-In».

«A partir de agora, os dois partidos devem assumir as suas responsabilidades em termos políticos nacionais» — disse Filipe Madeira, acrescentando que «fica o desafio ao PSD e a Cavaco Silva para um entendimento com o PCP na Assembleia da República».

Por sua vez, o líder social-democrata algarvio, Mendes Bota, afirmou que as declarações de Filipe Madeira «não passam de um mero argumento de campanha eleitoral do PS», esclarecendo que «não existem quaisquer compromissos com os comunistas», uma vez que o PCP «é uma força política com a qual não há qualquer hipótese de acordo, seja para o que for».

Cena inédita em Monsanto para identificar autor de atentado

Declarante entra a medo na sala dos réus...

Pela primeira vez na história do já longo julgamento do caso FUP/FP25 um declarante entrou, ainda que a medo e depois de grande insistência do juiz-presidente na sala onde se encontram os réus, com a finalidade de identificar um deles como autor de um atentado a tiro de que fora vítima. A «cena», mais ou menos «canalha», com insultos, pelo meio, teve um desenvolvimento acidentado. Vejamos.

Costa e Silva iniciou o seu depoimento dizendo ter sido alvejado a tiro numa noite de Junho de 82, quando seguia com um amigo, num carro da firma onde trabalha, na estrada Évora/Torrão. O autor dos disparos — disse — foi um indivíduo a quem, devido à luz dos faróis nos máximos, «notou perfeitamente as feições».

Pormenorizando um pouco mais, Costa e Silva, afirmou que tudo se passou cerca da meia-noite, hora em que, como se sabe, muita coisa terrível acontece por esse mundo de Cristo. Foi a essa hora que avistou na estrada tábuas com pregos, um dos quais lhe furou um pneu.

Ora, com o pneu em baixo, o seu acompanhante — afirmou o declarante caixeiro-viajante — saiu da viatura para retirar a tábua, tendo então, subitamente, surgido um desconhecido que a tiro destruiu um dos faróis do automóvel.

Costa e Silva começou a fazer rapidamente marcha atrás. Mas o atacante voltou a disparar, «aparentemente com uma pistola-metralhadora». E mais um pneu que foi ao ar. E a mala do carro foi perfurada. Mesmo em condições tão difíceis a fuga em direcção a Évora foi possível.

Medos e insultos

Feito o relato, o importante na sessão de ontem não era a rosa mas a identificação, entre os réus do autor, de tão maldosa façanha. E aí é que a porca torce o rabo, o que é o mesmo que dizer aí é que o caixeiro-viajante não teve fuga possível, pois o juiz-presidente aos receios disse nada e apertou o declarante a valer.

Na verdade, Costa e Silva, alegando a sua própria segurança e a dos filhos, falando de perseguições e ameaças já sofridas, não queria fazer reconhecimento nenhum, para mais ali à frente daquela maltosa toda. E explicava ao juiz-presidente que o reconhecimento já ele o havia feito, mas na PJ e através de uma parede espelhada só do seu lado, pela qual podia ver os suspeitos sem ser visto. Aí, sim, fora uma limpeza e reconheceu sem duvida nenhuma o autor dos disparos. Agora ali, em pleno tribunal, sem paredes espelhadas...

«Quem me garante, sr. dr. juiz, que algumas das pessoas aqui presentes amanhã, ao virem cá para fora, não vão exercer represálias contra mim? — insistia Costa e Silva, aflito, quando o juiz Adelino Salvado o convidou a aproximar-se da parede de vidro à prova de bala que separa a zona dos julgadores do sector dos réus, os quais seguiam embevecidos, a cena.

«Tenho receio, leio muito os jornais, sei o que se passa e não tenho garantias» — teimava o declarante perante a insistência do juiz. E logo a seguir Costa e Silva já não falava de receio mas incertezas de memória, pois «já lá vão quatro anos, sobre o ataque».

Austero, duro, coração de pedra, Adelino Salvado nem pestenajava sequer. E observou, frio: «Uma coisa é o senhor exigir que o Estado assegure a sua segurança, outra coisa é tomar uma atitude que se configure como fuga a colaborar com a Justiça!».

Aí, os réus gargalharam e proferiram frases que soaram ininteligíveis na sala de Imprensa, — mas cujo teor qualquer poderá advinhar sem grande dificuldade. E o declarante aproximou-se, enfim, da divisória do célebre vidro à prova de bala.

Porém, mesmo aí, com os réus tão perto, limitou-se a afirmar «não conseguir» identificar o atacante.

Adelino Salvado não desarmou. Ordenou então que Costa e Silva percorresse a bancada dos réus, o que foi feito, examinando-os um a um, até mandar levantar, ao que se supunha como suspeito, o réu Fernando Pinto Lacerda.

«Porco», «palhaço» foram alguns dos mimos com que o declarante foi de imediato obsequiado. E o juiz, claro, quis saber quem havia sido o autor de tais epítetos, pouco edificantes para a solenidade requerida, como se sabe, por um Tribunal. Claro: Pinto Lacerda foi expulso da sala, tendo a sessão sido interrompida para o colectivo de juízes decidir o que fazer com aquele réu.

Ficar ou não ficar

Ora, recomeçada a sessão, um pequeno golpe de teatro: afinal o caixeiro-viajante apontara a dedo o réu Lacerda não por ter sido ele o autor do atentado mas por ter proferido os insultos. Quem disparou na noite de Junho de 82 fora outro réu, José Manuel Estevão Vargas, distribuidor de pão, residente no Torrão, Alcácer do Sal. A identificação — sublinhe-se — foi feita, não olhando para os réus, mas olhando para um álbum oficial de fotografias dos réus que lhe foi posto diante de si na segunda parte da sessão de ontem. Mesmo assim, o declarante sempre acrescentou «não ter uma certeza absoluta»...

Por outro lado, e no que ao réu Pinto Lacerda respeita, a «cena» foi outra. O procurador da República, Teodósio Jacinto, defendeu que tal réu fosse impedido de voltar a comparecer no julgamento e que da acta fosse extraído procedimento criminal contra o mesmo. O colectivo de Juízes, com voto de vencido do presidente, esse decidiu autorizar a permanência na sala de Pinto Lacerda, a quem já se deveu anteriormente idênticos «actos de desrespeito». Como Adelino Salvado lembrou, porém, se Pinto Lacerda reincidir serão «tomadas as medidas adequadas».

Duas testemunhas

Durante a sessão de ontem, a 176.ª, foi ainda ouvido o padre católico Resina Rodrigues, como testemunha abonatória da ré Maria Helena da Costa Pereira, ex-freira.

O padre Resina Rodrigues, que afirmou conhecer a ré há 16 anos, disse quesempre viu a Maria Helena como «generosa e extremamente madura e com grande bom senso» e com uma atitude perante a vida que «contradizia a prática de actos terroristas».

Também a economista Elisabete Fernandes Lopes, outra testemunha abonatória, realçou que não considerava «de maneira nenhuma» a ré capaz de actos terroristas.

O julgamento prossegue esta tarde.

Por causa de um "milagre"

Português cumpre promessa: 18 voltas à França e a pé

Por se ter curado «milagrosamente» de uma doença pulmonar, um português prometeu fazer 18 vezes uma volta à França a pé, encontrando-se no quarto percurso ao fim de três anos de caminhada.

José Antero — de pasta na mão, vestido de fato macaco e com uns sapatos muito sólidos nos pés — disse à NP que está a percorrer França a pé pela quarta vez, a uma velocidade média de 8 quilómetros por hora, e que já fez mais de 18 mil quilómetros.

Trata-se do cumprimento de uma promessa pela cura de uma doença pulmonar da qual José Antero diz que se salvou «por um milagre». «Este ano — afirmou — já percorri 2400 quilómetros».

O «corredor» falou à NP em Calvados, pólo de uma das mais importantes aguardentes francesas de grande consumo na Bretanha.

Nesta quarta volta ele partiu de Agen, de onde a sua família é originária, e as próximas etapas são Paris, Lille, Toulouse e Agen de novo.

Para poder sobreviver ele vende os seus desenhos em restaurantes, e canta em cantinas e clubes.

Além de andar a pé, desenhar e cantar, José Antero também escreve, e já publicou um livro intitulado «Os Pés da Coragem», onde relata as experiências» destas viagens.

José Antero disse à agência NP que em Dezembro vai publicar um segundo livro intitulado «As lucubrações do porta à porta».

Sobre as suas origens portuguesas, limitou-se dizer que os seus pais tinham vindo de Portugal há muito tempo», mas não pôde precisar nem a data nem a região de origem.

MOSTEIROS DE ESPANHA E ANDORRA

EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO

GUIA ESPECIALIZADO

HOTÉIS SELECCIONADOS

10 DIAS

PARTIDAS: 22/8 • 5 e 19/9

Visitando: MADRID • ZARAGOZA • LOURDES • MONTSERRAT • BARCELONA • VALÊNCIA • BARCELONA

Reservas e informações

AVIC

AV. 5 DE OUTUBRO, 53

TEL 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70

OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

GROSSISTA 473/85

Feira das Cebolas volta a Coimbra

A quietude pantanosa das férias lectivas fazia Coimbra andar chorando pelas cebolas do Egipto — bens que tardam a chegar — quando nos útlimos dias lhe foi restituída a sua Feira das Cebolas, extinta há 40 anos.

Que o Grupo Folclórico «Camponeses», de Vila Nova de Cernache, tenha conseguido reconstituir, com fidelidade, a secular Feira de S. Bartolomeu (vulgo, Feira das Cebolas) é difícil afirmá-lo, até porque o rio das tradições não passa límpido mais de uma vez debaixo das mesmas pontes.

De qualquer maneira, a iniciativa, que foi apoiada pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal, constituiu um êxito comercial «entusiasmante», no dizer de um dirigente da colectividade organizadora.

Silvano Martins afirmou à Anop que, no cantinho da Praça do Comércio reservado à realização do certame, se venderam em quatro dias mais cebolas do que as que antigamente se transaccionavam nos 15 dias de duração da Feira de S. Bartolomeu.

De acordo com o mesmo animador da iniciativa, os agricultores de Cernache, freguesia do concelho de Coimbra, conhecida pela sua farta produção de cebolas e alhos, «tiveram de trabalhar dia e noite para fazer os 'cabos' exigidos pela grande procura dos compradores».

Os cabos, ou réstias, são conjuntos de um quarteirão (25 unidades) da liliácea, entrelaçados em cordão, de forma a retardar o florescimento dos bolbos e a facilitar o seu armazenamento.

Cerca de 15 milhares desses conjuntos foram vendidos nas quatro jornadas de reposição da Feira de S. Bartolomeu, onde como antigamente não houve balanças e o negócio se fez «a olho».

Conforme o tamanho uniformizado dos bolbos que compunham esses cabos, 375 000 cebolas passaram directamente do produtor ao consumidor a preços que oscilaram entre 100 e 300 escudos, cada réstia. e isso quase a brincar.

Quase a brincar porque a Feira das Cebolas nascida em 1815 no Rossio de Santa Clara, falecida há 40 anos na Avenida Navarro e agora ressuscitada na Praça do Comércio meteu de permeio diversões populares.

Grupos folclóricos esforçaram-se por retratar o povo camponês e as suas tradições recorrendo, para o efeito, a danças e cantares e também a trajes e jogos populares tais como o peco, o fito, a pela, o burro e a corrida de sacos.

As corridas de sacos acarretaram alguns dissabores à organização já que, em femininos, a septuagenária ganhadora terá feito alguma batota e foi difícil o entendimento com o turista inglês vencedor em masculinos.

Este, em concorrência com cinco adestrados portugueses, internacionalizou a prova mas teve imensa dificuldade em entender que poderia transpor a fronteira sem problemas de alfândega com o seu primeiro prémio — um cabo de cebolas — ao pescoço.

Os turistas foram, aliás, dos melhores fregueses da feira, abandonando diariamente o seu recinto ornamentados com cabos de cebolas e com ares comprovativos de que a sua estada em Coimbra não foi de todo em vão.

Para que as futuras edições do certame, se as houver, possam continuar trazendo alguma animação aos Agostos vazios, será necessária mais imaginação do que a que se notou este ano.

Para evitar estereótipos será preciso, por exemplo, que os Serviços Culturais do Município indiquem quando e em que circunstâncias surgiu a Feira de S. Bartolomeu e como é que foi evoluindo.

Esta Feira das Cebolas, que não é fidalga nenhuma, teve como tantas outras da cidade a triste sina de andar cirandando de um lado para o outro, sem morada fixa.

Cativeira da Praça Heróis do Ultramar permanece apenas, mas a seu contragosto, a CIC (Feira Comercial e Industrial) que não há maneira de se transferir para o poiso da sua predilecção, junto ao Choupal.

Feira em Coimbra ...mas todos os anos importamos uma parte substancial da cebola que consumimos

SEGURANÇA SOCIAL

Secretaria de Estado da Segurança Social

CENTRO NACIONAL DE PENSÕES

AVISO

Dada a alteração da forma de pagamento das pensões aos pensionistas que as recebiam através do Banco, o Centro Nacional de Pensões, relativamente às pensões do corrente mês, esclarece o seguinte:

1. Os pensionistas que habitualmente recebiam a sua pensão através do Banco, recebê-la-ão ainda este mês no mesmo Banco e no mesmo dia, caso tenham declarado que pretendem continuar a utilizar o sistema bancário e tenham correctamente preenchido o impresso enviado.

2. A partir do próximo mês de Setembro, para estes pensionistas, o pagamento começará a ser efectuado pelo sistema de transferência para a conta bancária que escolheram.

Oportunamente receberão aviso com a confirmação efectiva desta alteração e indicação da data em que a pensão é creditada na conta bancária.

3. Se não optou pelo novo sistema, ou no caso de a sua pensão não se encontrar a pagamento no Banco, é porque a mesma lhe será enviada por vale de correio directamente para a sua morada, devendo recebê-la até ao dia 28 do corrente mês.

Lisboa, 18 de Agosto de 1986

O CENTRO NACIONAL DE PENSÕES

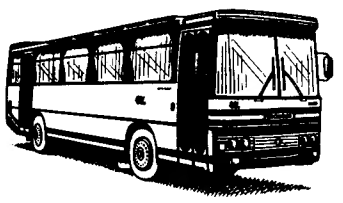
expressos RN

EXPRESSO
FARO/PORTO

HORÁRIO
Localidades

P		C
07.30	PORTO	18.20
09.15		16.40
	COIMBRA	
09.30		16.35
12.45	P. ALTO/TAIPADAS	13.30
13.45	(paragem técnica)	12.30
17.15		08.50
	FERREIRAS	
17.20		08.45
17.33	VILAMOURA	08.33
17.40	QUARTEIRA	08.26
18.05	FARO	08.00
C		P

DIARIAMENTE ATÉ 15/SETEMBRO



E-01/84

RN RODOVIARIA NACIONAL

Alterações impostas pelo MEC atrasam abertura de escolas

Apesar das declarações do Ministério da Educação e Cultura de que o próximo ano lectivo começará em devido tempo, foram tomadas medidas recentemente que inevitavelmente irão complicar a abertura das aulas em 86/87.

São essas medidas as alterações curriculares no ensino secundário complementar, lançamento de novo plano curricular para o ensino nocturno e modificação do regulamento de funcionamento do Conselho Pedagógico e de outros órgãos de gestão de apoio à escola.

As disposições foram lançadas através de Despachos Normativos ao abrigo do Decreto-Lei de 1967, n.º 47 587, conhecido pelo decreto das experiências pedagógicas, sem consulta aos conselhos directivos nem pedagógicos, nem às associações sindicais, e fazendo tábua rasa da Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada em Julho na Assembleia da República. A nova lei contempla esta matéria, dando ao Governo um ano para apresentar uma reestruturação curricular nos termos da lei aprovada.

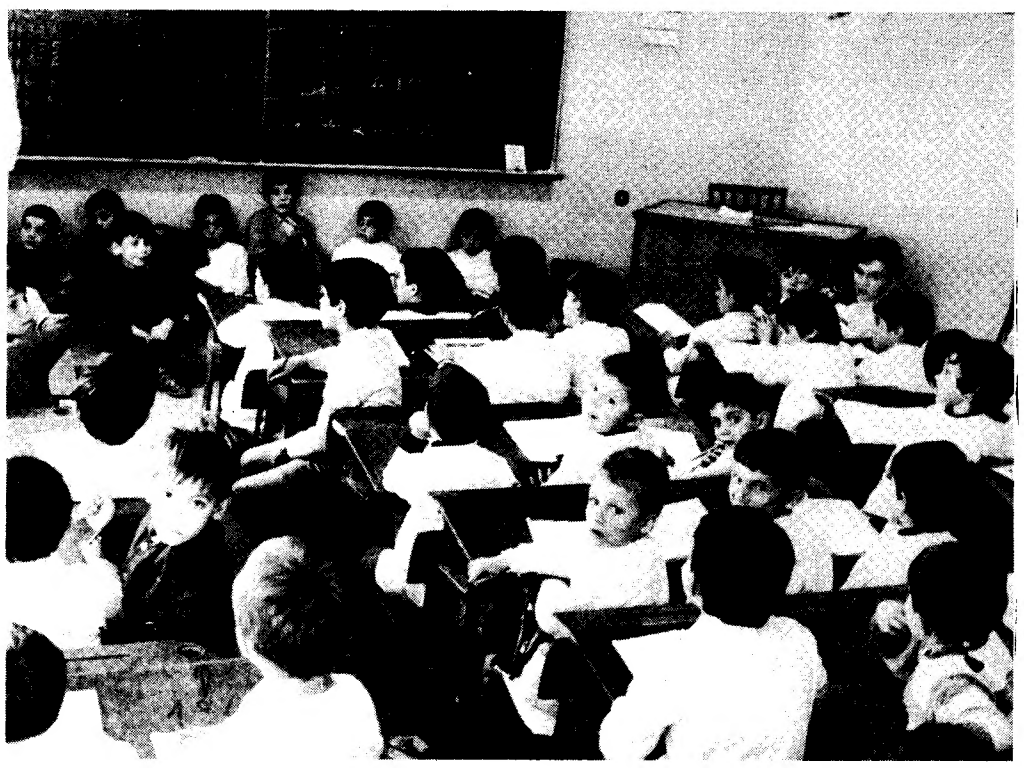
Os novos cursos nocturnos do Ensino Preparatório e o Curso Geral Nocturno do Ensino Secundário, criados pelos despachos referidos, abrangendo 19 escolas preparatórias, 50 escolas secundárias e duas escolas C+S (Ciclo e Secundário), implicam a consulta individual dos alunos já matriculados nessas escolas sobre se desejam continuar no regime normal ou no da experiência. Essa consulta só poderá verificar-se no final de Setembro, quando terminam as férias lectivas, e obrigará os conselhos directivos a reconstituir as turmas.

Também a mofificação do Regulamento dos Conselho Pedagógicos e órgãos de apoio das escolas tem consequências na preparação do ano lectivo e põe em causa o trabalho já realizado nas escolas com vista ao seu funcionamento no próximo ano.

Segundo o despacho, os delegados de disciplina passam também a desempenhar funções de directores de instalações, acumulando para esse efeito a redução de horário a que têm direito como delegados com as horas que serão distribuídas aos directores de instalações, o que poderá levar muitos daqueles professores a rejeitar o cargo para que foram eleitos.

Além de terem de refazer o trabalho, as escolas defrontam-se com ambiguidade nos diplomas publicados, para as quais os Serviços Centrais do MEC não têm resposta, pois também não foram consultados.

A Federação Nacional dos Professores propõe-se ouvir os professores sobre o conteúdo dos diplomas, criticando, no entanto, desde já severamente os métodos utilizados pelo MEC. Os sindicatos seus filiados chamam a atenção dos professores, nomeadamente os que constituem os conselhos directivos, para a necessidade de se distanciarem de qualquer responsabilidade por atrasos na abertura das escolas, resultantes da publicação dos diplomas referidos.



Em Portugal

"Analfabetismo funcional raia o catastrófico"

Cerca de 20 por cento dos jovens portugueses não completam a escolaridade de seis anos, obrigatória antes de aprovada a Lei de Bases.

Quarenta e cinco por cento não completam o nono ano de escolaridade, 67 por cento não prosseguem estudos para além do nono ano e apenas 8 a 10 por cento frequentam o ensino superior.

Daqui resulta ser frequente encontrar-se 70 a 80 por cento de jovens nos cursos de Educação Básica de Adultos.

Estas informações constam dum texto da Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, divulgado a propósito do Dia Internacional da Alfabetização, celebrado a 8 de Setembro.

No texto, assinado por António Inácio, da Comissão directiva da Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, afirma-se também que é do conhecimento de todos que o analfabetismo puro «é ainda um fenómeno grave em Portugal», mas que o analfabetismo funcional «raia as fronteiras do catastrófico».

Salienta-se que ao invés do que se poderia pensar, tendo em conta que a maioria dos analfabetos puros têm idade superior a 50 anos anos, a mais elevada taxa de analfabetismo da Europa seria extirpada, verifica-se que a tendência é para aumentar, devido ao abandono prematuro do sistema de ensino e a elevada taxa de insucesso escolar.

Em 1983-84, cerca de 60 por cento dos alunos que frequentam o ensino primário não obtiveram aproveitamento, segundo estatísticas do Instituto Nacional de Estatística.

«Podemos concluir que a alfabetização e a educação de base são compromissos irrevogáveis que qualquer governo deve assumir de forma personalizada e coerente, para todas as idades e por todos os meios, se pretende encetar um processo dinâmico de comunicação, de evolução e de desenvolvimento, tanto pessoal como sócio-colectivo num País que se pretende europeu. Quem tem a coragem de receitar esses grandes remédios, sempre difíceis de obter?» — pergunta a APCEP.

Subsídio para docentes que leccionem nos Açores

Os professores dos ensinos preparatório e secundário com habilitação própria que leccionem nas ilhas açorianas menos povoadas vão passar a beneficiar de um subsídio complementar do seu vencimento que atingirá entre 30 e 40 por cento do valor desta retribuição.

A medida, agora anunciada por uma fonte do gabinete de Mota Amaral, visa contribuir para o preenchimento de vagas naqueles graus de ensino nas ilhas do Pico, Graciosa, Flores, Santa Maria e Corvo.

Está também prevista a sua aplicação no concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel.

O responsável governamental que anunciou a criação destes subsídios a atribuir já no próximo ano lectivo, disse que o executivo estuda medida semelhante para os ensinos pré-primário e pimário.

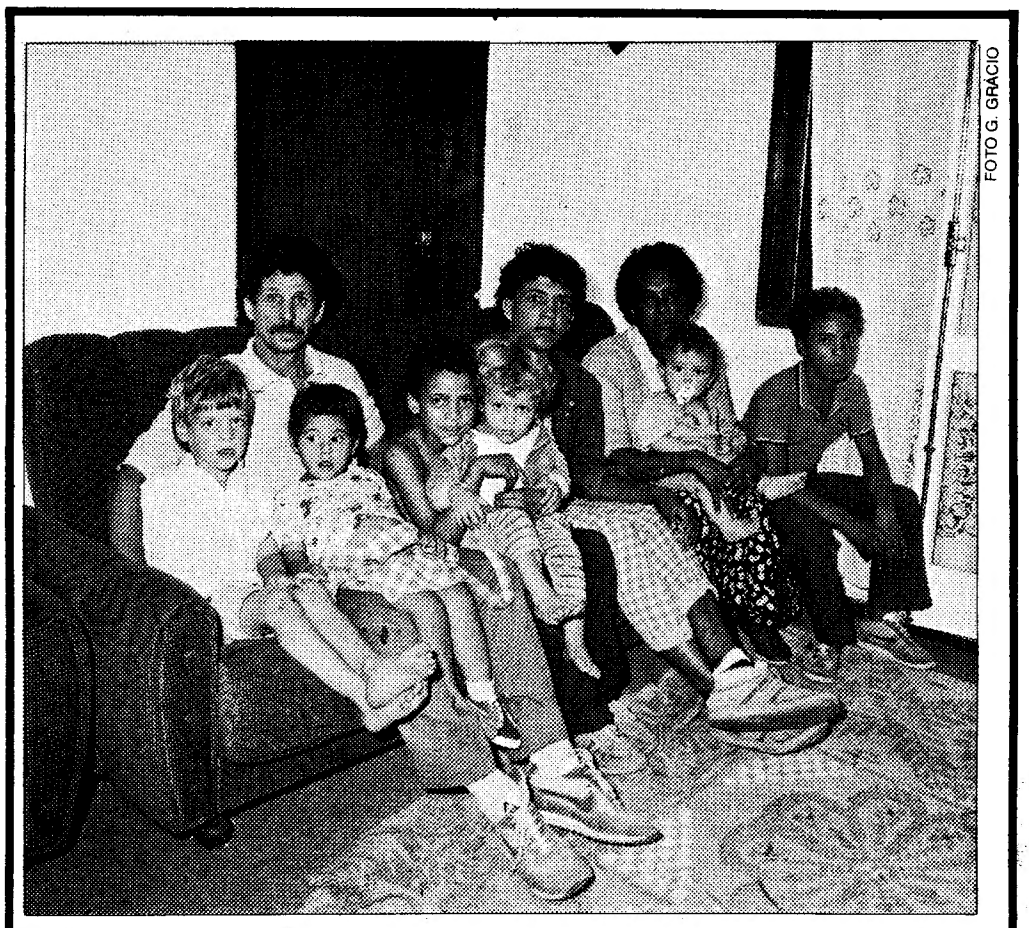


FOTO G. GRÁCIO

Vítor Daniel de Sousa e família

PORTUGUÊS, TOTALISTA, 45 ANOS DE IDADE

Não há mal que sempre dure. Para Vítor Daniel de Sousa, de 45 anos, e sua mulher Rita Joana acabaram de vez os problemas de uma vida inteira de suor e trabalho árduo, de recompensas poucas e muitas tristezas. Ainda há dois anos lhes faleceu o mais velho dos seus oito filhos.

Regressado de Angola, onde esteve 25 anos, apenas com o que trazia vestido, »...por não se poder fazer nudismo...», Vítor Daniel encara agora a vida sob outra perspectiva. 1986 vai ficar para sempre gravado na sua memória. Se não, vejamos: Pela Páscoa saíu-lhe a Sorte Grande e, agora, mais de cinquenta mil contos no Totoloto – a repartir por mais 2 sócios.

Não se pode dizer que foi mau.

Ainda pensou ir comemorar com uma mariscada «mas como só bebo água, era estragar as duas coisas». Um bom bacalhau com batatas satisfez este milionário exemplar.

«Levanto-me todos os dias às 7 horas, tomo o meu galão e uma sandes de queijo e entro para o meu emprego numa casa de ferragens». Para este habitante de um Bairro Social nos arredores de Leiria, a vida continua igual, se bem que mais confortável. Grande amante de crianças, Vítor Daniel adoptou, inclusive, uma criança de 5 anos quando ganhou a lotaria. E «porque o dinheiro se gasta depressa, vou comprar uma terra, semear as minhas coisas e aí construir uma casa para os meus».

Célebre na sua terra, após a reportagem televisiva de que foi alvo, Vítor Daniel mantém a serenidade e bom humor que o caracterizam mesmo quando é frequentemente cumprimentado por pessoas desconhecidas, simples trauseuntes, que o reconhecem. «Apostem forte no Totoloto, que é para ver se na próxima inda ganho mais qualquer coisa». Sim, porque ele está convencido de, mais tare ou mais cedo, repetir a proeza, Aliás, não há duas sem três.

«Vou jantar com a família, vejo a Vereda Tropical e, depois, cama. Para dormir tranquilamente e sonhar com a próxima chave do concurso».

Para este casal simples, o Totoloto veio trazer uma renascida esperança.

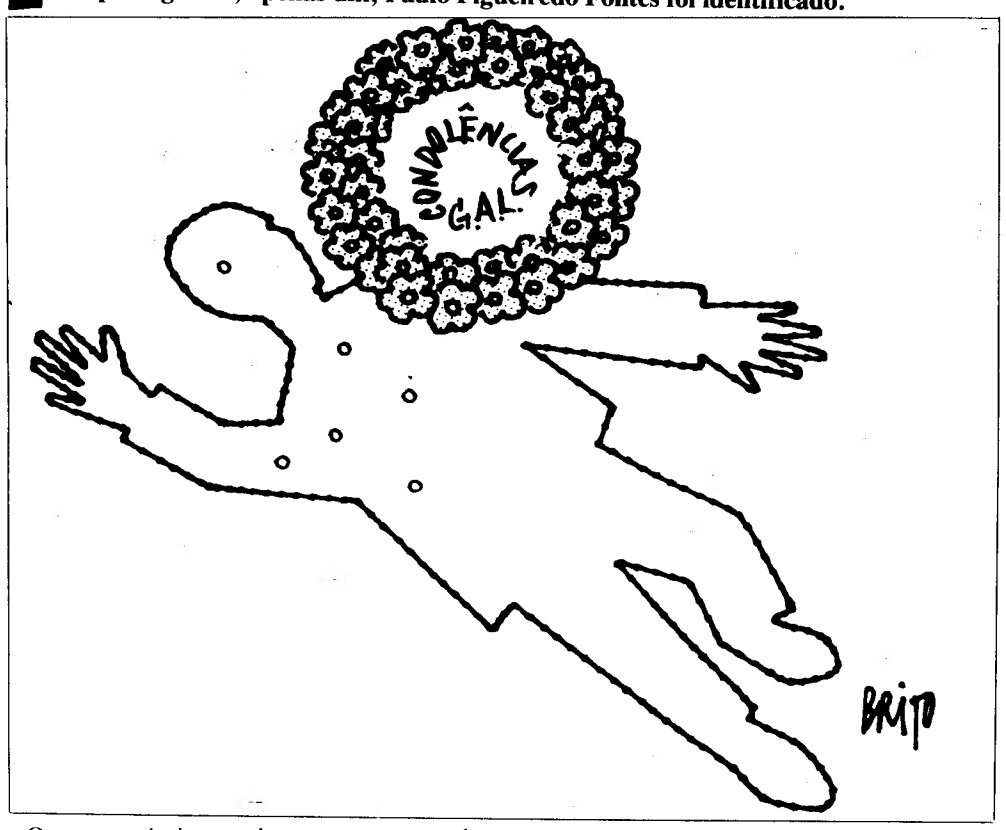
Porque não há mal que sempre dure.

Acusados de dois atentados em Fevereiro deste ano

Três portugueses detidos em Pau por suspeita de matarem etarras

• *Polícia liga-os aos GAL que actuam no Sul de França*

Três portugueses foram ontem detidos pelas autoridades francesas de Pau e acusados de pertencerem aos Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL) que desde 1984 cometeram vários atentados noSul de França contra membros da ETA-Militar. Dos três portugueses, apenas um, Paulo Figueiredo Fontes foi identificado.



Os presumíveis membros portugueses do GAL poderão vir a ser enviados para julgamento em Portugal, a seu tempo. O trio foi detido «com a colaboração das autoridades francesas e portuguesas», segundo um comunicado tornado público pelo Tribunal de Pau, cidade que dista 750 quilómetros de Paris e fica muito perto de Baiona.

A primeira suspeita de que houvesse portugueses implicados nas acções dos GAL surgiu há cerca de seis meses, quando a Polícia francesa deteve um indivíduo de nacionalidade portuguesa suspeito de ter participado no atentado a um bar numa localidade do Sul da França.

Este atentado foi reivindicado telefonicamente pelo Grupo Antiterrorista de Libertação (GAL).

Nos últimos seis meses, com o reforço da colaboração hispano-francesa na luta contra o terrorismo, os GAL deixaram de actuar.

Marie-Françoise d' Estarbes, substituto do procurador-geral de Pau, cidade francesa da região dos Pirenéus, disse que dois dos três acusados participaram directamente nos atentados de 8 de Fevereiro último contra o bar «Batxoki», de Baiona, e de 13 de Fevereiro, contra o bar «La Consolation», nos arredores de Saint Jean de Luz.

Estes dois estabelecimentos era frequentados por bascos espanhóis residentes em França e suspeitos de pertencer à organização separatista basca ETA.

Acusação começou a 13 de Fevereiro...

As acusações que impendem sobre os três portugueses acusam Figueiredo Fontes de haver, segundo a juiz francesa, recrutado os outros dois portugueses acusados para realizar os atentados em nome dos GAL.

Marie Françoise d' Estarbes precisou que a prisão dos três portugueses só foi possível «graças à colaboração estreita e directa entre autoridade policiais e judiciárias portuguesas e francesas» e os réus «serão entregues à justiça portuguesa para serem julgados».

Anteriormente, o português Paulo Figueiredo Fontes tinha sido capturado pela Polícia francesa no País Basco e acusado de pertencer à organização clandestina espanhola GAL.

Figueiredo Fontes, preso a 13 de Fevereiro como suspeito de participação no atentado realizado no mesmo dia em Saint Jean de Luz, foi entretanto formalmente acusado de tentativa de assassínio, associação de malfeitores e posse ilegal de arma.

Em comunicado, a Polícia Judiciária portuguesa afirma que «uma investigação iniciada pelas autoridades francesas detectou o envolvimento de cidadãos portugueses em atentados ocorridos naquele país».

«Após o conhecimento de tais factos — refere o comunicado — a PJ desenvolveu diligências a solicitação das autoridades judiciais francesas, as quais tiveram resultados positivos, dando origem a um processo-crime que se encontra (em fase de instrução) no Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa e à ordem do qual se encontram presos três indivíduos».

Os dois crimes que lhes são atribuídos

«Dois indivíduos armados com uma pistola e uma caçadeira entraram cerca das 21 horas no «Bar Batzoki», na zona velha da cidade de Baiona no País Basco francês e dispararam sobre os clientes», anunciou, no dia 8 de Fevereiro, a Polícia francesa.

As autoridades policiais relataram que um dos feridos era francês, dois bascos espanhóis, residentes no Sul de França, e o outro um menino de três anos, filho de um dos bascos.

No dia 13 de Fevereiro, a Polícia francesa deteve em Saint Jean de Luz (localidade francesa dos Pirenéus Atlânticos), um português suspeito de ter participado num atentado contra o bar «Consolation». No atentado «ficou gravemente ferido um basco espanhol», informaram as autoridades.

Os GAL, de que presumivelmente os três portugueses agora detidos são membros, apareceram pela primeira vez em Dezembro de 1984, anunciando que pretendiam exercer represálias contra membros da ETA-Militar.

Até agora, os grupos anti-terroristas de libertação reivindicaram atentados ocorridos no Sul de França em que morreram 12 presumíveis etarras.

A origem e a composição dos GAL é desconhecida, mas fontes policiais francesas atribuem a sua inspiração e organização a meios espanhóis que os incitam a actuar na «guerra suja» contra a ETA.

As autoridades francesas sustentam que os membros do GAL são delinquentes contratados para cometerem atentados.

Apreensão de carta gera controvérsia

Direcção de Viação reafirma competência da GNR e PSP

A PSP e a GNR vão continuar a apreender cartas de condução, apesar da declaração de inconstitucionalidade da competência da Direcção-Geral de Viação para inibir de conduzir os condutores que paguem voluntariamente as suas multas.

A apreensão das cartas de condução mantém-se «intocável», esclareceu ontem a Direcção-Geral de Viação.

O comunicado refere que o acórdão que declara inconstitucional a norma que atribui competência à Direcção-Geral de Viação para aplicar medidas de inibição de conduzir aos condutores que tenham pago voluntariamente as multas, «só têm eficácia quanto aos casos concretos que forem julgados».

«A eficácia só será genérica quando o Tribunal Constitucional declarar a inconstitucionalidade com força obrigatória geral» — explica o comunicado. «Até lá, a Direcção-Geral de Viação continua a manter a competência que lhe é atribuída pela primeira parte do número 4 do artigo 61 do Código da Estrada.»

«Na verdade — continua o texto do comunicado — com a apreensão das licenças de condução por motivo de transgressões, não se verifica **'ipso facto'** a impossibilidade de o utente conduzir, porquanto lhe é fornecida uma guia».

Mas «mesmo quando for declarada a inconstitucionalidade com força obrigatória geral, passando a competência para aplicação da inibição de conduzir em exclusivo para os tribunais, a apreensão das licenças manter-se-á de modo a permitir o atempado e correcto cumprimento da decisão judicial que ao caso aprouver», afirma a DGV.

A Direcção-Geral de Viação refere que se mantém em vigor a norma que atribui à GNR e à PSP «competência para efectuar a apreensão» de cartas de condução e esclarece as competências entre as autoridades fiscalizadoras do trânsito, GNR e PSP, e a DGV na apreensão de carta de condução e na inibição de conduzir, como atrás referimos. «A deturpação ou confusão destas normas cria sérios obstáculos à segurança rodoviária — defende a DGV —, pelo que se impõe o rigoroso cumprimento das disposições legais em vigor.»

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Minhas senhoras e meus senhores. Prezados correlegionários:

Houve tempo em que nos vimos obrigados a esconder as nossas simpatias políticas. Refiro-me aos meses que seguiram o vinte e cinco barra quatro.

Felizmente, o ostracismo acabou. Já podemos andar por aí de cara descoberta. Já podemos, como neste momento, discutir em público os graves problemas da nossa época tão conturbada.

Um deles é, sem qualquer sombra de dúvida, a Reforma Agrária. De facto, a Reforma Agrária é uma das aspirações mais sentidas do mundo dos nossos dias. A campanha desenvolvida na televisão portuguesa a favor da Reforma Agrária merece a nossa total, absoluta concordância.

Porquê? Porque a justiça social é inseparável de uma criteriosa distribuição das terras. Terra muita em poucas mãos, é factor de instabilidade que provoca a médio ou a longo prazo, terríveis convulsões sociais.

Os maiores pensadores da Humanidade, desde Confucio a Jesus Cristo, passando pelo meu primo Artur que foi governador civil, são unânimes em declarar que a Reforma Agrária avalia as tensões, aumenta a produção, humaniza as relações sociais, aumenta a consciência do factor histórico, liberta o homem do degradante sentimento de posse que, segundo Jesus Cristo, é o caminho mais curto para o inferno.

Tem razão o Telejornal quando diz que a Reforma Agrária, mais do que um vago desejo é um imperativo do nosso tempo. As imagens apresentadas, não sei se os meus amigos viram ontem a emissão, são bem o espelho de uma cruel verdade!
Apoiemos pois a Reforma Agrária pois ela representa um passo em frente na resolução dos problemas que afligem uma sociedade que...

NOTA — O orador não teve tempo de terminar, pois foi alvo de vários projecteis, como pesados fios de ouro de 18 quilates, relógios de pulso, cigarreiras, etc., pelo que teve de recolher ao hospital, basto contuso. A assistência, entre a qual se encontrava o ministro, não percebeu que o orador se referia à Reforma Agrária — no Brasil.

Esta manhã, em Odivelas

Granada-armadilha contra capitão

O rebentamento de uma granada, esta manhã cerca das 8 e 45, provocou ferimentos graves no Capitão do Exército João José Caramelo Simeão que se encontrava ao fim desta manhã de hoje no bloco operatório do Hospital Militar da Estrêla.

«Ele entrou no carro que estava em cima do passeio, andou uns quatro metros e, quando virava para a esquerda o carro explodiu», declarou ao «DL» Octávio Barreto Marques, vizinho do capitão do exército, uma das testemunhas oculares do atentado.

«O guarda-lamas do lado esquerdo foi parar junto aquela loja», continuou, apontando para um estabelecimento que dista cerca de 20 metros do local onde um conjunto de chapas retorcidas e queimadas é o que resta do «Renault 5», matrícula BS-56-03.

«O srº capitão foi cuspido uns dois metros, tinha as pernas e os pés atingidos e ferimentos no peito», prosseguiu Octávio Barreto Marques, sublinhando que, «à chegada ao Hospital da Estrêla, quando o levantaram, via-se que ele tinha estilhaços no peito».

Em contacto com aquela unidade hospitalar, o «DL» apurou que, embora o seu estado seja grave, o capitão João José Caramelo Simeão não corre perigo de vida. «Neste momento está no bloco operatório, os ferimentos mais graves são nas pernas mas, em principio, não deverá ser necessário amputar nenhum dos membros», precisou um informador do serviço de urgência do Hospital Militar da Estrêla.

De sargento a capitão

De acordo com as primeiras observações feitas pelos agentes da Secção de Minas e Armadilhas da Policia de Seguranca Pública e da Policia Judiciária, na origem da explosão esteve uma granada acopulada à direcção do veículo.

Assim, depois de ter estado a falar com um garagista, a quem pretendia vender o seu carro, o capitão Simeão ligou o motor do veículo e, quase em linha recta, desceu o passeio. Quando guinou o volante para a esquerda, o sistema que permitiu a fixação da granada, libertou a cavilha originando a deflagaração.

Aliás, segundo o «DL» apurou, os agentes policiais terão encontrado a cavilha e partes da granada, e no guarda-lamas do lado esquerdo, a parte exterior do veículo que sofreu o impacto da deflagaração, que foi projectado cerca de 20 metros, eram bem visíveis um grande número de orifícios.

O capitão João José Caramelo Simeão, chefiava a secção de contabilidade do Instituto Militar de Odivelas, sendo proveniente do serviço geral do Exército.

De acordo com uma informação do Estado Maior do Exército, o oficial, de 48 anos, tinha começado a sua carreira como sargento, posto no qual desempenhou várias comissões de serviço. Após ter frequentado vários cursos, subiu ao posto de capitão no qual se mantinha há muitos anos, segundo declarou ao «DL» o tenente-coronel Vieira, chefe interino das Relações Públicas do Estado Maior do Exército.

«Não há ligação com a carta de Guimarães»

O atentado de que foi vítima esta manhã em Odivelas o capitão Simeão, é o nono registado em Portugal desde o principio do ano.

No dia 15 de Fevereiro, um comando constituído por dois homens, abateu a tiro, em Lisboa, o Director-Geral dos Serviços Prisionais, Gaspar Castelo-Branco, numa acção que viria a ser reivindicada pelas «FP-25».

Um dia depois, explodiu uma granada ofensiva debaixo de uma carrinha de um Externato, em Lisboa, causando ferimentos ligeiros no motorista. De acordo com as investigações, um caso passional estaria na origem do atentado.

A 18 de Fevereiro, explodiu um carro armadilhado à entrada da embaiaxada dos Estados Unidos em Lisboa, sem causar vítimas. O acto viria a ser reivindicado em nome das auto-denominadas Forças Populares 25 de Abril.

A 10 de Abril explodiu uma bomba nas instalações da «Air France» em Lisboa, provocando avultados prejuízos. Sete dias depois, rebentou um morteiro nas imediações do Comiberlant, em Oeiras, sem causar quaisquer vítimas ou danos.

Por fim, a 14 de Julho, deflagraram duas bombas em Setúbal, uma no centro de Évora e outra nos arredores desta cidade, em acções reivindicadas por uma organização auto-denominada Organização Revolucionária Armada (ORA), desconhecida das autoridades policiais.

A explosão desta manhã, em Odivelas, segue-se à divulgação de uma carta anónima, dirigida de Guimarães para os escritórios da Agência Associated Press, na qual, depois de proclamarem a sua solidariedade com as FP-25 e a ETA-Militar, os autores ameaçavam com um, Setembro Negro para as regiões turísticas de Portugal e Espanha. A missiva, escrita num misto de mau português e castelhano primário, não mereceu qualquer crédito à Policia Judiciária. «Trata-se, claramente, de uma brincadeira de mau gosto, razão pela qual não lhe damos qualquer crédito, nem estabelecemos ligação com o atentado desta manhã», precisou ao «DL» uma fonte daquela policia.

Pode ser hoje ou daqui a um ano

Polícia perde esperanças de apanhar os Cavacos

Exactamente um mês deois da evasão da cadeia de Pinheiro da Cruz, que provocou a morte de três guardas prisionais, as autoridades policiais mostram-se hoje menos optimistas quanto à recaptura dos dois fugitivos ainda a monte.

«Pode ser amanhã como pode ser daqui a um ano» — disse uma fonte da Polícia Judiciária referindo-se à recaptura de José Faustino Cavaco e Vítor Clemente Cavaco, anunciada como eminente há duas semanas.

Segundo a mesma fonte, porém, as autoridades policiais mantêm a convicção de que aqueles dois evadidos continuam escondidos no Algarve.

Embora reconhecendo que «as coisas esfriaram e já não há aquele entusiasmo», a fonte policial contactada desmentiu que a PJ tenha mandado regressar a Lisboa o pessoal destacado para o sul do país.

«O que perdeu actualidade foi a ideia de que os Cavacos estariam cercados na serra algarvia» — acrescentou.

A evasão da Cadeia de Pinheiro da Cruz, envolvendo seis reclusos considerados «altamente perigosos», ocorreu em 28 de Julho de 1986. José Faustino Cavaco e Vítor Clemente Cavaco são os únicos que continuam a monte.

Esta manhã, em Setúbal, a caminho da Setenave

Autocarro despista-se e faz 12 feridos

Quatro veículos envolveram-se hoje de manhã num acidente, numa estrada portuária de Setúbal, que causou 12 feridos. O desastre deu-se cerca das 9 horas quando uma camioneta de passageiros da empresa «Barraqueiro» que seguia na estrada da Cachoferrada, que dá acesso à Setenave, embateu junto à passagem de nível das Fontaínhas com uma camioneta carregada de toros destinados à Portucel.

O veículo de carga embateu de seguida num jipe estacionado nas proximidades, esmagando-o. O acidente obrigou à travagem brusca de uma segunda camioneta carregada de madeira que derramou a carga na via. Os feridos, que seguiam na camioneta de passageiros, foram tratados no Hospital de Setúbal, não havendo nenhum em estado grave.

REVISÃO SALARIAL NOS CTT LEVA OS TRABALHADORES À LUTA
ADM/GOVERNO TENTAM IMPÔR SALÁRIOS POR ACTO DE GESTÃO

Os trabalhadores dos CTT, tal como muitos outros milhares de trabalhadores deste país, lutam por aumentos salariais justos.

A Administração dos CTT e o Governo, à semelhança do que acontece também em muitas outras empresas, estão a tentar dificultar as negociações, com o objectivo de procurar impor aos trabalhadores, salários por acto de gestão que se enquadrem na política demagógica que o Governo vem proclamando nos meios de comunicação social ao seu serviço, com o acordo da UGT.

A demagogia do Governo assente na mentira organizada, pretende fazer crer que o aumento real do custo de vida se enquadra nos valores por eles constantemente apregoados.

Porém, mais que ninguém, são os trabalhadores que tudo têm que comprar, aqueles que melhor conhecem quanto subiu o custo de vida.

A Administração dos CTT, na reunião de dia 26 de Agosto, por ordens do Governo, e depois de mais de dezassete horas consecutivas de reunião, apresentou formalmente os seguintes valores:

— Tabela salarial... 14,5%
— Outras matérias pecuniárias — valores entre 14 e 16%
— Cerca de metade das propostas da FCT sem resposta.

Esta posição da Administração é o resultado exclusivo da determinação e mobilização para a luta demonstrada pelos trabalhadores, face a propostas que se situam ainda bastante abaixo dos valores negociados na MARCONI.

Porém, estes valores que o Governo através da tutela pretende aplicar por acto de gestão, tiveram o imediato acordo dos divisionistas do Sindetelco/UGT, mostrando, mais uma vez, que o seu exclusivo papel é dizer Sim às Adm/Governo quando estas o entendam e lho ordenarem.

— Os trabalhadores dos CTT exigem aumentos salariais justos, de acordo com as suas necessidades e o seu valor profissional.

— Os trabalhadores dos CTT não aceitarão aumentos inferiores aos que se verificaram em 1986 noutras empresas do sector, nomeadamente na MARCONI.

— A empresa CTT pode perfeitamente suportá-los, pois a situação económica é estável, tendo-se verificado em 1985:

* Lucros superiores a 1 milhão de contos
* Aumento de produtividade apesar da redução de efectivos.

Face à proposta da Adm/Governo, que não tem minimamente em conta os interesses dos trabalhadores, estes são forçados a levar à prática o seguinte calendário de lutas:

Dia 29/8 às 10.30 h:
Concentração em frente à sala de negociações /Adm.
Dia 1/9 a 7/9:
Recusa de prestação de trabalho extraordinário e em dias de descanso semanal e recusa de condução de veículos em acumulação de funções.
Dia 5/9:
Greve geral nos CTC — Centros de tratamento de correio.
Dias 8 e 9/9:
Greve geral para todos os trabalhadores.

A Adm/Governo ainda estão a tempo de evitar a agudização da luta dos trabalhadores dos CTT, bastando para tanto que coloquem na mesa propostas que correspondam às promessas públicas do sr. Primeiro-Ministro, quando anuncia que os salários reais vão subir 5% relativamente ao custo de vida.

Os trabalhadores não desejam a luta, mas não a temem.

A sua realização dependerá exclusivamente do comportamento da Adm/Governo, que desde já responsabilizamos pelas consequências resultantes para o público utente, a quem solicitamos apoio e compreensão pelos justos objectivos da nossa LUTA.

Lisboa, 28 de Agosto de 1986

A CNS da FCT/SNTCT/SINTEL

No Brasil

Sucesso absoluto do Plano Cruzado

O «ano Cruzado», programa económico posto em prática pelo governo brasileiro, atingiu cerca de 90 por cento dos seus objectivos - redução de inflação, criação de emprego e crescimento industrial - afirmaram fontes oficiais em Brasília.

A taxa de inflação, que em Fevereiro era de 15 por cento, fixou-se, em Julho, em 2,6 por cento e o governo brasileiro prevê que não ultrapasse os 10 por cento, nos primeiros 10 meses da vigência do plano, disse à Imprensa o ministro brasileiro das Finanças, Dilson Funaro.

Em Março, o Brasil registou a primeira deflação (de 0,11 por cento). Em Abril, o custo de vida aumentou 0,78 por cento e em Maio, 1,40 por cento, valores que subiriam para 1,27 e 1,19, em Junho e Julho.

Números oficiais revelam que o crescimento industrial foi de 12 por cento e que a balança comercial registava em Julho um «superavit» de 12.000 milhões de dólares.

O aumento do poder de compra dos brasileiros, em consequência, entre outros factores, como o congelamento dos preços, traduziu-se num aumento desenfread do consumo, que ameaçou os objectivos do plano (as vendas registaram aument mensais da ordem dos 125 por cento «A economia brasileira está hoje numa situação boa em 90 por cento dos seus sectores, apesar de registar ainda dificuldades noutros», declarou Dilso Funaro.

O ministro brasileiro salientou que durante os cerca de seis meses de vigência do plano o governo só precisou de introduzir algumas alterações ao nível do consumo, para deter o «consumismo», lançando um «empréstimo compulsivo», ou seja um imposto obrigatório mas reembolsável sobre a gasolina, automóveis novos e usados, viagens ao estrangeiro e câmbio de dólares.

O montante do imposto, que cria receitas para o Fundo de Desenvolvimento, recentemente criado, será devolvido três anos depois, acrescido de juros taxa de 6 por cento ao ano.

O Fundo de Desenvolvimento projecta investir nos próximos quatro anos 100.000 milhões de dólares em programas de desenvolvimento social.

As cotações do dólar estão congeladas desde Fevereiro (um dólar mantém-se em 13,84 cruzados) mas, no mercado negro, a moeda norte-americana chegou a vender-se a 25 cruzados, o que obrigou o governo brasileiro a tomar medidas para travar a especulação cambial.

O governo brasileiro anunciou, também, a tomada de medidas que visam travar o aumento dos preços de produtos de primeira necessidade.

Principalmente na Alemanha Federal

Julho trava euforia do automóvel

Um primeiro semestre brilhante no conjunto da indústria automobilística alemã, continuação aliás de recuperação do sector verificada durante todo o ano de 1985 e com resultados espectaculares nas exportações está agora a ser afectado pela valorização do marco que conduziu directamente à diminuição da procura externa.

No mês de Julho passado, a indústria automóvel da RFA fabricou 290 300 viaturas, menos 4 por cento que em idêntico mês do ano passado, anunciou a associação patronal do sector que acrescentou terem as exportações diminuído 8 por cento no mesmo período.

No entanto, o clima é ainda de euforia, trazida de 1985 e do primeiro semestre de 86, pois está ainda por confirmar se estes sintomas de arrefecimento da procura são consistentes e duráveis.

A procura interna e externa tinha forçado, nos últimos tempos a retoma, a todo o vapor, da capacidade produtiva da indústria automóvel alemã-federal, uma das mais fortes do Mundo.

Os balanços anuais justificam a satisfação: com quase 4,2 milhões de veículos produzidos, os fabricantes alemães atingiram, em 1985, um novo recorde. No primeiro semestre de 1986 a produção total foi superior a 2 milhões de veículos. Como afirma o director-presidente da VW, Karl H. Hahn, o sector foi acompanhado principalmente por uma «exportação brilhante». Nada menos de 60% de toda a produção foi exportada.

A Volkswagen, por exemplo alcançou pela primeira vez na sua facturação mundial mais de 50 biliões de marcos e com um percentual de mercado de 13%, ocupa o primeiro lugar entre os produtores europeus de veículos. Em todo o Mundo a VW vendeu cerca de 2,4 milhões de veículos, aproximando-se de 12% mais do que no ano anterior. A Daimler-Penz, com a aquisição da AEG, Donier e MTU, está no melhor caminho, diz o seu director-presidente, Werner Breitschwerdt, de se tornar «um conglomerado tecnológico de vulto internacional». Também a BMW, afirma-se em Munique, aumentou a sua facturação em cerca de 10%.

O desenvolvimento de produção favorável da actualidade levou a que no período entre 1983 e 1986 a indústria automobilística alemã abrisse quase 60 000 novos empregos, apesar da acentuada utilização de novas tecnologias de produção.

Yamaha negoceia na União Soviética

A Yamaha, o segundo fabricante mundial de motos, informou, entretanto, que está a negociar a fabricação de motociclos na União Soviética, numa confirmação da estratégia de desenvolvimento da produção da empresa no estrangeiro.

Um porta-voz da empresa japonesa declarou que a sociedade, que exporta 60 por cento da sua produção, decidiu aumentar a parte de motos fabricados no estrangeiro, a fim de contornar as retrições proteccionistas e os efeitos da alta do iene.

A Yamaha pretende construir na União Soviética, até final do ano, motos de 250 a 350 centímetros cúbicos de cilindrada. O acordo inclui a transferência de tecnologia e a fabricação de 50 000 motos por ano pela Yahmaha, que se torna, assim, no primeiro construtor japonês de motorizadas na União Soviética.

Baixam exportações japonesas

As exportações dos dois principais construtores japoneses de automóveis — Toyota e Nissan — baixaram em Julho relativamente ao mesmo período de 1985, anunciaram hoje porta-vozes das duas empresas. A Toyota e a Nissan exportaram, respectivamente, 176 853 e 120 430 veículos em Julho, menos 8,1 e 17,1 por cento que em igual mês do último ano.

Os maus resultados deveram-se ao decréscimo das vendas para os países do Médio Oriente e para a África do Sul, disseram as duas empresas.

Renault retira-se do México

A Renault anunciou em Paris e na Cidade do México a retirada do mercado mexicano e o encerramento da principal fábrica de montagem naquele país latino-americano, depois das suas vendas locais terem diminuído 50 por cento no primeiro semesttre do ano.

O presidente da Renault-México justificou a decisão com o facto de a situação financeira da empresa «ser insustentável» e devido à depressão do mercado automóvel mexicano.

Fotocopiadoras acusadas de concorrência desleal

CEE aplica sobretaxas a exportações japonesas

Ainda que os visados neguem a prática de «dumping» no assalto aos mercados europeus, a CEE tomou medidas preventivas contra os fabricantes japoneses de máquinas fotocopiadoras sob alegação de que estariam a vender na Europa os seus produtos a preços inferiores aos que utilizam no mercado interno do Japão.

Os japoneses controlam quase completamente o mercado europeu, detendo no conjunto uma quota de 85 por cento; mas a partir de agora serão sobretaxados à entrada dos países da CEE com impostos que variam entre os 7,2 e os 15,3 por cento. As taxas mais altas visam dissuadir os fabricantes que os Doze consideram mais prejudiciais aos seus interesses comerciais.

Esta medida visa pôr fim a uma concorrência considerada desleal e não tem precedentes, em termos de amplitude, na história da CEE.

De acordo com um comunicado publicado em Bruxelas, os fabricantes japoneses enviam para a CEE máquinas fotocopiadoras a preços inferiores aos praticados no Japão, causando «um grave prejuízo» aos fabricantes europeus.

Japoneses negam

Em resposta, os fabricantes japoneses de fotocopiadoras rejeitaram as acusações da prática de «dumping» nos mercados comunitários, mas vão acentuar a transferência da produção para a Europa, indicaram em Tóquio fontes industriais.

O «dumping» consiste em vender em mercados estrangeiros produtos a um preço inferior ao praticado no país de origem do produtor.

Um porta-voz da Associação Japonesa dos Fabricantes de Equipamentos de Escritório afirmou que nenhum dos construtores visados pelo executivo da Comunidade Económica Europeia admitia ter vendido fotocopiadoras na Europa a preços inferiores aos preços de revenda ou aos preços praticados no mercado japonês.

O porta-voz adiantou que os construtores determinarão a sua atitude futura após consultas com o Ministério do Comércio Internacional e da Indústria japonês. Eles deverão, segundo a mesma fonte, tentar provar junto da Comissão Europeia a sua boa-fé e solicitar a supressão das taxas ou a sua diminuição.

Nos meios industriais japoneses, admite-se que esta situação vá conduzir os grupos económicos do país à transferência de uma parte crescente da produção de fotocopiadoras para a Europa, onde estão já instalados a Canon, Ricoh e Minolta.

Outro grupo japonês, Toshiba, anunciou na Primavera deste ano um acordo «joint-venture» com o grupo químico francês Rhone-Poulenc para a produção de 100 000 fotocopiadoras por ano em França a partir do final deste ano, elevando-se posteriormente a capacidade de produção para 200 000 máquinas.

Segundo fontes industriais, a Toshiba pretende fornecer, dentro de três anos, o mercado europeu a partir desta empresa.

A Canon, que fabrica actualmente 10 000 máquinas por mês na sua unidade de Liffre (Oeste de França) prevê também aumentar a produção, de forma a produzir nesta localidade todas as fotocopiadoras destinadas ao mercado europeu.

A Ricoh e a Minolta prevêm, igualmente, aumentar a sua produção na Europa, enquanto dois outros fabricantes, Konishiroku Photo Industry e Matsushita Electric Industrial, estudam a sua implantação na CEE.

Os construtores japoneses abasteceram, em 1985, 85 por cento do mercado europeu de fotocopiadoras, com cerca de 600 000 máquinas vendidas.

Setenave procura comprador para três graneleiros

A Setenave continua à procura de clientes para três graneleiros que concluiu no fim do ano passado depois de abandonada a possibilidade de os vender em regime de «leasing», disse um porta-voz da empresa.

A proposta de venda em regime de locação financeira (leasing) dos três graneleiros da Setenave, concluídos há vários meses, foi «posta de parte», acrescentou a mesma fonte.

O porta-voz da empresa confirmou que a proposta foi analisada por todas as entidades envolvidas no processo — Comissão Liquidatária da CNN, Setenave, bancos financiadores, representantes do Governo e um sindicato de empresas de «leasing» — que a consideraram inviável, pelos riscos que envolve.

Os principais problemas que se levantaram à venda dos navios, foram o facto de a própria legislação determinar que o proprietário do navio deverá ser o armador e a diferença entre o valor comercial dos navios e aquilo que custaram a construir.

Os navios, encomendados pela CNN em 1979 e cujos contratos foram renegociados em 1981, são graneleiros da ordem das 65 000 toneladas, cujo preço de construção ascendeu a 23 milhões de dólares (dos quais 17 milhões não foram ainda pagos), mas que no mercado internacional valem actualmente cerca de cinco milhões de dólares.

O problema que se coloca neste momento é o de saber quem vai suportar o diferencial entre o preço de custo dos navios e o valor comercial dos mesmos.

A Setenave defende que «qualquer que seja a solução para o caso dos graneleiros, terão que ser garantidos os interesses da empresa» e admite que «uma alternativa possível poderia ser a actualização, dos preços dos graneleiros, a valores contratuais de há dois ou três anos.

Empréstimo de seis milhões para material de defesa

O Governo português vai contrair um empréstimo no montante de 43,06 milhões de dólares (mais de seis milhões de contos) para aquisição de material de defesa, proveniente dos Estados Unidos - lia-se ontem no «Diário da República».

O empréstimo será contraído junto do Governo dos Estados Unidos, em dois contratos, um no valor de 33,49 milhões de dólares e outro de 9,57 milhões de dólares, pelo Governo português, através do ministro das Finanças.

A lei parlamentar, que autoriza o governo a contrair o empréstimo, obriga o executivo a «informar semestralmente a Assembleia da República das utilizações do empréstimo, indicando, designadamente, as taxas de juro contratadas».

O empréstimo de 33.49 milhões de dólares - amortizável semestralmente - tem um prazo de sete anos, com um máximo de cinco de carência. A taxa de juros será fixada em 50 por cento da taxa do Tesouro dos Estados Unidos em vigor na data de assinatura do contrato, não podendo ser inferior a cinco por cento.

O segundo contrato de empréstimo de 9,57 milhões de dólares - amortizável em prestações semestrais - tem um prazo de 20 anos (10 anos de carência) e vencerá juros equivalentes à taxa do Tesouro dos Estados Unidos em vigor na data da assinatura.

Por protocolo ontem assinado

Caixas de Crédito Agrícola Mútuo coordenam os projectos para a CEE

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo vão receber dos agricultores os projectos de investimento destinados a beneficiar de subsídios da CEE, de acordo com um protocolo assinado ontem pelas Caixas e pelo IFADAP.

Os projectos dizem respeito ao regulamento 797 da Comunidades Europeia cuja adaptação a Portugal estabelece as ajudas a que os agricultores portugueses terão direito e a que podem candidatar-se a partir da próxima segunda-feira, 1 de Setembro.

Através do protocolo, a Federação Nacional das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo (FENACAM) compromete-se com o Instituto Financeiro para o Desenvolvimento da Agricultura e Pescas a receber os projectos de investimentos apresentados pelos agricultores, «independentemente desses planos envolverem ou não o recuso ao crédito».

O protocolo acrescenta que sempre que o projecto apresentado pelo agricultor seja financiável pelo sistema de crédito agrícola mútuo a caixa receptora analisa-o e, através da Federação envia-o para o Ifadap já com toda a documentação necessária acrescida de «uma posição de princípio» da Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo sempre que a instituição esteja envolvida no financiamento.

Depois de apreciados e aprovados os projectos que beneficiem igualmente de financiamentos do Crédito Agrícola Mútuo o Ifadap deposita a comparticipação a que, o candidato tiver direito na sua conta de depósitos à ordem «após terem sido utilizadas no investimento as verbas correspondentes aos montantes de crédito concedido pela Caixa».

O presidente do Ifadap, Joaquim Ferreira do Amaral, justificou a assinatura do protocolo com o facto de as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo serem «instituições de confiança dos agricultores portugueses, muito criteriosos na escolha das instituições que lhes merecem confiança».

«O sistema de Crédito Agrícola Mútuo representa actualmente uma realidade pujante e um exemplo de sucesso que deveria ser repetido noutros sectores de actividade», disse.

Ferreira do Amaral considera que é a altura de «participar num momento histórico da agricultura portuguesa do qual, para o bem ou para o mal, todos nos recordaremos daqui a muitos anos».

Pela FENACAM, Bento Gonçalves afirmou que a assinatura deste protocolo culmina um percurso inciado há cerca de cinco anos com a entrada das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo no sistema financeiro do Ifadap (SIFAP) e que levou a um «crescimento espectacular» do Crédito Agrícola.

«Para nós, Crédito Agrícola Mútuo, o Ifadap teve um papel importantíssimo não só porque se tornou na fonte de refinanciamento do sistema — anteriormente feito pela Caixa Geral de Depósitos — mas também porque juntou um capital técnico vital para o funcionamento das caixas», disse Bento Gonçalves.

O vice-presidente da FENACAM considera que sem a experiência técnica acumulada pelo Ifadap «seria muito mais difícil» responder agora aos desafios da CEE, uma vez que foi, de facto, o Ifadap que habituou a agricultura portuguesa ao funcionamento mediante a apresentação de projecto».

Actualmente o sistema de crédito agrícola mútuo é responsável por cerca de 60 por cento dos projectos de investimento em agricultura apresentados ao Ifadap e canaliza mais de 50 por cento desses financiamentos.

Mineiros não foram recebidos pelo Primeiro-Ministro

Com a deslocação a Lisboa de uma delegação de 200 mineiros, para protestar contra a acção do Governo e patronato no sector, nomeadamente o encerramento das minas de estanho e volfrâmio e exigir do 1.º-Ministro a reabertura das minas ilegalmente encerradas, o pagamento dos salários em atraso e a defesa dos postos de trabalho culminou a semana de luta desencadeada pelos mineiros no passado dia 19.

Após a concentração no Rossio, os mineiros deslocaram-se à residência oficial do 1.º-Ministro exigindo a concretização da audência várias vezes solicitada (desde 28/11/85) pela Federação da Metalurgia e Minas bem como a satisfação das suas reivindicações.

A delegação dos mineiros foi recebida em reunião com dois assessores do Primeiro-Ministro, que se limitaram aconfirmar as orientaçẽs do Governo e afirmaram não estar habilitados a responder às questões colocadas, pelo que as iriam levar ao Primeiro-Ministro.

Face a esta situação, a Federação dos Sindicatos da Metalurgia e Minas promete, em comunicado ontem distribuído, discutir a desencadear novas acções de luta pela obtenção dos objectivos porque se batem actualmente os mineiros portugueses.

Cresceu o peso das confecções nas exportações portuguesas

A indústria de confecções representava, em finais de 1985, 17,3 por cento das exportações totais portuguesas, contra 15,5 em 1984, segundo a revista da indústria têxtil do presente mês.

Quanto ao valor absoluto, as exportações de vestuário foram em 1985 de 167 biliões de escudos, o que traduz um crescimento de cerca de 43 por cento relativamente a 1984.

Estas exportações, em termos quantitativos, fixaram-se num aumento de 8,7 por cento com um total de 367 milhões de peças.

«Dado que a taxa de inflação caiu entretanto para 20 por cento, a tendência para a produção de artigos de maior qualidade está pois a confirmar-se», refere a mesma fonte.

A República Federal da Alemanha, com 18,8 por cento, foi em 1985 o principal comprador de confecções portuguesas, seguida pela Grã-Bretanha, com 17 por cento e pela França com 15 por cento.

Apesar de a CEE manter as quotas de importação para numerosos artigos, 64,1 por cento das exportações portuguesas de vestuário foram vendidas à comunidade.

A EFTA, tradicional parceiro comercial, só absorveu 26,8 por cento destas vendas, situando-se a Suécia em quarto lugar com 9,4 por cento.

As exportações para os Estados Unidos elevaram-se em 1985, sendo este país responsável por sete por cento das nossas exportações de vestuário.

Com aumentos de 14,5 por cento

Administração e Sindicato da UGT entendem-se nos Correios

• *Manifestação da CGTP para exigir 17%*

A administração dos CTT e um dos principais sindicatos da empresa, o Sindetelco (UGT), assinaram ontem um acordo que estipula um aumento salarial de 14 e meio por cento, com acréscimos superiores em algumas regalias sociais.

As negociações decorreram muito rapidamente, em apenas quatro dias. O acordo entra em vigor no próximo dia 1.

O documento não foi, no entanto, subscrito pela Federação das Comunicações e Telecomunicações, a FCT, filiada na CGTP-Intersindical, a qual apresentou já um pré-aviso de greve para suspensão do trabalho suplemenetar e de acumulação na primeira semana de Setembro.

O novo Conselho de Administração dos CTT/TLP, presidido por Viana Baptista e que tomou posse há cerca de um mês, tem também em curso negociações para a revisão do acordo nos TLP.

Neste momento, um convénio semelhante ao dos CTT foi já subscrito pelo Sindetelco e pela Fetese, aguardando-se para uma reunião na sexta-feira a tomada de posição do Sindicato dos Telefonistas.

Desencontro de números

As organizações sindicais integradas na CGTP-In reagiram de imediato contra este acordo negociado apenas com uma parte dos trabalhadores dos CTT, convocando para amanhã, sexta-feira uma manifestação junto do edifício da Administração.

Enquanto o acordo de empresa foi assinado na base de aumentos salariais de 14,5 por cento, a Federação dos Sindicatos das Comunicações exige aumentos salariais da ordem dos 17 por cento.

Esta Federação diz representar 25 000 dos 30 000 trabalhadores da empresa. Um comunicado da Fetese, a Federação dos Trabalhadores de Escritórios e Serviços, que é uma estrutura da UGT, garantiu entretanto, em comunicado, que o acréscimo da massa salarial global é de 16,5 por cento e não os 14,5 referidos pela Administração dos CTT.

Dragapor já é sociedade anónima

A empresa pública Dragapor (dragagens) foi transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada, por diploma publicado no «Diário da República».

A transformação da empresa tem como objectivo «dar mais um passo na sujeição da estrutura da empresa às normas do direito privado», segundo refere o decreto-lei.

O «Diário da República» publica também os estatutos da Dragapor, SARL, em anexo ao decreto.

O capital da empresa, no montante de 774 000 contos, será, nesta primeira fase, totalmente subscrito e realizado pelo Estado, podendo posteriormente «ser adquirido por outras entidades públicas ou privadas».

O diploma estabelece que a Dragapor, SARL mantém a personalidade jurídica da Dragapor, EP, conservando todos os bens, direitos e obrigações, e que os trabalhadores da empresa pública manterão todos os direitos adquiridos.

Os poderes do Estado como accionista da empresa serão exercidos através dos representantes designados por despacho conjunto dos ministros das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, mas segundo o diploma «o Estado poderá alienar as acções de que seja proprietário».

Nos termos do estatuo, a Dragapor, SARL terá como órgãos sociais a Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal.

A empresa pública Dragapor foi criada em 1977, por decreto-lei, integrando os serviços afectos à actividade de dragagem da Direcção-Geral de Portos e da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

Trabalhadores não foram ouvidos

Logo que foi publicado o diploma que passa a Dragapor a sociedade anónima, os trabalhadores reagiram garantindo que o Governo não os ouviu, como lhe era legalmente exigido.

A empresa não tem Comissão de Trabalhadores mas um dirigente sindical. Manuel Lourigo, do Sindicato dos Maquinistas da Marinha Mercante, disse à Anop que nem os sindicatos mais representativos foram ouvidos no processo.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38$20	44$20
ALEMANHA FED. (marco)	70$60	71$80
ÁUSTRIA (xelim)	9$95	10$15
BÉLGICA (franco)	3$176	3$426
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	103$50	106$00
(notas de 5 a 1000)	104$00	106$50
DINAMARCA (coroa)	18$65	19$05
ESPANHA (peseta)	1$051	1$171
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	144$70	148$20
(notas de 5 a 1000)	145$20	148$70
FINLÂNDIA (marka)	29$45	30$05
FRANÇA (franco)	21$55	22$25
HOLANDA (florim)	62$50	63$60
IRLANDA (libra)	195$30	199$30
ITÁLIA (lira)	$093	$108
JAPÃO (iene)	$891	$946
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	215$60	220$10
SUÉCIA (coroa)	20$90	21$40
SUÍÇA (franco)	87$70	89$20
VENEZUELA (bolívar)	5$95	6$95

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

SPD contra o nuclear

O Partido Social-Democrata da Alemanha Federal (SPD), principal partido da oposição, aprovou uma moção contra a nuclearização no seu congresso anual a decorrer em Nuremberga. A moção, aprovada pelos 440 delegados e que representa «um claro não» ao poder nuclear, contém um conjunto de medidas destinadas a suspender a construção de centrais nucleares na Alemanha Federal e a encerrar as 20 já existentes, que fornecem um terço da energia eléctrica consumida no país. A aprovação da moção coloca o partido em posição de confronto directo com a coligação governamental conservadora-liberal do chanceler Helmut Khol, declaradamente pró-nuclear, já em preparação para as eleições gerais de Janeiro do próximo ano.

Liberdade religiosa

O O Partido Comunista cubano debaterá em todos os centros de trabalho um programa que, entre outras coisas, garante a liberdade de consciência e a liberdade religiosa da população. O documento, que será conhecido em todos os centros de trabalho entre 1 e 20 de Setembro, ratifica «o direito dos cidadãos a professar ou não uma religião' e «a praticar o culto religioso da sua escolha no respeito da lei». O Partido Comunista de Cuba, no poder, iniciou em 1985 um processo de desanuviamento para com as principais igrejas da ilha, quando o presidente cubano, Fidel Castro, se reuniu com os seus máximos dirigentes.

Explosões em Cabul

Explosões maciças abalaram instalações do Exército na capital afegã, provocando uma bola de fogo no céu e o estilhaçar de vidros de jenelas numa área de 10 quilómetros, informaram diplomatas ocidentais. Segundo as mesmas fontes, estas foram as maiores explosões registadas em Cabul desde 1982 e crê-se que tiveram origem num depósito de armas do quartel. Todavia ainda não há informações de vítimas das explosões ou o montante dos danos causados.

Visitas de Ortega

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, concluiu uma visita oficial de três dias à Jugoslávia e partiu para Burkina Faso (antigo Alto Volta). O líder sandinista está a efectuar uma visita a oito nações, de três continentes, numa digressão com vista a explicar a situação de confronto existente entre o seu país e os Estados Unidos. Ortega passará depois pelo Ghana antes de se deslocar ao Zimbabwe, onde participará na conferência cimeira dos Países Não-Alinhados, cujo início está previsto para o dia 1 de Setembro.

Ministro condenado à morte

O ministro da Indústria do Algodão da República Centro-Asiática do Uzbekistão foi condenado à morte por receber luvas e outras práticas de corrupção, anunciou a agência noticiosa TASS. A decisão foi emitida pelo Supremo Tribunal em Moscovo, mas a agência TASS não forneceu indicações sobre a data da execução da sentença. Os condenados à pena capital na União Soviética são geralmente mandados para um pelotão de fuzilamento. Um inquérito levado a cabo pelo delegado do Ministério Público conclui que «Usmanov alterou durante vários anos os valores da produção de algodão, praticou desvios de fundos e retirou grandes recompensas», diz a agência TASS.

Remodelação governamental

O presidente romeno Nicolae Ceausescu efectuou uma reestruturação no seu gabinete, substituindo os ministros dos Negócios Estrangeiros, do Comércio Externo e das Finanças, informa o diário do partido Comunista Romeno. Segundo o «Scinteia», para além das referidas substituições, foram nomeados dois vice- primeiros - ministros — coronel Pacoste e Dimitrie Ancuta. Ioan Totu, representante da Roménia na Aliança Comercial do Bloco de Leste (COMECON), foi nomeado ministro dos Negócios estrangeiros, substituindo Ilie Vaduva que ocupa agora a pasta do Comércio Externo. Por sua vez, Petre Gigea foi substituído como ministro das Finanças por Alexandru Babe.

Austrália expulsa diplomatas sul-africanos

A Austrália expulsou quatro diplomatas sul-africanos, como um primeiro passo para a aplicação das sanções limitadas decididas em Londres, durante a Cimeira da Commonwealth — anunciou a agência noticiosa do Zimbabwe.

O encarregado de Negócios de Pretória na Austrália, W. L. Brewis, foi convidado a organizar a partida dos seus compatriotas até 22 de Setembro — disse a Ziana.

O Governo australiano exigiu igualmente a Brewis o encerramento da missão comercial e dos escritórios do conselho turístico, em simultâneo com a partida dos diplomatas.

Entretanto, o presidente da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) afirmou que aquele movimento de libertação estava pronto para intensificar a luta armada até à retirada da África do Sul da Namíbia.

«Atacaremos esses 'boers' onde quer que os encontremos na Namíbia e sempre que as nossas balas os possam atingir», disse Nujoma numa reunião do partido no poder na Zâmbia.

Em Bona, o ministro alemão-federal do Trabalho, Norbert Bluem, afirmou que a actual recusa de empreender sanções contra a África do Sul «não é definitiva» e que não deve ser considerada como «apoio à política do **apartheid**, que Bona condena categoricamente».

Críticas da Casa Branca

A Casa Branca acusou o Governo de Pretória de se «ter excedido» na repressão das manifestações de protesto de terça-feira na cidade negra do Soweto nos arredores de Joanesburgo.

«Parece que desta vez as autoridades empregaram força excessiva para restabelecer a ordem», disse o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, referindo-se aos violentos confrontos ocorridos no Soweto entre manifestantes e forças policiais e que fizeram 13 mortos, segundo informações oficiais.

Speakes sublinhou que a «violência gera a violência, e acções como esta contribuem para perpetuar um círculo vicioso que não serve nem a negros nem a brancos na África do Sul».

Os incidentes no Soweto começaram quando a Polícia dispersou com várias rajadas de metralhadora vários moradores do bairro que se recusaram a pagar a renda como forma de protesto, e foram os mais graves desde a declaração do estado de emergência a 12 de Junho.

Tensão volta ao Mediterrâneo

Casa Branca diz que pre "dissuadir" o coronel K

A Casa Branca confirmou que dispõe de «provas concludentes» de que o líder Líbio, Muammar Kadhafy, planeia novas actividades terroristas.

O porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, disse em Los Angeles, na Califórnia, onde a maioria dos pincipais membros da administração incluindo o Presidente Reagan passam férias, que alguns funcionários que permanecem nesta altura em Washington desconhecem o «pensamento da administração».

Speakes referia-se assim à notícia divulgada pelo «New York Times» que dizia que altos funcionários em Washington tinham indicado que os Estados Unidos não possuiam provas de que a Líbia prepara novos actos terroristas.

Spakes sublinhou que a administração estava a «tratar com realidades», ao colocar-se em estado de alerta contra eventuais actos de terrorismo fomentados pela Líbia.

O porta-voz da Casa Branca disse que o líder líbio continua a dispor de capacidade para «inspirar e desencadear» actos de terrosrismo, pelo que os Estadops Unidos « desejavam que ele soubesse que estavam preparados para impedi-lo de o fazer».

Em relação a outro artigo do «Washington Post», Speakes disse que a intenção dos Estados Unidos é «dissuadir Kadhafy de actuar e não provocá-lo, como sugeriu» o articulista.

Ontem a secretaria norte-americana da Defesa também desmentiu que a chegada de dezoito caça-bombardeiros F-111 da Força Aérea Norte-Americana à Grã-Bretanha esteja relacionada com os planos de Washington para desencadear uma acção militar contra a Líbia.

«Trata-se de uma operação programada desde há algum tempo», disse um porta-voz do Pentágono em Washington.

Segundo o Pentágono, os 12 caça-bombardeiros tácticos F-111 D e seis de reconhecimento electrónico EF-111 aterraram ontem na base de Boscombe Down, no condado de Wilt, no Sul da Grã-Bretanha, para participar em manobras da NATO, denominadas «Operation Coronet».

Estas manobras da Alinça Atlântica têm por objectivo ensaiar o envio de caças-bombardeiros norte-americanos para a Grã-Bretanha em momentos de tensão, disse o porta-voz.

Durante a «Operation Coronet», os F-111 efectuarão missões sobre território britânico e de outros países europeus.

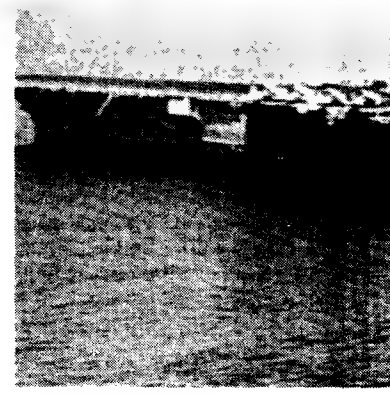
O regresso às bases, do Novo México e de Idaho, está previsto para 24 de Setembro.

Manobras conjuntas

A Imprensa egípcia pública as novas ameaças lançadas pelos Estados Unidos contra a Líbia, mas observa o mais absoluto silência sobre as manobras navais norte-americanas em curso na região, com a participação de unidades da Marinha egípcia.

O governo do Cairo ainda não reagiu oficialmente ao comunicado conjunto líbio-sírio, que condenou as referidas manobras conjuntas em curso no Mediterrâneo Oriental, nas proximidades da costa líbia.

Os principais diários do Cairo reproduzem as ameaças do comité revolicionário líbio de tomar represálias contra os interesses norte-americanos «no mundo inteiro», mas silenciam o facto de o porta-voz



oficial líbio se ter referido especialmente às embaixadas e outras representações dos Estados Unidos no Médio Oriente.

O fim das manobras conjuntas está previsto para hoje e uma fonte oficial do Cairo anunciou que o ministro da defesa, marechal Abu Gazala, assistiria pessoalmente à última fase dos exercícios.

Segundo fontes militares da capital egípcia, fase final das manobras consistem em exercícios de ataque aéreo com fogos reais na região de Wadi Natrum, no deserto Ocidental, a 80 quilómetros do Cairo.

Pela primeira vez desde o ínicio, em 1981, dos exercícioos «Bright Star», que se realizam anualmente, nenhum jornalista acreditado no Egípto tem sido autorizado a assistir à fase final das manobras.

A chegada do novo embaixador dos Estados Unidos ao Cairo, Frank Wissner, foi anunciada oficialmente para «as próximas semanas» e a embaixada dos Estados Unidos

Camarões

Mortos são enterrados em val

O comandante-em-chefe das Forças Armadas camaronenses, James Tataw afirmou que o Exército prossegue as operações de salvamento e o enterro de cadáveres na zona onde a núvem de gás tóxico matou mais de 1500 pessoas.

Tataw explicou que os soldados, com máscaras antigás, enterram os mortos em valas comuns, enquanto as autoridades bloquearam uma área de 15 quilómetros quadrados para prevenção da propagação de eventuais epidemias.

O comandante das Forças Armadas camaronenses afirmou que as operações de busca realizadas pelos soldados na região durarão ainda mais dez dias.

As operações permitiram já a hospitalização de 300 pessoas e o transporte de 200 para outras aldeias.

A emissora nacional camaronense anunciou que o mau tempo, e especialmente a chuva, está a dificultar as operações de salvamento.

Os sobreviventes, a quem anunciaram a chegada de mantimentos de emergência, foram avisados para não beberem água da região afectada, por se temer que possa estar contaminada.

Dois vulcanólogos, dois médicos e cinco investigadores químicos chegaram ontem a Yaonde

...retende apenas ...l Kadhafy

...es- ...s e ...Es- ...en- ...un- ...e ...iro ...da ...la, ...lti- ...da ...las ...er- ...fo- ...adi ...en- ...o. ...o ...cí- ...se ...ne- ...no ...o a ...no- ...lai- ...ao ...foi ...ara ...m- ...los

está a acelerar a conclusão de importantes dispositivos de segurança que começaram a ser construídos há um ano para proteger a sede da representação diplomática norte-americana na capital do Egipto.

Receios líbios

A Argélia foi informada pelo coronel Muammar Kadhafy do receio das autoridades líbias face à possibilidade de uma nova operação militar dos Estados Unidos contra o seu país.

Uma carta contendo essa informação foi ontem entregue em Argel pelo emissário líbio, Juildi El Hamidi, alto funcionário do Ministério líbio da Defesa.

O emissário líbio informou os dirigentes argelinos sobre o recente encontro em Bangazi, entre o coronel Kadhafy e o presidente sírio, Hafed El Assad.

O comunicado final do encontro condenou a recente entrevista, em Ifran, entre o rei Hassan II de Marrocos e o primeiro-ministro israelita Shimon Peres.

Meios diplomáticos árabes, em Argel, consideram que a Líbia está a tentar formalizar uma aliança com Argel e Damasco para constituir uma nova «Frente da Firmeza Árabe» que se definiria como a ala mais «progressista» do mundo islâmico.

Fontes diplomáticas ocidentais revelaram entretanto que a Líbia transferiu os centros de comando do Exército e da Força Aérea de Tripoli para Hun, no deserto, a 489 quilómetros da capital.

As mesmas fontes disseram crer que o chefe do Estado-Maior Abu Bakr Younis Jaber, se encontra no novo quartel-general, que dispõe de uma base da Força Aérea e de um posto de comando subterrâneo recentemente concluído.

O quartel-general da Marinha continua em Tripoli.

Chile

Embaixada desmente ter proposto a Pinochet exílio nos EUA

A Embaixada dos Estados Unidos em Santiago desmentiu «categoricamente» que a administração norte-americana tivesse proposto ao general Augusto Pinochet o exílio nos Estados Unidos como «saída honrosa» para a actual situação chilena.

A Frente Patriótica Manuel Rodriguez (FPMR), organização clantestina da oposição, de orientação marxista, que sequestrou e libertou na semana passada o coronel Mario Haeberle, afirmou, num comunicado, ter encontrado entre os documentos transportados pelo chefe de protocolo da região militar de Santiago notas relativas a uma reunião secreta entre o general John Galvin, comandante da frente sul das Forças Armadas norte-americanas e oficiais generais das Forças Armadas chilenas.

No documento que a FPMR fez chegar a várias agências noticiosas estrangeiras, diz-se que, na reunião, a administração norte-americana se comprometeu a garantir uma «retirada honrosa» ao general Pinochet, que se poderia instalar «num lugar tranquilo e seguro dos Estados Unidos», depois de abandonar a presidência do Chile.

O governo chileno negou-se a comentar as afirmações da FPMR, mas a embaixada dos Estados Unidos reagiu imediatamente com a publicação de uma declaração, qualificando de «categoricamente falsa» a «revelação» da organização clandestina marxista.

No comunicado divulgado depois da libertação do coronel Haeberle, a FPMR, que o Governo de Santiago acusa de ser «o braço armado do Partido Comunista» chileno, revela o conteúdo de uma presumível «reunião clandestina» realizada na embaixada dos Estados Unidos em Santiago, mas sem a presença do embaixador, Harry Barnes.

Durante o encontro, a que assistiram os generais chilenos Santiago Sinclair e Alejandro Medina, do Exército, vice-almirante German Guesala, da Marinha, e Carlos Desgroux, da Força Aérea, o general Galvin teria informado os militares da posição do governo norte-americano sobre a situação política no Chile e sobre o futuro a curto prazo.

O general norte-americano teria afirmado que o Governo dos Estados Unidos tinha observado uma progressiva perda de eficácia e das qualidades tradicionais de comando dos oficiais chilenos.

Segundo a FPMR, o general Galvin teria afirmado que Washington considera que o general Pinochet não conseguiu realizar o objectivo de «eliminar o comunismo» em cerca de 13 anos de poder e que, pelo contrário, a actual situação, o crescimento da oposição e a ausência de resposta adequada por parte do Governo chileno, «favorece o comunismo» e constitui «um perigo evidente» tanto para o Chile como para os Estados Unidos.

Segundo a versão da FPMR, o general norte-americano teria explicado aos colegas chilenos que estava a examinar «duas hipóteses de trabalho» para resolver a actual situação chilena.

No primeiro caso, o general Pinochety aceitaria uma «saída honrosa», instalando-se nos Estados Unidos como «hóspede» do governo norte-americano.

A outra alternativa seria uma convulsão política, com carácter de guerra civil, com graves consequências para a disciplina e moral interna das Forças Armadas chilenas.

O general Galvin teria dito que o presidente Reagan era favorável à «primeira alternativa» (muito semelhante à que se aplicou ao ex-presidente Marcos, das Filipinas), mas que se deve estar preparado para «todas as situações que se podem apresentar», pelo que o Pentágono dispõe de unidades de intervenção rápida instaladas na América Central, no Paraguai e na Bolívia, prontas para «apoiar as forças leais e consolidar um governo amigo».

A Embaixada dos Estados Unidos desmentiu a realização da alegada «reunião secreta» de Galvin com os «números dois» do Exército, da Marinha e da Força Aérea chilenas, e o comunicado da FPMR suscita muitas reservas nos meios políticos e diplomáticos de Santiago.

As dúvidas relacionam-se mais com a fonte invocada pela FPMR do que com o conteúdo das «revelações». Considera-se «pouco provável» que o coronel Haeberle, chefe de protocolo da região militar de Santiago, tivesse acesso a documentos tão confidenciais.

Os meios diplomáticos ocidentais da capital chilena consideram, no entanto, que a hipótese do exílio voluntário do general Pinochet e da sua substituição por outro governo militar «não é nem inverosímil, nem totalmente inédita».

Fome ameaça milhões no Sudão

Grande número de sudaneses sofre de subalimentação e um máximo de três milhões de pessoas corre o risco de morrer de fome nos próximos meses — disse a Agência de Desenvolvimento Internacional (AID), dos Estados Unidos.

O director da AID, Peter McPherson, apelou ao Governo e forças rebeldes, operando no Sul do Sudão, para que permitam «que os alimentos e outros abastecimentos desesperadamente necessários cheguem àqueles que deles precisam».

Um comunicado da AID informou que o transporte aéreo de alimentos foi suspenso na sequência do derrube recente de um avião civil no Sul do Sudão e que o acesso à região é agora praticamente impossível devido aos combates, às estradas minadas e aos efeitos da estação das chuvas.

Calcula-se que cerca de 700 000 sudaneses residentes em áreas urbanas necessitem desesperadamente de alimentos e que diversas cidades do Sul do país estejam já sem alimentos ou na iminência de ficar sem eles.

Refira-se que o Uganda suspendeu temporariamente o transporte de auxílio alimentar de emergência através do seu território, segundo a BBC.

Trata-se aparentemente de uma represália por aquilo que o Uganda afirma ser o apoio do governo sudanês aos rebeldes que ainda actuam no Uganda — explicou a radiodifusão britânica.

Não-alinhados apoiam moratória soviética

O Movimento dos Não-Alinhos vai exortar os Estados Unidos a aderir à moratória unilateral soviética das explosões nucleares, recentemente prorrogada por Moscovo até ao final do ano, segundo o projecto da declaração política da VIII Conferência-Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo dos Países Não-Alinhados, que se inicia no próximo dia 1 de Setembro em Harare.

O documento realça a necessidade de iniciar negociações e de concluir um acordo universal e multilateral sobre a proibição das experiências com armas nucleares, rejeitando as alegações sobre a falta de meios de controlo, e defendendo que no decurso das negociações deve ser declarada uma moratória a todas as experiências, fabrico e instalação de armamentos nucleares.

O movimento saúda também o programa de desarmamento nuclear por etapas apresentado no começo deste ano pelo líder soviefico que visa a liquidação total, até ao final do século, das armas nucleares, afirmando que tal projecto coincide em grande medida com a posição assumida pelos Países Não-Alinhados.

O documento contém ainda um apelo de conferência sobre o desarmamento para que sejam iniciadas negociações sobre a celebração de um acordo ou acordos impedindo a transferência da corrida aos armamentos para o espaço, favorecendo deste modo a cooperação no aproveitamento pacífico do espaço.

A moratória soviética foi também apoiada por duas outras organizações internacionais sediadas em Praga, a União Internacional dos Estudantes (UIE), numa declaração do seu presidente, Josef Skala, e a organização internacional dos jornalistas (OIJ).

...valas comuns

...em ...está ...sal- ...em ...an- ...am ...gua ...ner ...di- ...uí- ...nde

em aviões franceses que transportavam também 20 toneladas de desinfectante de cal viva, três «jeeps» e equipamento de rádio, informaram fontes oficiais.

Estas equipas iniciaram uma viagem para Bamenda, capital de uma província do Nordeste do país, próxima do local onde ocorreu a tragédia.

Entretanto, a Comunidade Económica Europeia e o Japão anunciaram o envio de auxílio de emergência às populações dos Camarões afectadas pelas emanações do gás venenoso.

Também a Cruz Vermelha alemã-federal declarou em Bona que enviou 400 tendas e 10 000 cobertores de lã, durante o fim-de-semana num avião fornecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. O valor do auxílio foi estimado em 100 000 dólares (cerca de 15 mil contos).

Arafat visita Moçambique

O presidente da Organização de Libertação da Palestina, (OLP), Yasser Arafat, chegou ontem ao Maputo para uma visita oficial de dois dias, a convite do chefe de Estado moçambicano Samora Machel.

Arafat foi recebido no aeroporto do Maputo com honras de chefe de Estado pelo presidente moçambicano, estando presentes igualmente as restantes principais figuras da hierarquia moçambicana além de representantes do corpo diplomático.

Ainda durante o dia de ontem, Samora Machel e Yasser Arafat mantiveram conversações, após o que o presidente moçambicano honrou o visitante com uma recepção.

O líder da OLP, que viaja acompanhado de uma pequena delegação palestiniana, tem hoje um encontro com representantes das organizações de massas moçambicanas e do Ministério da Educação e da Universidade Eduardo Mondlane.

O líder palestiniano chegou a Maputo vindo de Madagáscar e das Maurícias e deverá ainda regressar a Tunes antes de se deslocar a Harare, para participar na oitava cimeira dos Países Não-Alinhados, que começa na segunda-feira.

Futebol italiano: distinções

A equipa do Atalanta, o treinador sueco Nils Liedholm, os adeptos do Roma e o jogador Scirea, da Juventus de Turim, são os vencedores dos primeiros prémios «fair-play» atribuídos no futebol italiano.

O prémio agora instituído no futebol transalpino prevê sete atribuições, desde equipas a público, jogadores e técnicos.

O primeiro galardão «fair-play» para a equipa mais correcta coube ao Atalanta, do antigo benfiquista Stromberg, votada como a mais disciplinada no anterior campeonato da primeira divisão.

O treinador «fair-play» escolhido foi o sueco Liedholm, do Milão, «pelo seu antocontrolo, que lhe permite transmitir aos seus jogadores e público exemplos de máxima correcção e verdadeira disciplina e educação».

O público do AC Roma recebeu também o primeiro prémio «fair-play» do cálcio, «pela magnífica e espectacular demonstração de apoio à equipa, com ordem, correcção e fervor».

O futebolista premiado foi o tri-campeão mundial de 1982, Gaetano Scirea, «pelo seu comportamento irrepreensível de atleta correcto e leal para com os companheiros, adversários e árbitros».

O dirigente «fair-play» da última época do futebol italiano foi Sergio Rossi, do Torino, galardoado «por ter gerido a equipa com distinção, realçando os valores desportivos e dando particular atenção aos jovens».

O árbitro premiado foi Luigi Agnoli, «por ter sido designado para representar a Itália no México e por ter exercido a sua difícil missão com firmeza e equilíbrio», e o jornalista designado foi Paolo Valenti, da Radiotelevisão Italiana (RAI), «ue leva ao público palavras de alto desportivismo e moderação».

Brasileiro treina Avellino

O brasileiro Luís Vinício é o novo treinador do Avellino, da primeira divisão italiana, em substituição de Enzo Robotti, anunciou Luigi Graziano, presidente do clube.

O dirigente do Avellino afirmou que demitiu Robotti por este se recusar a assinar o contrato, enquanto não se efectuasse uma reunião com o presidente para «clarificar alguns pontos sobre os prémios. **Para mim foi uma espécie de traição. Tinha-lhe dado toda a minha confiança e ele pagou-me com uma atitude incompreensível»,** disse Luigi Graziano.

Vinício, 54 anos, foi já treinador do Avellino entre 1980 e 1982, tendo conseguido evitar a descida à segunda divisão, depois do estádio do clube ter ficado totalmente destruído por um sismo em 1981, e encontrava-se de férias no Brasil.

"Ordem Olímpica" para Nissiotis

O presidente do Comité Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, concedeu a «Ordem Olímpica» a título póstumo a Nikolaos Nissiotis, presidente da Academia Internacional Olímpica, falecido em acidente de viação.

Samaranch assistiu em Atenas às exéquias de Nissiotis, também representante da Grécia no COI.

Juntamente com o dirigente máximo do olimpismo mundial assistiram à cerimónia fúnebre responsáveis do desporto helénico e representantes do governo grego.

NATURIBERICA — ESTUDOS E DIVULGAÇÃO EM BIOLOGIA, LDA

Certifico que, por escritura de 9 de Maio de 1986, exarada de fl. 15 a fl. 16 v.º do livro de notas n.º 31-H do 7.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Olívia Pinto Capelo Ramos, António Pulido Valente Pena, Luís Manuel de Oliveira Gomes e José Manuel de Oliveira Cabral, como únicos e actuais sócios da sociedade NATURIBERICA — Estudos e Divulgação em Biologia, Lda., aumentaram o respectivo capital social de 60 000$ para 400 000$, sendo a importância do aumento, de 340 000$, inteiramente realizada em dinheiro, e subscrita pelos sócios da seguinte forma: António Pulido Valente e José Manuel de Oliveira Cabral com 130 000$ cada um, ficando cada um deles com uma quota de 150 000$ na sociedade, e o sócio Luís Manuel de Oliveira Gomes com 80 000$, ficando na sociedade com uma quota no valor de 100 000$.

Que, pela mesma escritura, transferiram a sede da sociedade da Rua de Pêro de Alenquer, 14, Lisboa, para a Rua de António Saldanha, 50, freguesia de São Francisco Xavier, concelho de Lisboa.

Que, ainda pela mesma escritura, alteraram os artigos 1.º e 3.º e o § 1.º do artigo 6.º do respectivo pacto social, os quais ficaram com a seguinte redacção:

1.º

A sociedade adopta a denominação de NATURIBERICA — Estudos e Divulgação em Biologia, Lda., tem a sua sede em Lisboa, na Rua de António Saldanha, 50, freguesia de São Francisco Xavier, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

3.º

O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro, é de 400 000$ e corresponde à soma das seguintes quotas: uma no valor de 150 000$, pertencente ao sócio António Pulido Valente Pena, uma no valor de 150 000$, pertencente ao sócio José Manuel de Oliveira Cabral, e outra de 100 000$, pertencente ao sócio Luís Manuel de Oliveira Gomes.

6.º

§ 1.º Para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos basta a assinatura de um dos gerentes.

Está conforme:
7.º Cartório Notarial de Lisboa, 9 de Maio de 1986.

A Ajudante
Natália de Sá Martins Braz

(D.L. 28/8/1986)

Ciclismo

Domingo: vedetas correm na Malveira

Organizado pelo Atlético Clube da Malveira realiza-se no próximo domingo o tradicional circuito (45.º) da Malveira, com a participação das equipas do Sporting, Boavista, Louletano, Lousa, Torreense, Sangalhos. Garcia-Joalheiros, Ajacto e Tavira que estarão representados pelos seus mais credenciados ciclistas. A anteceder ao circuito (destinado à classe de profissionais) que será disputado em 35 voltas (50 quilómetros), terá lugar o V Grande Prémio «Centroeste» — com início pelas 9 horas — destinado a juvenis, cadetes e juniores pertencentes a diversas colectividades da região.

Após a disputa da prova destinada a ciclistas profissionais, teremos a prova «Compensação» que será participada pelos atletas classificados depois do 10.º lugar do Circuito e, finalmente (pelas 16 horas), terá lugar a «Prova de Honra» no sistema de «critério de 30 voltas» com embalagens de 5 em 5 voltas, só entre os primeiros dez classificados no Circuito.

Esta importante manifestação desportiva, com largas tradições no ciclismo nacional e que anualmente se realiza na pista «Túlio Pereira», é patrocinada por dezenas de firmas da região.

Volta a Arraiolos

Vai realizar-se no dia 14 de Setembro de 1986 a IV Edição desta prova, que é já uma tradição naquele concelho, pelo interesse que desperta a modalidade.

A prova terá início às 9 horas, com partida simbólica da Praça Lima e Brito, com passagem pela Ilha do Castelo e Ilha da Boavista, sendo a partida oficial dada na EN 4 em direcção a Montemor-o-Novo, S. Geraldo, Sabugueiro (meta volante), S. Pedro da Gafanhoeira (meta volante), Santana do Campo (meta volante), Aldeia da Serra (meta volante), S. Gregório (meta volante), EN 4, Igrejinha (meta volante), Cruzt.º da Comenda, EN 4, Vimieiro (meta-final 1.ª Etapa).

A 2.ª Etapa terá início às 17 horas no Vimieiro e terminará em Arraiolos, sendo disputada em sistema de c/relógio individual.

A prova, que terá o apoio técnico da Associação de Ciclismo de Setúbal esta integrada nas manifestações desportivas da FESTA DA JUVENTUDE, que se realiza nos dias 13 e 14 de Setembro.

Recorde mundial

A norte-americana Connie Paraskevin conseguiu ontem um novo recorde mundial de ciclismo na prova dos 200 metros lançados, amadores, com um tempo de 11 segundos e 245 milésimos.

O novo máximo foi alcançado na primeira jornada dos campeonatos do Mundo de ciclismo, que se iniciaram em Colorado Springs, nos Estados Unidos.

Connie Paraskevin obteve o recorde nas provas de qualificação para os dezasseis avos de final da referida especialidade.

O anterior recorde pertencia à ciclista francesa Isabelle Gautheron, com 11.38 conseguidos no passado dia 16 do corrente mês, também em Colorado Springs.

Futebol lá por fora

Espanha vai ter "campeonato da mudança"

O campeonato espanhol de futebol começará sábado a ser disputado, com novos regulamentos que determinarão os «play-off» finais para acabar com a tradição de 34 jogos em duas voltas.

O «campeonato da mudança», como é donominado, custará 12 400 milhões de pesetas (cerca de 1,2 milhões de contos), montante dos orçamentos dos 18 clubes da primeira divisão.

O novo sistema determina que ao finalizar as duas voltas tradicionais, os 18 clubes se repartirão em três grupos de seis para jogar uma série final no sistema de **«todos contra todos»**.

Os seis primeiros classificados jogarão o «play-off» para disputar o título de campeão. Os seis postos seguintes (7 a 12) terão a aliciante do vencedor participar na Taça da Liga, e os seis últimos (13 a 18) lutarão por não descer ao escalão secundário.

Barcelona-Racing disputarão um encontro interessante, já que o actual subcampeão apresentará oficialmente o seu novo «clã inglês», Leslie Mark Hughes e Gary Lyneker.

Sporting de Gijon-Atlético de Bilbao voltará a mostrar as duas escolas futebolísticas, que os tornaram diferentes no campeonato.

O clube de Gijon porá em acção o seu novo reforço mexicano Ramon Flores, sobre quem recairão responsabilidades e expectativas, já que, se triunfar, poderá proporcionar o ingresso dos seus compatriotas no mercado espanhol como o fez Hugo Sanchez.

O Bilbao, com a sua táctica, é um dos poucos clubes que actua com jogadores espanhóis e apresenta como novidade o mítico treinador Jose Angel Iribar.

O campeão Real Madrid, apetrechado por jogadores nacionais e estrangeiros que actuaram no mundial do México, visitará o recém-promovido Murcia — campeão da segunda divisão — para iniciar a defesa do título.

Com Hugo Sanchez, melhor goleador nas duas últimas épocas, Jorge Valdano, campeão mundial com a Argentina e os reforços espanhóis Bernadirno Serrano e Franscisco Buyo, o clube merengue enfrenta este campeonato carregado de responsabilidades.

O Atlético de Madrid, com um novo treinador, Vicente Miera, e com um maior plantel, contará de novo com o «mundialista» uruguaio Jorge «polila» da Silva como solução para o golo não pensando de momento em adquirir outro estrangeiro.

O seu rival da primeira jornada é o Espanhol, clube treinado pelo polémico ex-técnico do Atlético de Bilbao Javier Clemente, o qual continua a contar com o concurso dos dois estrangeiros da época anterior: Thomas N'kono, dos Camarões, e o Dinamarquês Jhon Lauridsen.

Dínamo de Kiev arrecada «Santiago Bernabeu»

O Dínamo de Kiev conquistou o troféu «Santiago Bernabeu», em futebol, ao vencer na final o Real Madrid por 3-2 (1-2), em jogo realizado na capital espanhola.

Sob a arbitragem do alemão federal Pauly, que mostrou o cartão amarelo a Blokhin, Valdano e Juanito, as equipas alinharam:

Dínamo de Kiev: Chanov; Yaremchuk (Mikhailitchenko, aos 46 minutos), Gorili, Kuznetsov e Demianenko; Bal, Yakovenko e Rats; Belanov, Zavarov e Blokhnin (Cherbakov, 72 m.).

Real Madrid: Buyo; Chendo, Mino, Gallego e Camacho; Michel, Juanito (Pardeza, 80 m.) e Martin Vazquez (Santillana, 80 m.); Butragueno, Hugo Sanchez e Valdano.

Campeonato da Holanda

O Sparta de Roterdão comanda a classificação do campeonato holandês de futebol da primeira divisão, após vencer fora, na quarta jornada, o Go Ahead Eagles por 3-0.

Resultados da quarta Jornada: Den Bosch-FC Twente, 0-0, FC Ultreque-Roda JC, 0-1, Fortuna Sittard-Excelsior, 3-0, Veendan-PSV Eindhoven, 0-3, Go Ahead Eagles-Sparta de Roterdão, 0-3, VV Venlo-Pec Zwolle, 1-1, Feyenoord-FC Groningen, 1-1, AZ Alkmaar-Haarlem, 0-1 e Ajax de Amesterdão-FC The Hague, 2-3

Classificação: 1.º Sparta de Roterdão 7 pontos; 2.º Roda JC e FC Twente 6; 4.º FC Groningen, PSV Eindhoven e Fortuna Sittard 5; 7.º Feyenoord, FC Den Bosch, Haarlen e Go Ahead Eagles 4; 11.º Ajax, The Hague, Venlo, FC Ultreque e Excelsior 2; 16.º Veendam, Pec Zwolle 1 e 18.º AZ Alkmaar 0.

Microscópio

«Mundial» muda de palco

Campeão do Mundo, Gary Kasparov manteve ontem a sua vantagem na desforra do título mundial ao empatar a 12.ª partida com Anatoly Karpov.

Kasparov propôs o empate ao 34.º lance para manter o ponto de avanço na luta pelo mundial e Karpov aceitou de imediato, após quatro horas de jogo.

Depois de 12 partidas já efectuadas Kasparov comanda o mundial com 6,5 contra 5,5 de Karpov.

O próximo jogo está previsto para dentro de uma semana, agora em Leninegrado.

Na sua agenda

Futebol juvenil: Hoje há festa em S. Domingos de Rana

Organizado pela Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana realizou-se recentemente, naquela localidade, um torneio de futebol juvenil em que participaram cerca de mil jovens futebolistas em representação de 115 colectividades e outras estruturas. Esta tarde (19 horas) terá lugar na sede de «Os Vinhais» a cerimónia da entrega de prémios e troféus estando presentes os internacionais Diamantino e Carlos Manuel.

Tudo indica que não haverá "mexicanos" na convocação de Rui Seabra

Tal como previramos aumenta a suspeita de que o seleccionador nacional de futebol, Rui Seabra, não irá integrar na lista dos futebolistas a convocar esta tarde, qualquer um dos vinte e dois atletas que estiveram na campanha dos «infantes».

Naturalmente que a decisão dos elementos da Comissão Técnica da FPF se baseia na recente tomada de posição do Sindicato dos Jogadores, que recomendava a cada um dos catorze «absolvidos de Saltillo» informar a Federação da sua indisponibilidade no caso de virem a ser convocados.

Entretanto, foi recebida na FPF uma carta assinada pelo presidente do Sindicato dos futebolistas com o seguinte teor:

«Vem este Sindicato, em cumprimento do mandato conferido pelos interessaedos, comunicar a V. Ex.ª que os seguintes jogadores... (seguem-se os nomes dos vinte e dois jogadores que estiveram presentes na fase final do Campeonato do Mundo, no México) decidiram manifestar indisponibilidade para integrarem a selecção nacional de futebol, enquanto não tiver lugar o julgamento definitivo, nas instâncias jurisdicionais dessa Federação, dos responsáveis pelos acontecimentos verificados no seio da selecção nacional presente na fase final do Campeonato do Mundo de Futebol, com o completo apuramento das respectivas responsabilidades dos vinte e dois jogadores técnicos e dirigentes e a adequação das respectivas sanções.

Deseja este Sindicato tornar claro que só por essa via é possível aplicar sanções aos responsáveis, não sendo admissível a manutenção da situação actual dos oito jogadores que, sem audição prévia e sem justificação aprovada, foram simplesmente afastados da selecção.

Na expectativa de que a verdade e o bom-senso imperem, esperam os jogadores profissionais de futebol contribuir desta forma para resolver os graves problemas que afectam o futebol português.

Sem outro assunto de momento, com as melhores saudações desportivas».

A reacção federativa não se fez esperar, tendo emitido um comunicado em que não reconhece competência ao Sindicato para se «**imiscuir onde não lhe cumpre**». O comunicado termina com esta citação: «**reitera a Federação a sua inabalável determinação de conferir prestígio e dignidade à Selecção Nacional não aceitando que a representação de Portugal seja parte nestas manobras de propaganda e de mentira que o Sindicato lastimavelmente apadrinha**».

Enfim, continuam as cenas chocantes na comédia futebolística.

Sporting procura presidente

Depois da anunciada renúncia de João Rocha e da indisponibilidade demonstrada pelo tenente-coronel António Figueiredo, o Conselho Leonino tem vindo a realizar reuniões com vista a solucionar a «crise directiva». Emídio Pinheiro, mostra-se sereno quanto à questão, afirmando que «tudo será resolvido em paz». Na próxima terça-feira o Conselho reunirá em plenário sendo bem provável que nese dia esteja encontrada a solução.

Santos Ruivo dirige o Benfica-Varzim

Soubemos de fonte segura que o árbitro Santos Ruivo (Santarém) foi nomeado para dirigir o encontro Benfica-Varzim que se realizará no domingo no Estádio Nacional por interdição do estádio da Luz. Entretanto o jogo Salgueiros-Belenenses disputa-se pelas 17.30 horas de sábado no campo «Vidal Pinheiro».

Mortimore espia o Lillestrom

O técnico benfiquista John Mortimore, cederá lugar a Toni no comando do jogo com o Varzim, em virtude de se deslocar à Noruega para «espiar» o Lillestrom que como se sabe é o próximo adversário na Taça das Taças.

Cadorin sai do hospital

O Portimonense joga hoje no Barreiro, com o Barreirense, às 21 horas, em encontro de carácter particular, integrado no programa da deslocação a Coimbra para o campeonato nacional da primeira divisão.

Alguns problemas físicos preocupam os responsáveis do Portimonense, tendo o seu técnico, Vitor Oliveira, afirmado não poder contar com Diniz, Simões, Alhinho e Nivaldo, para além das ausencias de Rui Manuel, operado à pubalgia e de Cadorin, de quem chegaram boas noticias: o jogador teve alta do hospital de liege (Bélgica) e recupera em casa, prometendo regressar a Portugal em Janeiro do próximo ano.

Cadorin: perigo já lá vai

Santos Ruivo: ele «apitará» o Benfica-Varzim

Apesar da derrota sofrida na primeira jornada do campeonato, o treinador do Portimonense está confiante num «bom resultado» em Coimbra: «queremos recuperar,pelo menos, um dos dois pontos perdidos frente ao salgueiros...», assegurou.

Paraguaio do Elvas apto para o «Nacional»

O futebolista paraguaio Cornet, que ingressou esta época no Elvas, já pode actuar no próximo domingo no encontro que a sua equipa disputa com o Marítimo.

De acordo com um dirigente do clube alentejano o brasileiro Roberto, outra aquisição da equipa não poderá ainda alinhar naquela partida, a contar para a segunda jornada do nacional da primeira divisão, por motivos burocráticos que se prendem com a sua transferência.

●

O desportivo de Badajoz, da terceira divisão espanhola, conquistou quarta-feira à noite a 20.ª edição do troféu «Luís Bermejo», ao vencer a equipa portuguesa do Elvas por 1-0.

Ao intervalo as equipas estavam empatadas a zero golos e César marcou o único tento da partida.

Neste trofeu, que se realizou no parque de jogos do Desportivo de Badajoz, participaram somente estas duas equipas.

Estrela de Portalegre empate em Évora

O Lusitano e o Estrela de Portalegre empataram a duas bolas, em encontro de futebol de caracter particular, disputado ontem à noite no campo Estrela, em Évora.

Ao intervalo a equipa de Portalegre vencia por 1-0. José Fernando, aos 23 e 54 minutos, marcou os golos do Estrela, enquanto que Nacib aos 64 minutos (grande penalidade) e David aos 74 apontaram os tentos dos eborenses.

Sob a arbitragem de Alves Mendes, de Évora, as equipas alinharam:

Lusitano: Gomes; Verde, Martelo, Guilherme e Macarrão; Kikas (Ventaneira aos 63 m), Nacib e Caracois; David, Gilmar e Frade (Rodinhas aos 45).

Estrela de Portalegre: Chapelli: Simões; Semedo, J. José e Artur; Eloi, Álvaro e Abreu, Jorge Hermínio (Toni II aos 79) e José Fernando.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

DEPARTAMENTOS DE RECURSOS HUMANOS

ESCOLA TÉCNICA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Telefs. 81 33 78, 81 33 67 e 81 33 94

PÓVOA — S. MARTINHO DO BISPO — 3000 COIMBRA

De 1 a 12 de Setembro de 1986 encontram-se abertas as inscrições para admissão aos Cursos Técnicos a ministrar por esta Escola no ano lectivo 1986/87.

CURSOS DO RAMO LABORATORIAL:

Curso de Análises Clínicas e de Saúde Pública — 15 vagas
Curso de Farmácia — 10 vagas
Curso de Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica — 10 vagas

CURSOS DO RAMO REGISTOGRÁFICO:

Curso de Radiologia — 15 vagas

CURSOS DO RAMO CINESIOLÓGICO:

Curso de Fisioterapia — 15 vagas
Curso de Ortóptica — 10 vagas

Condições de Inscrição:

a) Idade Mínima — 17 anos (à data de admissão)
b) Nacionalidade Portuguesa
c) Possuir como habilitações literárias mínimas o 9.º ano de escolaridade.

NOTA: Será dada preferência aos Candidatos com melhores habilitações literárias, sendo pré-seleccionado um número de Candidatos igual a 5 vezes o número total de vagas (375).

Selecção dos Candidatos:

a) Prova de conhecimentos correspondente às matérias de Noções Básicas de Saúde; Biologia; Físico-Químicas e Atitudes de comportamento na área da Saúde.

NOTA: A bBibliografia aconselhada está patente nas instalações da Escola

b) Prova de «análise de motivação» com fins de estudo orientação.

Na Secretaria da Escola serão prestados todos os esclarecimentos complementares.

Coimbra, Agosto de 1986

A DIRECÇÃO

Klaus Tafelmeier : primeiro ídolo germânico

O alemão-federal Klaus Tafelmeier converteu-se no ídolo do público, ao conquistar para o seu país a primeira medalha de ouro dos XIV campeonatos da Europa de atletismo, a decorrerem em Estugarda.

Os vencedores das finais da jornada de ontem (a segunda) foram o já citado Tafelmeier, no lançamento de dardo, o britânico Linford Christie, nos 100 metros masculinos, o checoslovacq Jozef Pribilinec, nos 20 km marcha, e as alemãs- democratas Marlies Goehr e Heike Dreschler-Daute, respectivamente nos 100 metros e no salto em comprimento femininos.

Nos 20 km marcha os prognósticos acertam em pleno, já que os especialistas consideravam Pribilinec e Maurizio Damilano os principais candidatos aos dois lugares mais altos do pódio, onde foram acompanhados pelo espanhol Miguel Angel Prieto.

A prova foi duríssima, sem nada resolvido até aos últimos qùilómetros. Ao quilómetro 15 havia ainda um grupo compacto no qual se encontravam todos os favoritos. Nos últimos 100 metros ocorreu um esticão e o checoslovaco logrou afastar-se dos seus adversários mais directos, para não mais largar o comando.

●

Marlies era a favorita na final feminina dos 100 metros e a recordista europeia ganhou bem, com o tempo de 10.91, a melhor marca do ano na Europa. A segunda foi a búlgara Anelia Nuneva, com 11.04, enquanto que uma vez mais a holandesa Nellie Cooman superava as grandes velocistas da RDA e obtinha um lugar no pódio.

●

Esperada mas espectacular foi a vitória do britânico Linford Christie no hectómetro masculino. Nas séries de apuramento e nas meias finais já ele demonstrara que era o melhor de todos. E o melhor tinha de ganhar a final, o que fez com o tempo de 10.15.

Depois dele, muito próximos, cortaram a meta o alemão-democrata Stefen Bringmann (10.20) e o francês Bruno Marie-Rose, com 10.21. O homem mais rápido do ano na Europa, o soviético Brysgin, que tinha 10.03, foi o último com 10.38.

No dardo foi o delírio dos adeptos locais ao vencer o seu compatriota Tafermeyer, que assegurou a medalha de ouro no segundo lançamento, ao atingir 84,76 metros, melhor marca europeia do ano. Também aqui os soviéticos decepcionaram um pouco.

●

Vitória também esperada foi a da recordista mundial no salto em comprimento feminino. Ela atingiu os 7,27 metros à segunda tentativa e durante toda a prova fez apenas um salto abaixo dos 7 metros, mais exactamente 6,97. Esperava-se que a soviética Galina Chistyakova causasse algumas dificuldades a Heike Dreschler, mas tal não aconteceu.

●

Com muitos altos e baixos decorreu também a primeira jornada do decato, à frente de cuja classificação segue o recordista mundial, o britânico Daley Thompson, com uma margem de 28 pontos sobre o seu eterno rival, o alemão-federal Jurgen Higsen. Thompson começou bem nos 100 metros, falhou no comprimento, no peso e na altura, mas recuperou nos 400 metros. De salientar que no final da prova do salto em altura ia em terceiro lugar, atrás de Higsen e de Voss (RDA).

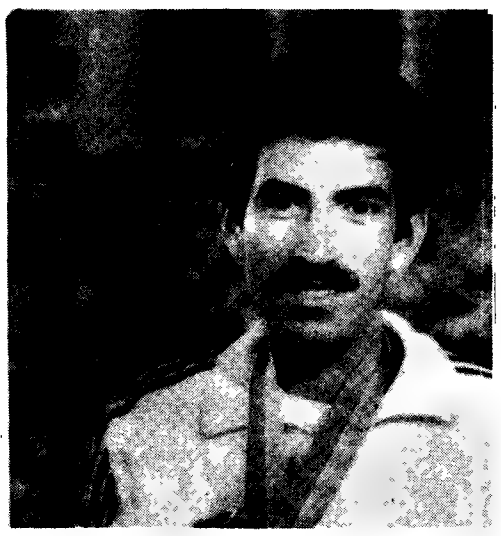
●

Em todo o resto a jornada foi normal, sem surpresas nas fases de qualificação, séries e meias-finais. Os britânicos Cram e Coe demonstraram que são favoritos para os 800 metros, ainda que o segundo se limitasse a conseguir a qualificação, o que também se passou nos 400 metros femininos com Marita Koch.

Klaus Tafelme: ele é oprimeiro ídolo germânico dos campeonatos

As provas de hoje

Sete portugueses em competição com Leitão a mirar o pódio



Leitão: Uma esperança para hoje

Sete atletas portugueses participam hoje nos campeonatos europeus de atletismo, a decorrer no Neckarstdion de Estugarda.

António Leitão, que juntamente com Fernando Couto vai disputar as meias-finais dos 5 000 metros, é o unico dos sete portugueses que deverá garantir um lugar na final.

Todos os outros, cinco velocistas, deverão ser afastados nas eliminatórias.

Arnaldo Abrantes, Luis Cunha e Pedro Agostinho são os primeiros portugueses a entrar em acção, disputando as eliminatórias dos 200 metros, com remotas possibilidades de obterem a passagem às meias-finais.

Sorte identica deverão ter Virgínia Gomes, presente nas eliminatórias dos 200 metros, e João Lima, que vai participar nas eliminatórias dos 110 metros barreiras.

A terceira jornada dos campeonatos inclui nove finais. Em masculinos, terão lugar as finais de peso, 800 metros planos, 400 metros barreiras e decatlo, e em femininos, as do disco, altura, 400 metros planos, 800 metros e 3 000 metros.

Nos **800 metros** planos destaca-se a presença dos britânicos Sebastian Coe, Steve Cram e Tom McKean e do actual campeão europeu, o alemão federal Hans-Peter Ferner. Qualquer dos quatro está em condições de conquistar a medalha de ouro, ainda que Cram (1.43,22) seja o que está mais próximo do recordista mundial, Coe, que com 1.41,73 deveria ser considerado claro favorito, mas cuja forma não é a melhor.

O campeão e recordista europeu dos 400 metros, o alemão federal Harald Schmidt (47,48), não tem rivais à altura para a final da distância, devendo revalidar o título conseguido há quatro anos, em Atenas.

O principal adversário de Harald Schmidt na final dos **400 metros barreiras** poderá ser o soviético Alexandre Vasiliev, possuidor da melhor marca europeia do ano, com 48,24.

No **decatlo,** a luta pelo primeiro lugar, entre o britânico Daley Thompson e o alemão Juergen Hingsen, vai continuar, talvez até à última prova. Terminado o primeiro dia de provas da disciplina, escassos pontos separam os dois atletas, podendo qualquer deles chegar ao ouro.

Nas finais femininas de velocidade, Marita Koch, da Alemanha Oriental, é a grande favorita dos **400 metros planos**, distância em que a sua vitória é quase certa.

Nos **800 metros**, pelo contrário, o despique será muito mais renhido, com três atletas soviéticas em boa posição para ocupar o lugar da sua compatriota Olga Mineeva. Liubov Gurina (1.57,52), Nadia Olizarenko (1.57,42) e Liubov Kiruchina (1.57,18) são, juntamente com a alemã oriental Sigrun Wodars (1.57,05), as candidatas a um lugar no pódio.

A «final do dia» poderá ser a dos 3 000 metros femininos, em que deverá assistir-se a uma luta cerrada entre as representantes soviéticas (Olga Bondarenko, com 8.34,90, e Tatiana Samolenko, com 8.36,00), a britânica Zola Budd (8.34,43) e a romena Maricia Puica (8.38.91).

No lançamento do **disco** feminino, a búlgara Zvetanka Christova tem grandes hipóteses de revalidar o título conquistado em Atenas e terá as alemãs orientais Diana Sachse e Martina Hellmann como principais rivais.

A final do **salto em altura** feminino é uma incógnita, depois da má forma revelada pela maioria das concorrentes. Porém, a actual recordista mundial, a Búlgara Stefka Kostadinova (2.08) é a favorita.

Resultados da 2ª. jornada

Resultados da segunda jornada

FINAIS — **20 km marcha:** 1.º Josef Priblinec (Checoslováquia), 1 h 21 m 15 s; 2.º Maurízio Damiliano (Itália), 1.21,17; 3.º Miguel Pietro (Espanha), 1.21,36... **14.º José Urbano (Portugal), 1.30,07.**

100 metros (F): 1.ª Marlies Gohr (RDA), 10,91; 2.ª Anelia Nueva (Bulgária); 11,04; 3.ª Nelli Cooman (Holanda), 11.08.

100 metros (M): 1.º Lindford Christie (Grã-Bretanha), 10,15 s; 2.º Stefan Bringmann (RDA), 10.20; 3.º Bruno Marie-Rose (França), 10,21.

Comprimento (F): 1.ª Heike Dreschler (RDA), 7,27 m; 2.ª Galina Tschistiyakova (URSS), 7,09; 3.ª Helga Radıke (RDA), 6,89.

Dardo: 1.º Klaus Tafelmeir (RFA), 84,76 m (recorde da Europa); 2.º Detlef Michel (RDA), 81,90; 3.º Viktor Yesyukov (URSS) 81,80.

Eliminatórias — 800 m: (1.ª eliminatória): 1.º Steve Cram (Grã-Bretanha), 1.46,59; 2.º Peter Braun (RFA), 1.46,84; 3.º Rizard Ostroski (Polónia), 1.46,89; ... 6.º **Álvaro Silva** (Portugal), 1.47,69.

3000 m obstáculos: (2.ª eliminatória): 1.º Wiliam Van Dijck (Bélgica), 8 m 26,52 s; 2.º Colin Reitz (Grã-Bretanha), 8.26,86; 3.º Boguslaw Maminski (Polónia), 8.27,11; 4.º Patriz Ilg (RFA), 8.27,47; 5.º Joseph Mahmoud (França), 8.27,47; 6.º **José Regalo** (Portugal), 8.27,65.

Programa de hoje

8.30 — dardo (F) qual. A; **9.00** — decatlo (M) 110 b.; **9.30** — dardo (F) qual. B; 200 m. (M) elim.; comprimento (M) qual.; **9.50** — 200 m. (F) elim.; **10.15** — 110 b. (M) elim.; **10.30** — decatlo (M) disco; **14.00** — decatlo (M) vara; **16.00** — disco (F) final; **16.30** — altura (F) final; **17.00** — 400 bar. (F) elim.; **17.20** — 400 m. (F) 1/2 f; **17.40** — 400 m. (M) final; **17.50** — peso (M) final; **18.00** — 800 m. (M) final; decatlo (M) dardo; **18.20** — 100 bar. (F) 1/2 f; **18.40** — 800 m. (F) final; **18.50** — 200 m. (M) 1/2 f; **19.05** — 200 m. (F) 1/2 f; **19.20** — 3000 m. (F) final (*); **19.40** — 400 bar. (M) final; **20.00** — decatlo (M) 1500 m.; **20.20** — 5000 m. (M) elim.

Rosa Mota saúda o público depois de receber a honrosa «insígnia»

Da imprensa estrangeira

Muitas "carícias" para a Rosinha

A segunda medalha de ouro, em quatro anos, de Rosa Mota nos europeus de atletismo mereceu largo espaço da Imprensa italiana.

Naturalmente, a vitória da atleta portuguesa foi «ofuscada» pela proeza histórica dos três atletas italianos que subiram ao pódio na prova dos 10 000 metros homens.

«O resultado da maratona, com a portuguesa a conquistar o seu segundo título continental e a italiana Laura Fogli medalha de prata, é, em parte, de uma lógica implacável, já que ninguém ignorava ser Rosa Mota a atleta mais credenciada do grupo», escreve a «Gazzetta Dello Sport», de Milão.

«Persistia apenas a incógnita sobre o estado de saúde da minúscula lusitana que, na Primavera, sofrera de uma irritante tendinite que a obrigara a abandonar as suas lucrativas actividades norte-americanas (especialmente na zona de Boulder onde conta também com a assistência do maratonista australiano Roberto de Castella)», prossegue o jornal.

Após referir o «retiro» de Rosa Mota para a Foz do Douro e a assistência que lhe foi prestada pelo seu «treinador-noivo» — o médico português José Pedrosa — na «tranquila preparação para este segundo assalto europeu», o enviado da «Gazzetta» escreve: **«Foi uma prova sem uma específica história técnica para contar, pelo menos no que respeita ao primeiro lugar».**

O «Corriere Dello Sport», de Roma, dá especial relevo às declarações da atleta italiana Laura Fogli, segunda classificada, sobre Rosa Mota: **«Deixei escapar Mota porque impunha um ritmo demasiado forte para as minhas possibilidades e fiz bem».**

Para «La Stampa», de Turim, Rosa Mota é «uma atleta de físico tão minúsculo que, pela sua ligeireza, parece acariciar a estrada quando corre».

●

Os jornais da capital da República Democrática Alemã também elogiam Rosa Mota.

O diário «Berliner Zeitung» publica na sua edição de ontem uma foto da desportista e escreve: **«a portuguesa Rosa Mota correu ontem a maratona num ritmo cadenciado, como um relógio, e triunfou de maneira impressionante».** Referindo-se às antigas lesões da atleta, o jornal acrescenta: **«porém, no momento certo teve a condição certa».**

O «Neues Deutschland», o jornal mais importante da RDA, afirma que **«revalidando o seu título, Rosa Mota alcançou um êxito que, até hoje, não foi atingido nesta prova por nenhum campeão europeu».**

Litígio com federativos

Rosa promete "abrir o livro"

Rosa Mota dormiu pouco mais de seis horas, levantou-se às nove da manhã para fazer um ligeiro treino de meia hora para descontrair e afirmou que «ainda tem de aprender a sofrer mais».

Os festejos em torno da vitória de Rosa Mota prolongaram-se até de madrugada. Eram quase três horas da manhã quando foi para a cama, mas quando o relógio tinha os ponteiros em cima das nove horas, a bicampeã da Europa estava a iniciar um ligeiro «footing» de 30 minutos, nos arredores da aldeia olímpica.

«Depois da maratona não tive tempo para rolar um bocadinho, estava presa de movimentos e fiz um treino para descontrair» disse a atleta no seu quarto da aldeia.

Menos de 24 horas depois da conquista da medalha de ouro, Rosa Mota confessou: «Ganhei de uma forma mais fácil que o previsto. Nunca esperei que tudo ficasse decidido aos 15 quilómetros, mas preferi assim. Se tivesse algum problema na parte final já sabia que tinha alguma vantagem» acrescentou.

José Pedrosa (seu técnico e companheiro) comentou de uma forma mais irónica a vitória de Rosa depois das preocupações da véspera: «No atletismo é muito melhor andarmos sós que mal acompanhados».

Acerca do seu actual diferendo com a Federação Portuguesa de Altetismo, Rosa Mota preferiu não abordar este tema. Acrescentou apenas que tudo será devidamente esclarecido numa reunião com a Federação, mas só depois de terminar o «Europeu». «Sempre dissemos que iríamos abrir o livro, mas só depois do 'Europeu' para não desestabilizar a equipa» referiu José Pedrosa.

A questão, no fundo, que opõe Rosa Mota e José Pedrosa ao actual elenco federativo relaciona-se com um acumular de problemas, e o técnico da atleta, embora com alguma relutância, sempre adiantou:

«A Rosa tem o direito de exigir a verdade dos factos à Federação, estamos nesse direito». «Esperemos que de uma vez por todas a Federação se retrate e acabe com o jogo do empurra dizendo as coisas de uma forma clara e não invocando terceiros de uma forma obscura» disse com algum tom enérgico José Pedrosa.

Pretendemos ver clarificado um determinado número de situações e queremos que haja frontalidade e honestidade nos processos. Por isso não iremos aceitar decisões verbais, mas sim uma carta explicando todos os problemas» referiu.

Instado a comentar quais os problemas concretos que levaram ao diferendo, José Pedrosa considerou-os «mais ou menos graves». «Antes da maratona já tive uma reunião com o dirigente federativo. Em traços gerais a Federação já sabe com o que conta da nossa parte, mas não iremos abdicar de nada» garantiu José Pedrosa que pretendeu não individualizar o seu caso.

«Quando exigimos à Federação que clarifique deterinado número de pontos, isto diz respeito a muitas pessoas ligadas ao atletismo» concluiu o treinador de Rosa Mota.

Um "regalo" nos obstáculos

José Regalo comandou metade da prova dos 3000 metros obstáculos garantindo dessa forma o acesso à final, enquanto Álvaro Silva nos 800 metros e José Urbano nos 20 quilómetros marcha tiveram comportamento meritório.

Na terceira jornada dos «europeus», José Regalo teve a ousadia de quebrar com o marasmo que se implantara na segunda meia-final dos 3000 metros obstáculos e dos 1400 até pouco mais de cem metros da linha de chegada foi ele, com o dorsal 626, quem cativou a atenção de cerca de 30 mil espectadores.

Esta foi a única táctica que lhe poderia abrir caminho para a final a disputar amanhã e Regalo, tomando por referência os tempos da primeira meia-final, soube tirar partido dessa vantagem e embalar para uma corrida destemida e cheia de vigor.

«Agora na final tudo o que vier será bom. Talvez tenha forçado um pouco o andamento, mas pesou bastante a minha ambição, a vontade de ir à final», confessou o atleta.

Regalo foi 6.º na segunda meia-final com 8.27,65 minutos, a segunda melhor marca nacional a seguir ao seu próprio recorde nacional de 8.24,40 minutos. **«À terceira volta senti uma ligeira dor, evitei fazer força na passagem do obstáculo, mas depois tudo se recompos. Agora só espero recuperar deste esforço»**, acrescentou o recordista português que **«a duas voltas do fim sabia que tinha garantido o apuramento».**

Álvaro Silva: 6.º lugar

Nos 800 metros imperou uma corrida táctica e Álvaro Silva, que na véspera havia batido o recorde nacional descendo da barreira de 1.47 minutos (1.46,74m), pouco poderia fazer frente a adversários tão credenciados como o inglês Steve Cram e o alemão federal Peter Braun.

Uma primeira volta demasiado lenta (54s) deitou tudo a perder para o recordista nacional que, mesmo assim, fez a sua terceira melhor marca — 1.47,69 — num espaço de menos de 24 horas. **«Foi muito bom ter vindo aqui ao 'europeu'. Ganhei muita experiência»** disse Álvaro Silva sustentando que **«a diferença de valor foi visível. Eles mudam de andamento com maior facilidade».**

José Urbano 14.º lugar

Finalmente, nos 20 quilómetros marcha, José Urbano ultrapassou, de certo modo, as expectativas: fugiu ao último lugar numa prova em que cinco concorrentes foram desclassificados.

O marchador do Benfica, que o ano passado ainda era júnior, ficou em 14.º lugar, curiosamente a mesma posição obtida pelo seu actual técnico José Pinto, há quatro anos em Atenas. **«Podia ter sido pior. Para começar não está mau. Acusei bastante uma lesão na perna e o facto de na semana do estágio em Lisboa não ter treinado por estar em tratamento. Aos cinco quilómetros já era último, mas depois consegui recuperar e ainda bater um atleta credenciado»** disse José Urbano que vai continuar a trabalhar para **«chegar aos Jogos Olímpicos de Seul».**

José Urbano foi 14.º com uma hora 30 minutos e sete segundos.

Nove finais: 27 medalhas

A República Democrática Alemã comanda o quadro de medalhas dos campeonatos europeus de atletismo, a decorrerem em Estugarda, após a segunda jornada, efectuada quarta-feira.

Portugal, graças à medalha de ouro conquistada por Rosa Mota na maratona feminina, ocupa a quarta posição.

É a seguinte a posição das nações concorrentes por medalhas já atribuídas:

PAÍSES	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
1.º RDA	3	3	1	7
2.º Itália	1	3	1	5
3.º Espanha	1	0	1	2
4.º **Portugal .....**	1	0	0	1
5.º Checoslov.	1	0	0	1
6.º Inglaterra	1	0	0	1
7.º RFA	1	0	0	1
8.º URSS	0	1	3	4
9.º Suécia	0	1	1	2
10.º Bulgária	0	1	0	1
11.º Holanda	0	0	1	1
12.º França	0	0	1	1

Jozel Pribilinec: ouro nos 20 quilómetros a marchar

A história das medalhas

No historial dos campeonatos europeus a URSS tem acentuada supremacia na conquista dos lugares cimeiros e a confirmar esta realidade, aqui se recorda para onde foram as medalhas correspondentes aos atletas que subiram ao pódio:

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
URSS	102	88	84	274
RDA	67	60	47	174
G. Bretanha	46	42	47	135
RFA	31	38	47	116
Polónia	31	26	32	89
Finlândia	27	22	33	82
França	24	29	23	76
Suécia	20	28	27	75
Itália	20	21	20	61
Checoslováquia	14	16	27	57
Alemanha	19	13	11	43
Hungria	13	12	17	42
PORTUGAL	1	0	0	1

Aconteceu esta manhã

Queda do primeiro recorde mundial

● Luís Cunha nas meias-finais dos 200 metros

A britânica Fatima Whitebread bateu hoje o recorde do Mundo do dardo com 77,44 metros durante os campeonatos da Europa em Estugarda.

O anterior máximo era de 75,26 e pertencia a Petra Felke, da RDA.

João Lima eliminado

João Lima foi hoje eliminado da prova dos 110 metros barreiras do «europeu» de atletismo em Estugarda, ao classificar-se em sexto e último lugar na segunda eliminatória.

João Lima, que correu na pista dois, fez o tempo de 14,47 segundos com o vento desfavorável de 0,9 metros poe segundo.

O recorde de Portugal pertence-lhe com 14.11.

O atleta do Sporting fez uma boa partida, mas derrubou a segunda barreira e a meio da prova quebrou um pouco. **«A prova não me correu mal, sentia-me com força, mas acabei por não tirar o melhor rendimento, porque tive de me levantar muito cedo». «Agora que isto começou a aquecer, gostava de participar outra vez»,** adiantou.

João Lima

Classificação da eliminatória:

1.º Plamen Krastew, Bulgária, 13,81 segundos
2.º Andreas Oschkenat, RDA, 13,82 segundos
3.º Gianni Tozzi, Itália, 14,01 segundos
4.º Andrej Prokofjew, URSS, 14,06 segundos
5.º Robert Ekpete, Noruega, 14,34 segundos
6.º **João Lima,** Portugal, 14,47 segundos.

O francês Frank Chevallier desistiu. Para as meias-finais classificaram-se os três primeiros das quatro eliminatórias mais os atletas com os quatro melhores tempos.

Luís Cunha nas meias-finais

Nas provas realizadas esta manhã participaram os velocistas portugueses, tendo LUÍS CUNHA passado às meias-finais dos 200 metros enquanto que os seus companheiros Pedro Agostinho e Arnaldo Abrantes foram eliminados na mesma prova.

Tempo dos portugueses: Luís Cunha (21,19), Pedro Agostinho (21,48) e Arnaldo Abrantes (21,50). Virgínia Gomes, com o tempo de 24,48, foi igualmente eliminada.

Evolução do Recorde

A evolução do recorde mundial feminino do lançamento do dardo, hoje estabelecido em Estugarda — o primeiro dos Campeonatos da Europa — é a seguinte desde 1960:

Marca	ATLETA	País	DATA
59,78	Elvira Ozolina	URSS	03 JUL 1960
62,40	Elena Gorschakova	URSS	16 OUT 1964
62,70	Ewa Gryziecka	RDA	11 JUN 1972
65,06	Ruth Fuchs	RDA	11 JUN 1972
66.10	Ruth Fuchs	RDA	07 SET 1973
67,22	Ruth Fuchs	RDA	03 SET 1974
69,12	Ruth Fuchs	RDA	10 JUL 1976
69,32	Kate Schmidt	EUA	11 SET 1977
69,52	Ruth Fuchs	RDA	13 JUN 1979
69,96	Ruth Fuchs	RDA	29 ABR 1980
70,08	Tatiana Birjulina	URSS	12 JUN 1980
71,88	Antoaneta Todorova	Bulgária	15 AGO 1981
72,40	Tiina Lillak	Finlândia	29 JUL 1982
74,20	Sofia Sakorafa	Grécia	26 SET 1982
74,76	Tiina Lillak	Finlândia	13 JUN 1983
75,26	Petra Felke	RDA	04 JUN 1985
75,40	Petra Felke	RDA	04 JUN 1985
77,44	Fátima Whitbread	G. Bretanha	28 AGO 1986

Tal como no México

Federação esquece propaganda

A maratona de Portugal, a disputar a 26 de Outubro em Lisboa, é mais conhecida em Estugarda que o perfil de Rosa Mota, bicampeã da Europa.

Mais de mil folhetos alusivos à competição foram distribuidos no centro de Imprensa e a organizadores de provas pelo director técnico da corrida, António Campos.

Em contrapartida, a Federação Portuguesa de Atletismo não colocou ao dispor dos jornalistas nenhum caderno sobre a presença portuguesa nos «europeus».

Os jornalistas estrangeiros já por várias vezes nos solicitaram dados estatísticos sobre os melhores atletas portugueses à falta de um pequeno livro contendo todos esses dados.

A Federação Espanhola, através do seu gabinete de Imprensa, apresentou um «dossier» bastante completo sobre o atletismo espanhol (e também já avançou com alguma propaganda para a Taça de Mundo de 1989, em Barcelona), a França adoptou por ter um jornal de parede no centro de Imprensa, onde todos os dias há informção sobre o dia-a-dia da comitiva e a Federação Britânica apresentou um pequeno livro com o palmarés de todos os participantes.

Mas, outras federações também se esmeraram em fazer propaganda: a Alemanha Federal apresentou um livro enquanto a Federação Polaca aproveitou para anunciar o mundial de corta-mato em Varsóvia (1987) e dar a conhecer a lista dos seus atletas aqui presentes.

Com menos aparato, mas com a mesma finalidade e objectividade de dados, a Federação Checoslovaca entregou aos jornalistas um folheto sobre os seus atletas.

A Federação Portuguesa, já com um razoável palmarés em termos internacionais e com atletas de craveira mundial, ainda não avançou com qualquer iniciativa nesse sentido e, mais uma vez, perdeu-se uma boa oportunidade de divulgar além-fronteiras os êxitos do atletismo.

Mas, pelo menos, a Maratona de Portugal já tem a sua propaganda a andar. António Campos — técnico de João Campos, Rita Borralho, Luís Horta e Cidálio Caetano — deslocou-se a suas expensas a Estugarda não só com a finalidade de ver os campeonatos como juntar o útil ao agradável. **«Esperemos ter mais de mil atletas inscritos para a meia-maratona e maratona. O nosso objectivo neste primeiro ano è fazer esquecer a carga negativa da Maratona de Lisboa e demonstrar que temos capacidade para organizarmos, no futuro, uma prova á escala europeia»** «disse António Campos que já recebeu inscrições de atletas estrangeiros de vários pontos do mundo».

A prova terá prémios superiores a dois mil contos — decorrem negociações para o vencedor receber um carro — e o percurso é totalmente plano com partida na Praça do Comércio e chegada junto ao Mosteiro dos Jerónimos.

Itália: futebol corrupto

O escândalo das apostas clandestinas e a compra e venda de resultados dos jogos da Liga Italiana de Futebol converteu o campeonato «mais belo do mundo» no «mais corrupto do mundo». Os «tifosi» italianos, apaixonados pelo futebol do seu país, não hesitaram em baptizar a Liga transalpina como «o campeonato mais belo do mundo», dadas as somas astronómicas envolvidas nas transferências de jogadores, como Platini ou Maradona, por exemplo. Agora, num país que não ganha para os escândalos, aperceberam-se de que o seu «menino» está corrupto dos pés à cabeça.

O trabalho da Procuradoria da República de Turim (presidida pelo magistrado Giuseppe Marabotto) é árduo e defronta um inúmero conjunto de entraves para chegar ao coração do assunto, apesar dos importantes documentos apreendidos na residência de Armando Carbone, um delinquente napolitano ligado à «Camorra». Na fuga precipitada à Polícia italiana, Carbone abandonou documentos que comprometem (entre outros) ex-directores desportivos do Nápoles (Franco Janich) e do Udinese (Franco Dal Cin).

Carbone é o cérebro visível da organização que controla o «Totonero» (totobola clandestino) e, segundo os investigadores da Polícia napolitana, dirigidos pelo comissário Giuseppe Fiore, «gabava-se de conhecer os máximos dirigentes do Nápoles».

Efectivamente, Carbone era visto frequentemente nos vestiários do Estádio San Paolo e afirmava **ter grande amizade com os jogadores do Nápoles**, clube onde milita o argentino Diego Maradona. Entre os documentos apreendidos pelo comissário Fiore figuram recibos e cheques passados a conhecidos dirigentes do futebol italiano, como o cheque emitido pelo Nápoles à ordem de Franco Janich, no valor de 10 milhões de liras (cerca de 1000 contos).

Nos meios da «arte» napolitana, Carbone é considerado o «boss» (um chefe) na sua especialidade: as apostas clandestinas e o «leilão» de partidas de futebol. Nos seus apontamentos figuram nomes de jogadores e árbitros da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª divisões do futebol profissional italiano.

Noutra frente das pesquisas, levadas a cabo pelo juiz Giuseppe Marabotto, em Turim, produziu-se a espectacular declaração de um «arrependido». Trata-se de Santo Moriggi (um comerciante, de 35 anos) que denunciou as identidades de 55 futebolistas envolvidos no escândalo. Moriggi, personagem vinculada ao «Totonero» lombardo, foi interrogado pelo magistrado Marabotto e pelo comissário Salvador Longo, chefe da Divisão de Narcóticos da Polícia piamontesa, revelando que sabia como **iam terminar algumas partidas incluídas no Totobola**.

Como poderia Moriggide informá-lo tão seguramente? Muito simples: **Sabia** (disse) **que tal e tais jogadores** (50) **estavam «amaciados» e eles próprios me disseram que este ou aquele jogo terminava com o resultado previsto.**

Os investigadores estão convencidos de que estas revelações e informações são a ponta visível do «iceberg», pois continuam a aparecer provas que colocam na «corda bamba» novas personalidades ligadas ao futebol. Qual o motivo que levou dirigentes, treinadores, árbitros e jogadores a prestarem-se a estes «arranjos»? Por dinheiro? Por fama?

Segundo as primeiras impressões, a última conjectura é a mais segura, já que em muitos casos o fizeram para corresponder a velhas amizades, a velhos favores, não só nos meios desportivos mas também nos políticos.

No campo estritamente desportivo, o futebolista Diego Maradona teve dificuldade em responder às perguntas dos jornalistas, quando os jogadores do Nápoles foram alvo da curiosidade da Imprensa, depois de um treino. **Vocês não eram tantos quando o Nápoles ganhou ao Verona, por 5-0**, disse o internacional argentino. **Custa-me muito falar de um assunto que nos preocupa a todos e que é gravíssimo** — acrescentou logo Maradona.

Os jornalistas insistiram com «Dieguito», confrontando-o com a afirmação **estava destinado que tinha de sair**, proferida pelo jogador pouco depois de ter sido expulso na partida Nápoles-Udinese (1-1), situação que provocou algumas especulações na altura.

"Le Soulier de Satin" de Manoel de Oliveira abre Festival de Cinema da Figueira da Foz

A décima quinta edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz abre no próximo dia 11 de Setembro com uma sessão especial em que será exibido, na íntegra, o filme de Manoel de Oliveira «Le Soulier de Satin».

Esta importante obra do consagrado realizador português passará no Grande Casino Peninsular, dividida em três partes com início às 15, 17.30 e 21 horas, terminando a sessão especial com um debate aberto sobre o trabalho de Oliveira, com a presença do próprio cineasta.

Mais noticiário sobre o XV Festival de Cinema da Figueira da Foz será muito em breve divulgado, podendo desde já adiantar-se que, na retrospectiva sobre o cinema português estão já garantidos os seguintes filmes: «Gente do Norte», de Leonel Brito, Brandos Costumes, de Alberto Seixas Santos, «A Fuga», de Luís Filipe Rocha, «Cerromaior», de Luís Filipe Rocha, «Manhã Submersa», de Lauro António, «Junqueira», de Cristina Hauser e «A Confederação», de Luís Galvão Teles.

Rádio Azul passará a cobrir todo o distrito de Setúbal

A partir de 15 de Setembro, a Rádio Azul vai abranger todo o distrito de Setúbal, disseram à Anop responsáveis da estação emissora local.

A partir dessa data o posto emissor terá novos emissores e duas antenas de 60 metros quadrados, instaladas nos novos estúdios, situados na Quinta das Rosas, em Setúbal, que importaram em 10 000 contos.

A Rádio Azul, que emprega 60 trabalhadores a tempo inteiro, entre jornalistas, técnicos e locutores, foi a primeira estação de rádio a emitir durante as 24 horas do dia.

Segundo o psico-sociólogo José Manuel Palma, do Instituto Damião de Góis, a Rádio Azul mantém, com tendência para aumentar, o elevado índice de audição, tendo o seu aparecimento tirado milhares de ouvintes às estações oficiais.

Proprietários de casas de artigos eléctricos disseram à Anop que «desde o aparecimento da Rádio Azul tem havido uma contínua procura de aparelhos de frequência modulada, razão porque são os que cada vez se vendem mais, com excelentes resultados».

Guitarrista Manuel Marques em Portugal Setembro e Outubro

O compositor e mestre de guitarra portuguesa Manuel Marques, residente no Brasil desde 1955, vai realizar de 4 de Setembro a 15 de Outubro duas dezenas de concertos em cidades portuguesas e programas de Rádio e Televisão.

Manuel Marques, que se desloca a Portugal integrado no trio que tem o seu nome, será acompanhado pelo apresentador da televisão brasileira Paulo Machado, a quem se deve uma persistente divulgação da vida e da cultura portuguesa no Brasil.

A deslocação de Manuel Marques a Portugal é subsidiada pelo Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo e apoiada pelo Centro de Turismo de Portugal no Brasil e Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas.

Manuel Marques, que nasceu em Maia, nos arredores do Porto, actuou nos fins dos anos quarenta e início dos anos cinquenta ao lado do Orfeão Scalabitano e foi arranjador, solista e regente do Orfeão Universitário do Porto, tendo então participado em digressões a quase todas as capitais europeias.

Depois de fixar residência no Brasil, fundou em 1958 a Academia Musical Manuel Marques, gravou 14 LPs, escreveu a música de várias telenovelas e filmes e criou o Trio Manuel Marques, que tem dado concertos em numerosas cidades brasileiras e de outros países das Américas e participado em programas de Rádio e Televisão.

Após a digressão a Portugal, Manuel Marques dará uma série de concertos com músicas de compositores brasileiros transcritas para guitarra portuguesa, a que se seguirá em 1987 um série de concertos consagrados apenas a compositores portugueses.

Nos concertos em Portugal utilizará oito guitarras portuguesas: «não encontrei ainda uma guitarra perfeita e jamais acredito encontrá-la, diz Manuel Marques. Todas têm deficiências e também qualidades específicas».

Domingo à tarde em Cascais

1ª corrida do Clube de Jornalistas

A I Grande Corrida do Clube de Jornalistas que, no próximo domingo, às 17 e 30, se realiza na Monumental de Cascais, está a despertar enorme expectativa e uma grande afluência às bilheteiras.

Depois do êxito da Corrida da Imprensa, foi, agora, possível, reunir pela primeira vez, os cavaleiros João Palha Ribeiro Telles, Paulo Caetano e João Salgueiro, que lidarão seis bravos touros da ganadaria de D. Maria Guiomar Moura.

Rafael Figueiredo com os Forcados Amadores do Montijo e António M. Cardoso com os Amadores de Alcochete estão, por seu turno, a criar mais um motivo de interesse para esta corrida que será abrilhantada pela banda da Sociedade Musical de Cascais.

João Telles

Paulo Caetano

João Salgueiro

Os bilhetes encontram-se à venda, em Lisboa, na agência ABEP (Restauradores) e Agência Ávila (Portas de Santo Antão) e, em Cascais, junto ao Hotel Baía e, no domingo, nas bilheteiras da praça.

Os transportes estão assegurados entre a estação de Cascais e a Praça de Toiros, ida e volta.

"Corrida de Toiros" hoje no Campo Pequeno

Luís Miguel da Veiga e Rui Salvador (na lide a cavalo) e Mário Coelho e Manolo Montoliu (a pé), estarão esta noite na Praça de Toiros Monumental de Lisboa para enfrentarem oito toiros de António Charrua (apresentados com trapio, peso e a cumprirem 4 e 5 anos de idade), sendo os toiros dos cavaleiros pegados pelos Forcados Amadores do Aposento da Moita, capitaneados por Manuel Duque.

Uma novidade em relação às últimas corridas do Campo Pequeno: desta feita a toirada não será televisionada.

«A Bela Portuguesa» foi um excelente trabalho, uma especie de encontro muito feliz entre o autor, encenador, interpretes e musica» — *Agustina Beça Luis*

casa da comédia

A BELA PORTUGUESA

de

AGUSTINA BESSA LUIS

JULIA CORREIA FERNANDO HEITOR MONIQUE RUTLER

UM ESPECTÁCULO DE FILIPE LÁ FÉRIA

TEL. 60 72 99 TEL. 67 74 81

TERÇA A DOMINGO ÀS 21.45 H. ★ SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 18.00 H.

SUB. SEC – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Patrocínios: COVINA – SAGRES – PORTO-RAMOS PINTO

Apoios: Miguel & Óscar – Lanalgo – Sabel – Filmarte – Dagol – Edições Rolim – Instituto do Vinho do Porto – Lisbonense – Va Bene – Loja das Meias – Manuel Ferreira, Lda. – Robbialac – Vista Alegre – A. da Costa Cabral – Neolux – Schréder – Timex – Policarpo – Moutela, Lda. – Fábrica de Peles Estrela ML – Isaura Florista – Oculista das Avenidas – Fábrica Sant'Ana – Parfois – Rádio Comercial – Antena 1 – «JL» – «Êxito» – «O Jornal» – «A Capital» – «Diário de Notícias» – «Diário de Lisboa».

DESCONTO DE 150$00 NOS BILHETES DE ESTUDANTE

CASA DA COMÉDIA NO PORTO

Teatro do Realejo

R. dos Mercadores, 136 — Telef. 38 36 42

21.30 h.

Café Teatro DRÁCULA Junior

Com: Marta Vieira, Fernando Gomes, Fernando Luís

Crónica de Touros

Turistas e brindes

Soliloquio

Praça de Touros de Albufeira. Sábado, 19 de Julho de 1986. Touros de António Barbeiro para Sommer de Andrade, Forcados Académicos de Santarém (cabo Manuel Correia) e José Júlio.

Tarde calorosa de Julho. Algarve cheio a deitar por fora. turistas de distantes terras chegando e partindo. Há corrida em Albufeira, como todos os sábados, para que nenhum visitante seja privado de ficar com uma ideia da «portuguese bull-fight». Na bilheteira, a bicha faz-se persistente, sinal de razoável entrada. Do outro lado do postigo, de tronco suado e nu, o homem vai despachando os bilhetes com presteza, nem é precisa tabela de preços visível, os turistas só puxam da carteira, dizem «How much?», não chateiam, não fazem perguntas tolas, se menino com oito anos já paga bilhete. A coisa só se põe demorada quando aparece um português, indaga qual é o lugar mais barato de sol. Um conto e quinhentos? Despache-se que tenho gente para atender. Mas então a sombra quanto é que custa? E o bilheteiro a esclarecer impaciente o assunto: O senhor nas filas pode andar à roda da praça, pode escolher em que sítio quer ficar, se é ao sol ou à sombra: quantos bilhetes são? É só um bilhete. E de facto não tem lugar marcado, em praças turísticas não se usam rigores.

Rigores seriam de facto desnecessários, não só na escolha do assento, também naquilo que dele se avistará. Os turistas não irão reparar que os «lindos toiros» de que reza o programa não são toiros coisa nenhuma, são uns novilhos afinal parecidos com aqueles que pelas outras praças portuguesas soltam às figuras, e que os indígenas deste país, mesmo nascidos no Ribatejo, engolem sem pestanejar, aplaudem tal e qual como os louros saxões. Já quanto aos toureiros, houve o cuidado de afixar, junto à bilheteira, um rectângulo de papel, dizendo que «por motivo imprevisto, o cavaleiro Luiz Cruz será substituído pelo novilheiro Juan Pedro Galan». Mas os turistas não reparam no aviso, e se reparassem era a mesma coisa, acabariam por não reparar que o aviso era para «inglês ver», inglês, e alemão, e sueco, e japonês, por acaso também houve um português que viu, e reparou que afinal o Galan não apareceu em parte nenhuma, quem sabe se terá ido à praia, mas não há problemas, o Sommer toureia dois touros, e o José Júlio toureia outros dois, assim até fica a coisa mais bem distribuída.

Porque, na praça de Albufeira, por fora apartamentos com turistas à janela, por dentro turistas sentados à volta do redondel aprazível, os touros não se servem aos oito de cada vez, nem sequer à meia dúzia. Quatro animais chegam, são medida não apenas suficiente, mas também desejavél. Isto sem ironia. Porque um espectáculo não deve durar para além do suportável por aqueles a quem se destina. E noventa minutos são tempo justo, apetecível pelos turistas. E já incluindo o intervalo, esse até nas corridas do Algarve é inevitável. «Senhoras e senhores, informamos que temos um bom serviço de bar dentro da praça». Para quem não siga a sugestão, não aproveite o intervalo para ir ao bar, há o número do homem que vem, com um carrinho e uma pá, apanhar da arena as bostas dos cavalos e bois. Quando o trabalhador recolhe, detém-se na porta dos cavaleiros, dali agradece a ovação, às bancadas levanta o braço, como matador que em triunfo vai de partida. Só que o homem não vai, daí a nada vem com um rodo para alisar a arena, quando torna a ir-se embora repete-se a cena, ele a agradecer, com um sorriso boçal e feliz, e os turistas a aplaudirem contentes, como se aquilo fosse parte divertida da «bull-fight», coisa nas suas distantes terras nunca vista.

Sem a pontualidade que, em assunto de touros deve dizer-se espanhola, em vez de britânica, o clarim toca para as cortesias. Pelo altifalante, rompe o «passodoble». Oxalá a falta de banda não sirva de precedente para outras praças, não suceda como nas revistas do Parque Mayer, a instalação de som tomando o lugar da orquestra, que mesmo desafinada é indispensável, faz parte do carácter que, uma vez perdido, já é outra coisa. Mas eis que alguém carrega no botão, faz calar o «passodoble», detêm os toureiros seu passo. Imagino logo um morto recente, minuto de silêncio. Não. Afinal é uma saudação de boas-vindas. «Senhoras e senhores, bem vindos à praça de Albufeira. Ladies and gentlemen, we hope you will enjoy the bull-fight». E outra vez a música, e o matador e as quadrilhas avançando, e os forcados, e o cavleiro, é pena, o campino vir de cotim, os turistas haviam de gostar de o ver pimpante no barrete verde e no colete encarnado, caramba, a empresa não devia consentir, nem que tivesse de vesti-lo com um trajo alugado no Paiva, há-de haver por lá algum trajo de campino, que tenha ficado das velhas operetas, como aquela onde a Mirita cantava «Ó Ribatejo, pai do meu Tejo, já te não vejo...». Um campino de cotim, numa praça turística! E os turistas que ligam tanta importância às peças de vestuário dos artistas, basta ver os da barreira, para ficarem felizes não precisam do previlégio dos capotes bordados, já se sentem contentes por os forcados lhes emprestarem os barretes, dão para apoiar só um cotovelo, mas valem como acontecimento, coisa para no regresso ser contada à família.

E saiu o primeiro. E outra vez o altifalante poliglota, na sua missão explicativa. «Ladies and gentlemen, in the bull-ring the famous matador José Júlio». Os turistas aplaudem esse matador que no mundo taurino foi mesmo famoso, falavam dele de Madrid a Sevilha, de Málaga a Santander, por toda a parte. Não sabem que, mesmo sem os recursos de outrora, sem poder luzir-se como então em bandarilhas, acaba de triunfar no Colete Encarnado, nas festas maiores da sua terra de Vila Franca. Não sabem mas podem acreditá-lo, vendo aqueles capotazos vagarosos e elegantes; e as gaoneras tão ligadas, e quietas, e cingidas; e o sabor que aflora no garbo de um molinete, de um trincheirazo onde pôs o sentimento que em seu ocaso guarda lá dentro, toureiro não quer deixar de ser.

«Ladies and gentlemen, the horseman Sommer de Andrade». Mais palmas dos turistas, presos à sedução da vestimenta, à beleza dos movimentos do cavalo, de como preso à garupa leva o galope do touro, galope curto e reservado, mansos lhe saíram os dois, da trincheira o animava o apoderado, para despachar o ferro, «José Luís, ele não arranca, ponha-lho você!», bem sabia o Vidal Patrício que só por acaso davam para sucesso aqueles animais da velha casta portuguesa dos Terés.

«Ladies and gentlemen, the forcados académicos de Santarém...» Na primeira pega, o moço é derrotado, leva no chão uma tareia violenta, ileso se levanta, e decidido fica à segunda, com ajuda carregada; quando se solta da cabeça do bruto ainda fica o «show» do rabejador de patilhas, os pés descrevendo os círculos em que o touro em vão o busca, atónito fica a olhar o desplante com que pela cara lhe sai o atrevido.

«Ladies and gentlemen...» Uma coisa os altifalantes não explicaram aos turistas: quem era aquele espectador que não era turista. Estava de camisa branca, e tinha despenteados os poucos cabelos meio brancos. Os toureiros atravessavam a arena, iam oferecer-lhe as sortes. Ele levantava-se do seu lugar, sem chegar a pôr-se de pé, agradecia com um ar indeciso e desajeitado, tão pouco acostumado a brindes, e logo tantos de uma vez só.

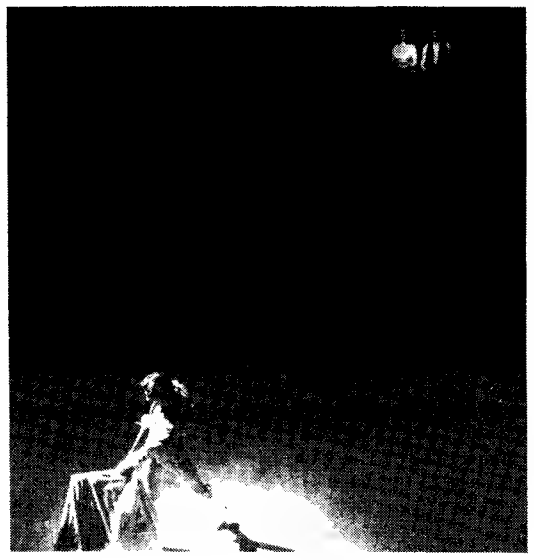
Primeiro foi o José Júlio. Os turistas bateram palmas, mesmo sem saberem quem era o brindado, nem ouvirem as palavras que lhe eram ditas. Sem notarem a amargura do sorriso do «famous matador», da confissão de que a festa no seu país o obrigava a estar ali, para sobreviver, o obsequiado que não reparasse no que ia fazer com aquele «jabonero». Mas era impossível o fulano não reparar. A lembrança trazia-lhe aquela viagem silenciosa de há trinta anos, no compartimento de um transvia de Vila Franca; saltava-lhe para a arena de Málaga, o corpo franzino do novilheiro expondo horrores; revia-o já matador, numa tarde de Julho, entre o delírio do San Fermin de Pamplona... E agora o José Júlio estava ali, tantos anos depois, a meia dúzia de metros, estendendo a muleta à investida pouco clara do novilho, o trajo gato como aquele, alugado, de que falam os versos de Peman, «Essa glória alugada,/ um querer sem poder ser alegria,/ vontade de cores não nascidas/ e de brilhos sem sol que lhes sorria.». Mas José Júlio sorria, com um sorriso amargo e cúmplice, quando acabada a faena foi recolher do brindado a montera que lhe deixara. «Agora andamos pelos «pueblos», disse. Mas no olhar do matador de Miuras, que punha Sevilha de pé, brilhava, sobre o desencanto, uma esperança.

Depois foi o cavaleiro, o Sommer de Andrade. Levou a montada até junto do mesmo tipo, tirou o tricórnio. «Tenho o prazer de lhe brindar este touro». Sentia pena que o brinde acontecesse ali, brinde em praça modesta, sem touro capaz, que contrariado tomou aquela boa tira, no refúgio da querença recebeu um ferro sesgado, para as tábuas deixou o espaço justo para que se alegrassem as bancadas com o de palmo. Entre aplausos recolheu o cavaleiro, para o brindado abanou a cabeça, com um sorriso também cúmplice, «não pôde ser melhor»...

E lá ia agora o grupo dos forcados, brindar ao mesmo, o João Campos à frente, levando embora o recado, e no andar a determinação que estava para além do gesto. «Em meu nome e em nome dos forcados académicos de Santarém, venho-lhe ofertar esta pega que vu tentar executar». Os turistas tornaram a bater palmas, mesmo continuando sem saber quem era o fulano, talvez imaginando ser algum toureiro retirado, ou actor conhecido, ou secretário de Estado em férias, ou maestro, ou poeta, ou único português ali presente. Mas já palmas maiores tinham que bater os turistas, o João Campos dissera que ia tentar executar a pega, e executara mesmo, e rija. No rosto ensanguentado trazia uma contida felicidade, quando veio recolher o barrete, que o brindado lhe devolveu com um obrigado, outras palavras não lhe ocorreram, nem talvez fizessem falta, que a tarde se acabava.

Com a vagarosa indolência de quem nada tem a fazer no imediato, os turistas abandonavam a praça. Uma rapariga loura, talvez alemã, achou que destinatário de brindes repetidos havia de ser alguém, foi estender-lhe o bilhete da corrida para um autógrafo, uma assinatura rápida, que ela agradeceu com um aceno de cabeça, ficou a olhar a palavra singela, sem saber que significava apenas o acto de se conversar consigo próprio, de se interrogar sobre o porquê das coisas, de entender a amargura de tantos brindes ignorados, de toureiros que querem continuar a existir, sobrevivem no sacrifício das pequenas glórias, na esperança de que se façam grandes.

Roteiro Cultural



Almeno Gonçalves, numa cena da peça «Touro»

Teatro

Na nova sala da Comuna-Teatro de Pesquisa está a terminar esta série de rapresentações de **«Touro»**. A peça, que esta noite sobe ao palco pelas 21.30 horas, é da autoria de Abel Neves e tem encenação e espaço cénico de João Mota. A interpretação está a cargo de António Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo, entre outros. A última exibição tem lugar dia 31.

Também na Comuna, mas pela meia-noite, no espaço de café-concerto, Bibi Perestelo, João Lagarto e Teresa Garcia Fernandes apresentam o espectáculo **«Exercícios de Estilo»**, baseado em textos de Raymond Queneau.

«A Bela Portuguesa», de Agustina Bessa-Luís (o segundo texto da sua autoria para teatro) está em cena na Casa da Comédia, às Janelas Verdes, numa encenação de Filipe La Féria. Não se sabe no entanto por quanto tempo, depois das declarações do encenador esta manhã, após ter conhecimento que o seu grupo não terá subsídio regular do Ministério da Cultura. A peça, estreada a 19 deste mês, tem interpretação de Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

No Casino Fundalense, o Grupo de Amadores do Fundão apresenta **«Ruzanterias»**, baseado em textos de Angelo Beolco. Com encenação de José Martins, a peça conta com as interpretações de Anabela Campos, Carlos Pires, Esmeralda Tavares e Fátima Freitas, entre outras.

Cinema

No Forum Picoas é exibido hoje, novamente pelas 19 e 21.45 horas, o filme de Sam Peckinpan **«O Fim de Semana de Osterman»**.

O Ciclo de Grandes Realizadores das Jornadas Grudó Culturais, a decorrer em Famalicão, termina esta noite com a apresentação, pelas 21.45 horas, do filme de F. Truffaut **«Disparem sobre o Pianista»**. Seguir-se-á um mini-debate.

Música

O festival «Jazz em Agosto 86» da Fundação Gulbenkian termina esta noite com a segunda actuação, pelas 21.30 horas no Anfiteatro ao Ar Livre, do **«Trevor Watts'Moiré Music»**. O grupo britânico é constituído por Trevor Watts (saxofones alto e soprano), Simon Picard (saxofones tenor e soprano), Lol Coxhill (saxofones soprano e sopranino), Pete McPhail (saxofones soprano e sopranino), Peter Knight (violino), Steve Cooke (violino), Liam Genockey (bateria), Nana Tsiboe (percussão), Veryam Weston (piano) e Paul Rodgers (baixo electrico).

Bailado

Em Lamago, ao ar livre, a **Companhia de Dança de Lisboa**, em colaboração com a autarquia e a Secretaria de Estado e Cultura, realiza um espectáculo pelas 22 horas.

Exposições

No Museu de Setúbal, na galeria de exposições temporárias, está patente uma exposição de pintura e colagens de **Matos Cardoso**.

«Artesanato em Vias de Extinção» é a designação da mostra patente na Feira Internacional de Lisboa até ao fim do mês. A mostra inclui peças de latoaria, cestaria, louça preta, socos, croças, gamelas e fusos.

Tapeçarias da Manufactura de Portalegre, sobre cartões de Almada, Botelho, Costa Pinheiro, Cruzeiro Seixas, Pomar e Vieira da Silva estão em exposição até ao fim do mês no Hotel Meridien, em Lisboa.

DL CINEMAS

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A PONTE DE BROOKLYN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
FESTIVAL 007 — O AGENTE IRRESÍSTIVEL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
SAHARA
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
CARIMBE-LHE SR. CARTEIRO!
(int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
PLANTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anosa)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CONAN O DESTRUIDOR
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso
CUECAS HÚMIDAS
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
O SEGREDO DE NINJA
(n/acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(n/acons. a m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AMOR E DINHEIRO
(m. 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Azambuja
O GRANDE ATAQUE
(maiores 13 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sharp
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 13 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h
AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE
(n/acons. a men. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
REI DAVID
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
STARMAN – HOMEM DOS ESTRELAS
(m. 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
PRINCIPE DA CIDADE
(n/acons. m 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE 2
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
(maiores 16 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
AMANTES DE VERÃO
(ão acons, men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
LOUCA POR SI PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134
O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Londres
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
O ÚLTIMO EXECUTOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
A CRIADINHA FRANCESA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
MULHER DE VERMELHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
O MONSTRO
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
EUREKA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
A CASA ENCANTADA
(n. acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A CIDADE BRANCA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
KRULL, PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
(maiores 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
007 — MISSÃO ULTRA-SECRETA
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
KARATÉ KID II
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UNS E...OS OUTROS
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O RAPAZ DA COCA-COLA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
JOÃO BRONCAS E A LICEAL
(maiores 18 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro «Exterminador Implacável», às 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores «João Broncas e a Liceal», às 15 e 21.30 h (m. 18 anos)
Babilónia — ««Police Academy III — de volta aos treinos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

Estúdio Dois EME — «A Garota do Vestido Cor-de-Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 aos)

Cine-Teatro Chaby — Descanso

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Gente Gira n.º 2», às 17 e 21.15 h (m. 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «A Garota do Vestido Cor-de-Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Amadeus», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)
Sala 2 — «As Bicicletas são para o Verão», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Academia de Polícia III — de Volta aos Treinos», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Nova Iorque fora de Horas», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Louca por Si, Professor», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Os Dois Super-Polícias em Miami» às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
ALMADA — Academia — «Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Revolução», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Lobijovem», às 15.45 e 21.30 h (m. 6 anos)
Sala 2 — «Rambo — A Vingança do Herói», às 16.15 e 21.45 (m. 12 anos)
MOSCAVIDE — Stop — «Desejos Perversos», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos) (int. 18 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Jovens Guerrilheiros», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 16.00 e 21.30 (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Regresso Alucinante», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)
Cineoceano — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Os Gloriosos Malucos da Academia do Volante», às 16.00 e 21.00 h (m. 12 anos)
ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine-St.º António — «África Minha», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIXA: Valadas**, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LAPA: Mota Capitão**, R. de São Félix, 45-B-C (T. 660720); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **METRO - ANJOS: Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43; **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz. 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CALVÁRIO — ALCÂNTARA: Calvário1, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857);' **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais**, R. Neves Costa, 33-35; **CHAFARIZ DE DENTRO: Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **CONDE BARÃO: Moz Teixeira**, R. Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 5441258); **MARQUÊS DE POMBAL: Liberal**, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma. 194 (T. 863350); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 137 loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova** R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Pioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior,Av. 25 de Abril, 9, 2.º, E (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **ALFARIM: Lino** (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até ás 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Até ás 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até ás 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 49322190). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 49323756). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Cristna**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórcia**, Vila Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas;

TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«**TOURO**«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«**O INDESEJADO**«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 60 72 99

De terça a domingo, às 21.45; sábados e domingo, às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**«, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Int.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

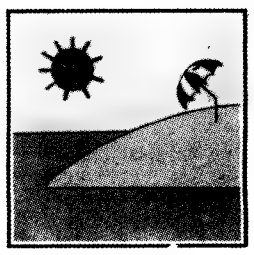
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

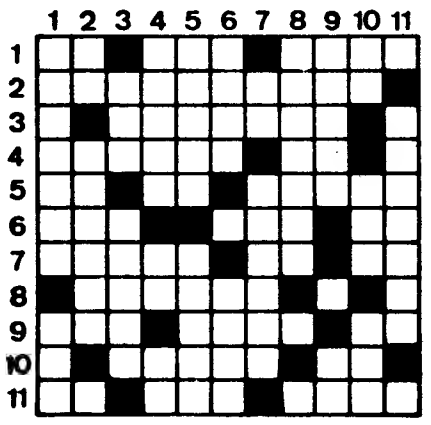


NÃO tome banho em praias sem assistência

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: **COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 814**

1 Preposição. Ruim. Fruto dos cereais.
2 Atacaram.
3 Combinaras.
4 Tomar ditoso. Sódio (s.q).
5 Pronome reflexo. Carta de jogar. Elegância.
6 Espécie de cotovia chamada sombria. Madeira. Sufixo que designa estado.
7 Freguesia do concelho de Torres Novas. Em a. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
8 Com. da Itália, às margens do Alpone.
9 Hora canónica correspondente às quinze horas. Árvore de fibras têxteis, de São Tomé. Prasiodímio (s.q).
10 Palavra latina que significa além. Ruim.
11 Alternativa. Artilharia antiaérea. Um dos doze profetas menores do Cânon Judeu, séc. VIII aC.



VERTICAIS:

1 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Recusa.
2 Pertences. Serra de Portugal.
3 Vai para fora. Cidade da Suíça.
4 País e principal ilha de um pequeno arquipélago do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África. Cento e um em romano. Nota musical.
5 De outro modo. Cidade de Itália.
6 O mesmo que outar. Pequena constelação breal.
7 Clima. Deus indiano das letras, reprentado com uma cabeça de elefante.
8 Dep. da Nicarágua.
9 Tocar ao de leve. Milímetro.
10 Antes do meio-dia. Cabo do Nordeste da Tunísia, no mar Mediterrâneo. O sustento.
11 Aparecer.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 813**

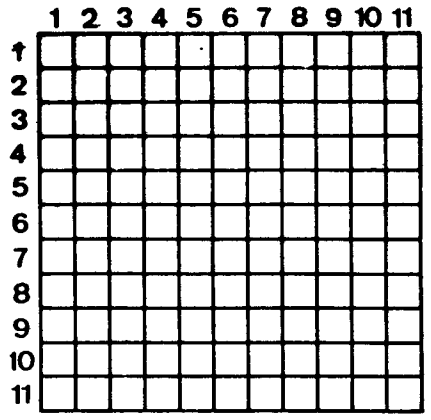
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 QUEM. AMA. Má.	1 Qui. CASTIGA.
2 Urca. Malgas.	2 Urano. Airas.
3 Ião. Pã. Mata.	3 Ecoava. Lisa.
4 Namangan.	4 Ma. Mi. Ati.
5 Covilhã.	5 Palcos. As.
6 Calcula.	6 Amanharam.
7 Sã. Poria.	7 Ma. Galileia.
8 Til. Salgado.	8 Alma. Cágado.
9 Iria. Meadas.	9 Ganau. Ad.
10 Gasta. Id. Ro.	10 Mat. Lidara.
11 Asais. Ao. Ás.	11 Asaria. Osos.

PROVÉRBIO: Quem ama, castiga.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 648

HORIZONTAIS:

1 Vila e sede de concelho (Aveiro). Pronome reflexo.
2 Patrão. Deram urros.
3 Erguem (uma âncora). Rio da Rússia.
4 Cério (s.q). Junto.
5 Esmoncamos. Viração.
6 Seguia. Apelido.
7 Nota musical. Celebravas em verso.
8 Sonda oca para extracção de urinas.
9 Cantiga. Deusa hindu, personificação do mito da terra.
10 Estimai. Saíra frequentemente à rua.
11 Tempo do verbo ser. Nome de homem.



VERTICAIS:

1 Povo de África entre a costa de Zanzibar e o lago Vitória. Fúteis.
2 Nome de mulher. Vá para fora. Pronome pessoal.
3 Gorgulhos tropicais. Rio da Suíça.
4 Avaliaria.
5 Túmulo de pedra ou de terra que se encontra frequentemente no Peru e Bolívia. Naquele lugar.
6 Arregaçara as mangas a.
7 Doutora (abrev). O mesmo que até.
8 Em partes iguais. Atacar.
9 Lista. Despachara.
10 Pássaro do Brasil. Cidade da Suíça.
11 Preposição. Rezas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 647**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Baila. Qui.	1 Filipinas.
2 Imortal.	2 Morar. Mato.
3 Loto. Aias.	3 Botânica.
4 Ira. Crisol.	4 Aro. Atacara.
5 Panaras. Tam.	5 It. Cremar.
6 Irite. Opa.	6 Laura. Erada.
7 Camelo. Ar.	7 Al. Isolada.
8 Amaçaras. Ri.	8 As. Osas.
9 Sa. Arada. Id.	9 Quioto.
10 Ter. Dás. Ao.	10 Alaparias.
11 Ho. Asa. SSS.	11 Ias. Maridos.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música de expressão portuguesa; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

- **16.00**: Música do século XX; **16.35**: Trechos de óperas; **17..00**: Integrais; **17.40**: «A Moldavia», poema sinfónico, de Smetana; **18.00**: Sonata, em ré maior, K. 284, de Mozart; **18.40**: Sinfonia, n.º 2, em dó menor, de Mahler; **20.10**: «Contos dos Bosques de Viena», de Johan Strauss; 20.40: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «Barbeiro de Sevilha», de Rossini; **23.45**: Solos instrumentais; **00.10**: Música, de Serge Prokofiev; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«As Misteriosas Cidades de Ouro»

15.30 — Inventário Musical
(8.º programa): «Banda Recreativa de Bucelas». Na pequena vila de Bucelas existe uma pequena sociedade musical empreendedora, com uma notável obra de ensino e divulgação da música, sobretudo junto dos jovens.

15.55 — Retalhos da Vida de um Médico
(8.º episódio)

16.55 — Ontem Viu?
«Foi Êxito na TV»: Gente Fina é Outra Coisa

18.00 — Atletismo: Campeonato da Europa em Estugarda

19.30 — Portas do Desconhecido
(1.º programa): «As Profecias». Neste programa e através de imagens muito sugestivas, acompanhadas por uma linguagem simples e clara, é-nos mostrado um pouco da história dos profetas através dos tempos.

19.55 — O Livro Grande de Petete
«A Gravidade»

20.00 — Telejornal

20.35 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo
(123.º episódio): Rafael explica a Teresa tudo o que se passou entre ele e Bia. Teresa desconfia que Alfredo teve alguma interferência no caso mas não o revela a Rafael. Sónia regressa de São Paulo e escuta com interesse as histórias de Cláudio na fazenda.

Wanderley diz a Olavo e a Margarida que Lúcia garantiu que o despediria assim que chegasse da viagem. Olavo promete ajudá-lo.

Sónia vê a mãe sair de um carro de um homem.

Durante o aniversário de Heloísa, Osmar mal repara em Teresa, que começa a ficar desesperada.

21.30 — Danças Loucas
«Os anos 50» — (5.º programa): É agora a vez dos anos 50, com o ressurgimento que se reporta à rigidez austera do imediato pós-guerra, com um caldeamento de ritmos e melodias de origens várias, onde avultam o «tango» e o «cha-cha-cha» sul-americanos, a par do «hop», do «square dance», do «hulla-hoop» e do «rock'n'roll» que acompanham a explosão juvenil que então se desenhava no horizonte, para se expandir posteriormente em tão largos frutos.

21.55 — Hill Street
(7.º episódio): Os polícias da esquadra de Hill Street estão de prevenção: Floyd Green, um conhecido assassino de jovens, fora posto em liberdade e criara já graves problemas.

Intérpretes: Daniel J. Travanti, Verónica Hamel, Betty Thomas, Bruce Weitz, Kiel Martin. Realização: Bill Duke.

22.45 — Últimas Notícias

RTP 2

16.30 — Indicativo do Europa TV
O Tempo

Esta noite mais um episódio da série «Hill Street»

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic-Tac» e «Willy Fog»

17.05 — Countdown

17.45 — O Tempo

17.50 — Documentário
«Espaço Verde»: mais um episódio desta série sobre as múltiplas facetas da paisagem holandesa.

18.20 — O Tempo
«O Mundo Amanhã»

18.30 — Euro-repórter Especial

19.00 — Documentário
«A Grécia de Lawrence Durell»: uma viagem através da Grécia, pela mão de Lawrence Durell, autor de «O Quarteto de Alexandria», deixando de lado os traços da Grécia que ele próprio conheceu, com passagens por Corfu, Rodes e Creta

20.00 — Notícias

20.05 — Caminhos do Eterno
«Museu da Rainha D. Leonor»

20.30 — O Novo Pacífico
(1.º episódio): A bacia do Pacífico contém um terço da população mundial. Nela estão representadas as principais raças humanas, todos os tipos de sociedades, todos os estádios do desenvolvimento humano e as grandes religiões. Não existe mais nenhuma região do mundo com uma diversidade tão grande de raças, línguas, cultura e cor de pele.

O rápido desenvolvimento do comércio, do turismo e das telecomunicações aproximou os povos do Pacífico, mas sujeitou os seus tradicionais estilos de vida a desafios completamente novos.

Uma co-produção da BBC e da RM Arts, produzida e realizada por Michael Macintyre.

21.35 — Notícias

21.40 — Atletismo: Campeonato da Europa em Estugarda

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical
(120.º e 121.º episódios)

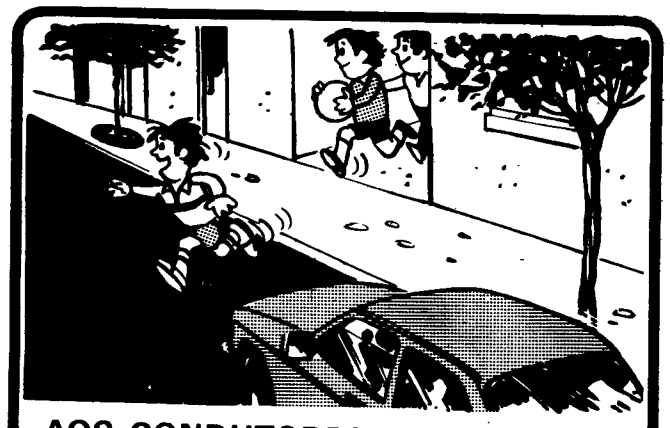
AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Setentrião
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.35 — Desenhos Animados
16.00 — Entre Marido e Mulher
16.30 — O Mar e a Terra
16.55 — Atletismo
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Recriar o Espaço
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
21.25 — Camões: Esse Emigrante
21.55 — Fortunata e Jacinta
23.00 — Últimas Notícias

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Atletismo
21.30 — Directo/2
22.25 — Últimas Notícias
22.30 — Vereda Tropical



GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Hill Street

RTP 2
Vereda Tropical

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

«Corpo a Corpo»

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.04 **3,10 m**	03.09 **1,90 m**
22.53 **2,90 m**	16.04 **2,00 m**
Dia 29	
11.38 **3,00 m**	04.37 **2,00 m**
24.27 **3,00 m**	17 46 **2,00 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	7º
VIANA DO CASTELO	13º
VILA REAL	10º
PORTO	10º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
ÉVORA	14º
BEJA	13º
FARO	18º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	23º
FUNCHAL	22º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Cabo da Roca. Vento moderado de norte. Pequena subida de temperatura.

Saramago (no Brasil) defende unidade ortográfica

O escritor José Saramago, que ontem autografou em São Paulo os seus livros, defendeu a criação de «uma bacia cultural atlântica com razízes culturais profundas, ligando países da América Latina, África e Europa».

Tal ligação, observou o escritor, «deve ser entendida como uma realidade futura de equilíbrio cultural e até político-económica».

Defensor da «homogeneidade ortográfica entre os países da fala portuguesa», Saramago acrescentou: «Há utilidade, não tanto por causa do Brasil, mas pelos novos países de expressão portuguesa como Angola e Moçambique».

Reportando-se ao acordo de unidade ortográfica, assinado em Maio no Rio de Janeiro entre os sete países de expressão portuguesa, José Saramago manifestou recear que «cada grafia dispare para seu lado, com prejuízo de uma possível instalação da língua portuguesa entre as seis mais importantes no mundo».

Terminou por concluir que «a homogeneidade ortográfica só beneficiaria o intercâmbio cultural».

Incentivos fiscais de apoio à acção cultural

O «Diario da Rublica» acaba de publicar o decreto-lei do Governo que estabelece incentivos fiscais e medidas de apoio à criação, acção e difusão cultural.

O diploma altera artigos do Código da Contribuição Industrial, do Código do Imposto Complementar e do Código da Contribuição Predial e do Imposto sobre a Indústria Agrícola, de forma a incluir as novas reduções fiscais.

Empresas e indivíduos passam a poder sofrer reduções na carga fiscal daqueles impostos quando beneficiarem museus, bibliotecas, escolas: institutos e associações de ensino ou de educação, de cultura científica, literária ou artística ou outras entidades que desenvolvam acções no âmbito do cinema, audiovisual, literatura, teatro, bailado, música, festivais ou outras manifestações artísticas.

O diploma refere que «não deve competir exclusivamente aos poderes públicos o apoio financeiro à criação, à acção e à difusão cultural».

Por isso, acrescenta, «se afigura necessário criar condições capazes de permitir aos particulares apoiar decidamente a criação cultural portuguesa».

Braga

Falso peditório a favor das crianças diminuídas mentais

A Direcção da Delegação de Braga da Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais tornou público um esclarecimento em que refere «não estar em curso, neste momento, qualquer peditório a favor daquela associação».

A APPACDM denuncia que «Grupos (jovens e adultos de ambos os sexos) percorrem diariamente e em todos os sentidos (alguns já desde há alguns meses e vindos de outros distritos, e todos os anos por esta altura) as ruas da nossa cidade, invocando para maior motivação das pessoas, ou das casas comerciais a quem pedem, os deficientes mentais ou a APPACDM».

A Direcção da Delegação de Braga da APPACDM declara «a todos os habitantes da nossa cidade, concelho e distrito, que nada tem a ver com esses peditórios».

A Associação costuma levar a efeito um peditório nacional, mas «sempre devidamente autorizado pelos Ministérios da Educação e da Administração Interna e com o conhecimento do público.»

/D/E/C/A/R/A/S/

WILLY BRANDT, apelou hoje, em Nuremberga, ao Partido Social Democrata (SPD), a que preside, para que se esforce por conquistar o eleitorado do centro, única forma de chegar ao poder nas eleições gerais de Janeiro de 1987.

A figura de realce do congresso, hoje inaugurado, é o novo candidato à chanchelaria alemã federal, o delfim de Brandt, Joahannes Rau, de 55 anos.

Rau afasta a hipótese de uma aliança com os verdes e fixou a meta, que a maioria dos observadores políticos considera impossível, de conquistar uma maioria absoluta que lhe permita governar sózinho, como a que obteve em 1985 nas eleições regionais da Renânia-Westfália, «land», de que é chefe de governo.

YASSER ARAFAT, chegou a Maputo, para uma visita oficial de dois dias. Arafat, que visita Moçambique a convite do presidente Samora Machel, terá conversações com o chefe de Estado moçambicano acerca de questões da política internacional, nomeadamente a situação na África Austral e no Médio Oriente e a Cimeira dos Países Não-Alinhados.

JOSÉ SARNEY, declarou que o Brasil não cessará de expressar o seu repúdio em relação à situação na Namíbia. Em mensagem enviada à Organização das Nações Unidas, no Dia da Namíbia, o presidente reafirmou o compromisso do Brasil com a causa do povo daquele território africano e o seu apoio à luta da SWAPO, a favor da independência. «A África do Sul agride os seus vizinhos pacíficos» — disse também José Sarney na mesma mensagem, que conclui com uma palavra de confiança no futuro cumprimento da resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (sobre o acesso da Namíbia à independência).

SHIMON PERES, encontra-se nos Camarões para conversações que poderão resultar no reatamento de relações diplomáticas entre os dois países.

Um grupo de empresários e políticos acompanha Peres, que deverá manter dois dias de conversações com o presidente Paul Biya.

Doze médicos e paramédicos da força aérea israelita acompanharam Peres à última hora para prestar assistência às vítimas da fuga de gás tóxico de um vulcão.

PEREZ DE CUELLAR, disse que as comemorações do Dia da Namíbia dão à comunidade internacional uma nova oportunidade de manifestar a sua determinação em prol da independência daquele território.

Em mensagem divulgada pelo Centro de Informação da ONU em Lisboa, alusiva ao Dia da Namíbia, Perez de Cuellar afirma que «todos devemos compreender a profunda frustração, o rancor e a impaciência do povo da Namíbia» e que a «comunidade internacional não devia poupar esforços para facilitar uma solução rápida».

ROELOF BOTHA, ministro dos Negócios Estrangeiros de Pretória está na Suazilândia para conversações com o primeiro-ministro, Phekimpi Dlamini. Um porta-voz do ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros disse que a visita de Botha, que não tinha sido anunciada previamente, inclui também conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros daquele reino, Shadrack Sibanyoni.

A África do Sul assinou com a Suazilândia um pacto de não agressão, segundo o qual este país deve restringir as actividades do Congresso Nacional Africano (ANC), que luta contra o regime de apartheid da África do Sul.

"Fases" dos professores

FENPROF condena congelamento

A Federação Nacional dos Professores (FENPROF) exigiu que os professores efectivos do ensino não superior com mais de 21 anos de serviço ascendam às «fases» respectivas sem períodos de congelamento do tempo de serviço.

Em comunicado, a FENPROF manifesta a sua intenção de lutar contra as disposições legais que congelam a contagem do tempo de serviço para fases, entre 7 de Maio de 1976 e o termo da profissionalização dos docentes.

«Se para os professores mais jovens conta todo o tempo de serviço para fases, os professores mais antigos serão prejudicados, visto que, para terem acesso à quinta fase, terão que estar quatro anos na fase anterior, e assim sucessivamente, até atingirem a sexta fase», refere o comunicado.

O Secretariado Nacional da FENPROF afirma que «apenas em 1990 os professores atingirão a sexta fase, sendo que alguns deles, estando próximos da aposentação, não terão acesso ao topo de uma carreira a que se dedicaram».

Rúben de Carvalho recupera

O jornalista Rúben carvalho, vitíma de um acidente cardíaco na madrugada de anteontem, continua hospitalizado embora se encontre melhor. O seu estado não inspira cuidados especiais e espera-se para breve a sua saída do Hospital de Santa Maria.

Contrariamente ao que ontem noticiámos com base num telex da Anop, Rúben de Carvalho, membro do Comité Central do PCP, não é **ex** mas actual chefe de redacção do «Avante!». Apesar de desempenhar funções importantes na Festa do «Avante!» acontece ainda que Rúben de Carvalho não é o seu coordenador principal, como, por lapso involuntário, também ontem afirmávamos. A Rúben o que é de Rúben.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 268

«A» foto histórica do grupo surrealista, obtida em 25 de Maio de 1948 – em primeiro plano estão António Pedro, Alexandre O'Neill e Moniz Pereira; em segundo, Mário Cesariny, José-Augusto França e Vespeira. O'Neill substituiu a mão direita (que esconde na manga do casaco) por um osso

O'Neill

Da aventura surrealista à «pequena dor portuguesa»

Págs 2 e 3

Luiz Pacheco regressa com o caso das criancinhas desaparecidas

«Gosto muito das Caldas da Rainha. Ali me confessei comunguei crismei guiado sugestionado engodado por cavacas e trouxas d'ovos pela mão de uma velha que usava pêra e bigode». Pedro Alvim leu e comenta. **Pág. 5**

Na Montmartre de Jean-Paul Sartre

Pág. 7

Ainda Lorca

Na «Huerta de San Vicente»

Pág. 6

Um é Outros — folhetim de Jrupe Emigrilian na pág. 4

Da aventura surrealista à «pequena dor portuguesa»

Alexandre O'Neill acabou por achar-se muito longe do que parecia indicar a sua contribuição para a aventura surrealista, e também não se fixou no neo-realismo

Alexandre O'Neill é autor de alguns dos mais belos poemas da língua portuguesa. Dito isto, que não é pouco, é bem verdade o que António Alçada Baptista escreveu no prefácio à *Feira Cabisbaixa*: »...esta escola e atitude (o surrealismo) é antes o instrumento e a moldura moral com que ele (O'Neill) penetra um lirismo português fortemente arreigado e fortemente tradicional». E mais adiante: «em Tolentino e Paulino António Cabral, em Cesário e Pessoa, e não em Breton ou Eluard, podemos encontrar as linhas em que O'Neill faz seguir o seu processo poético».

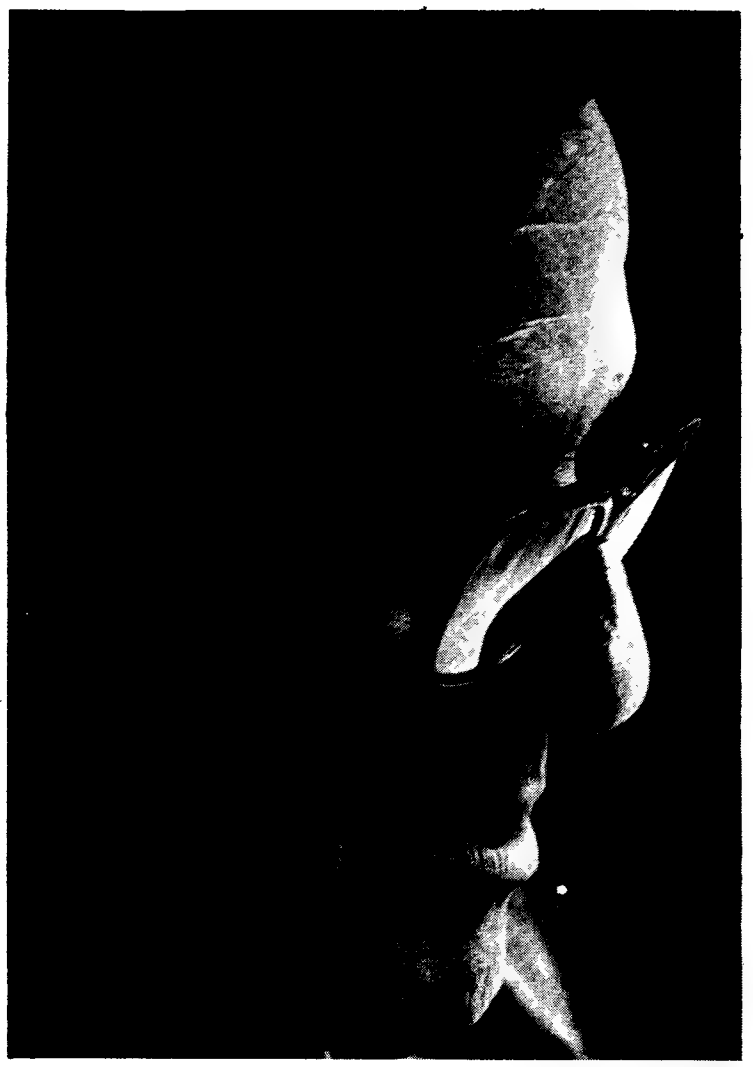
Com efeio, a «vírgula maníaca», a «pequena dor à portuguesa», alguns «tropeços de ternura», um certo enfarto de comoção lírica mal jugulado por uma contraditória intenção prosaica a dissolver-se em literatura bem alinhada numa tradição que vai de Tolentino e Bocage até ao estrondoso Junqueiro, conduziram Alexandre O'Neill muito longe do que parecia indicar a sua contribuição para a aventura surrealista.

Depois de deixar, segundo as suas próprias palavras, o surrealismo «reduzido, como merece, às alegres actividades de dois ou três pequenos aventureiros» (Cesariny? António Maria Lisboa?), e após uma adesão breve e não muito convicta ao messianismo neo-realista, O'Neill tornou-se o nosso melhor compositor de sonetos e conquistou um estilo certeiro e inconfundível, mas repetido até à exaustão.

A sua bela mordacidade satírica, a multiplicidade dos seus dotes humorísticos, a liberdade metafórica e sintáctica da sua poesia, o automatismo decorativo, o humor *quase* negro, levaram-no — por que obscura contradição? —, não aos espaços salubremente aleatórios da revolta, mas a uma *certeza de mão* que muito nos parece corresponder perfeitamente àquela nossa tradição de ironia amena, de humor passivo, que não pretende emendar o mundo, mas antes gosta que ele se conserve assim para se rir, ou sorrir, à sua custa.

Não há qualquer intuito pejorativo nestes dizeres. Em Portugal, uma obra, qualquer obra, só é possível *contra* o surrealismo. Onde a força de titã para levantar a cortina de chumbo que entre nós impede a redescoberta da vida na «vida mágica»? Onde os olhos capazes de não ficarem ofuscados por aquele «conhecimento aproximado», mas ardente, de uma razão futura, sem hiatos, autêntica altura do homem?

Quando Pedro Oom perguntava «que pode fazer um homem desesperado quando o ar é um vómito e nós seres abjectos» ou afirmava que «as prisões existem para que possa haver homens livres» pôs o dedo nesta ferida, nesta infecção portuguesa que transforma a colectividade numa abstracção, o ser social num indivíduo isolado, o surrealismo em abjeccionismo, como se a vida inteira, aqui, fosse a manifestação duma necessidade estranha à poesia, ou como se à poesia só restassem duas alternativas: a morte, a recusa de ultrapassar os limites do possível, ou a traição, essa forma insidiosa de adaptação aos gostos e aos costumes do tempo.



Ele deixou o surrealismo «reduzido, como merece, às alegres actividades de dois ou três pequenos aventureiros»

«Toda a verdadeira linguagem é incompreensível», dizia Artaud. Ainda não digerimos isto, e assim o nosso surrealismo só raras e contadas vezes não se dissolveu em literatura, isto é, em algo de infinita e desesperantemente compreensível.

Algumas palavras vivem no espírito dos que se sabem ou não se sabem surrealistas como o apelo de um espaço sem tempo: as palavras *revolução, poesia, amor, humor*. Estas palavras são claras, mas o pensamento que as liga não é claro. O que cada uma delas em si mesma designa não precisa de ser claro, mas o conjunto é atacado de degradação, falsificação e esclerose se não for uno e múltiplo, iluminado pela mesma luz que participa do dia e que participa da noite.

O continente futuro que André Breton se propunha abordar em 1928 não é esta terra gasta e desolada. Ali, a poesia seria um acto que não reflecte o acontecimento ou a «realidade», mas que os antecipa, suscita e cria, um acto ligado ao esquecimento de si mesmo, ao desprezo dos propósitos e perspectivas individuais: um modo de conhecimento e não apenas um meio de expressão.

O'Neill escreveu admiráveis sonetos, belos versos de amor e humor, e em certa altura da sua vida desistiu de «transformar o mundo» e de «mudar a vida», imperativo indivisível do surrealismo. Há aí quem possa atirar-lhe a primeira pedra?

Ernesto Sampaio

O amor continua muito fora da vida

Cinco poemas de Alexandre O'Neill

Jorge

Podes vir.
Mamã, enfim, morta.

O poema pouco original do medo

O medo vai ter tudo
pernas
ambulâncias
e o luxo blindado
de alguns automóveis

Vai ter olhos onde ninguém os veja
mãozinhas cautelosas
enredos quase inocentes
ouvidos não só nas paredes
mas também no chão
no tecto
no murmúrio dos esgotos
e talvez até (cautela!)
ouvidos nos teus ouvidos

O medo vai ter tudo
fantasmas na ópera
sessões contínuas de espeiritismo
milagres
cortejos
frases corajosas
meninas exemplares
seguras casas de penhor
maliciosas casas de passe
conferências várias
congressos muitos
óptimos empregos
poemas originais
e poemas como este
projectos altamente porcos
heróis
(o medo vai ter heróis!)
costureiras reais e irreais
operários
(assim assim)
escriturários
(muitos)
itelectuais

(o que se sabe)
a tua voz talvez
talvez a minha
com certeza a deles

Vai ter capitais
países
suspeitas como toda a gente
muitíssimos amigos
beijos
namorados esverdeados
amantes silenciosos
ardentes
e angustiados

Ah o medo vai ter tudo
tudo
(Penso ro que o medo vai ter
e tenho medo
que é justamente
o que o medo quer)

O medo vai ter tudo
quase tudo
e cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos

Sim
a ratos

Uma vida de cão

NÃO
não é a poesia caixa de música
ou a poesia piolho místico enterrado no
cebo destes dias

ou qualquer outra
que podem dissolver a tua alma
tão problemática
no vinho da beatitude

Ah
o «mistério» da poesia a poesia
técnica da confusão
a capelista poética e os primeiros fregueses
ainda a medo ainda receosos
de te pedirem a Dor em alfinetes que não tenhas
logo ali à mão

E quanto dizes «Poesia» eu tenho nojo
aquele nojo violento que me dá
o olhar furtivo a atenção desatenta
dos que se demoram nos lavabos nas salas dos cinemas
de mãos distraídas procurando
a solução da noite

Instalaram-se em ti
a mesma contracção suspeita
a mesma hipocrisia o mesmo sobressalto
a mesma curva obscena
que o olhar descreve
goza
e disfarça

Quando dizes «Poesia» dizes medo
dizes família tradição classe
e a vida de cão que te esperava
e que é hoje a tua vida a tua «transcendente«
vida de cão

Ensinaram-te palavras que pareciam
prontas a derrotar quem as ouvisse
ensinaram-te gestos para elas
e a tal ponto te humilharam
que te puseram de pé
limpo
inteligente
e aprumado

Pronto a seguir
seguiste
e agora estás aqui
estás aqui pois claro
angustiado e iludido
mas deliciado

Até aos últimos arcanos
cafés e leitarias
seguiste André Breton
ou a sombra dele
e a aventura mental que procurava
um sinal exterior
um estilhaço vivo do acaso
a Nadja lisboeta que salvasse
ou a noite ou a vida

acabou em «bons» poemas «maus» poemas
em palavras e palavras

E coberto de palavras enterrado
numa terra de murmúrios de gemidos
teu coração já nada faz mover
senão moinhos de palavras
e «a dor é grande» dizes tu
«mas sublime»
Mas não sou eu que te lamento

Os teus mitos esperam-te
já impacientes

agora põe-te a andar
agora passa por cá daqui a uns anos

Talvez me encontres
talvez possa fazer qualquer coisa por ti
qualquer coisa simples
quase inútil
quase ridícula
oferecer-te uma sílaba
um conselho
um cigarro

(Do livro «Tempo de Fantasmas»)

Caixadóclos

— Patriazinha iletrada, que sabes tu de mim?
— *Que és o esticalarica que se vê.*

— Público em geral, acaso o meu nome...
— *Vai mas é vender banha de cobra!*

— Lisboa, meu berço, tu que me conheces...
— *Este é dos que fala sozinho na rua...*

— Campdórique, então não dizes nada?
— *Ai tão silvatáváres que ele vem hoje!*

Continua na pág. 3

Continuação da pág. 2

— Rua do Jasmim, anda, diz que sim!
— É o do terceiro, nunca tem dinheiro...

— Ó Gaspar Simões, conte-lhes Você...
— Dos dois ou três nomes que o surrealismo...

— Ah, agora sim, fazem-me justiça!
— Olha o caixadóclos todo satisfeito a ler as notícias

(Do livro «Feira Cabisbaixa»)

Agora escrevo

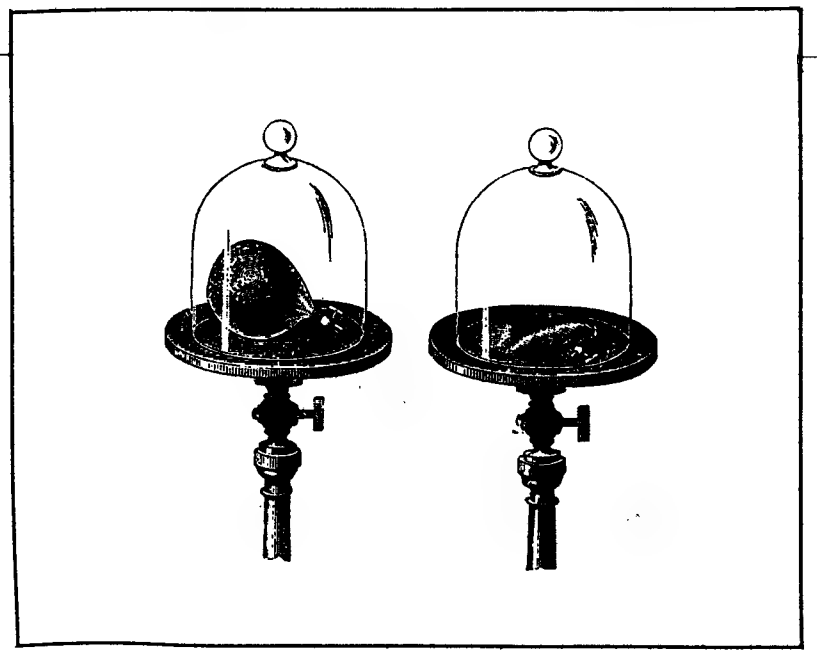
Que queriam fazer de mim?

Uma palavra, um gemido obsceno,
Uma noite sem nenhuma saída,
Um coração que mal pudesse
Defender-se da morte,
Uma vírgula trémula de medo
Num requerimento azul, azul,
Uma noite passada num bordel
Parecido com a vida, resumindo
Brutalmente a vida!

A chave dos sonhos, o segredo
Da felicidade, as mil e uma
Noites de solidão e medo,
A batata cozida do dia-a-dia,
O muscular fim-de-semana,
As sardinhas dormindo,
Decapitadas, no azeite,
O amor feito e desfeito
Como uma cama
E ao fundo — o mar...

Mas defendi-me e agora escrevo
Furiosamente, agora escreva
Para alguém:

Lembras-te, meu amor, dos passeios que demos
Pela cidade? Dos dias que passámos
Nos braços da cidade?
Coleccionámos gente, rostos simples, frases
De nenhum valor para além do mistério
Também simples do nosso amor.
Inventámos destinos, cruzámos vidas



Auto-retrato – ready-made, 1948

Feitas de compacta vontade,
De dura necessidade, rostos frios
Possuídos por uma ausência atroz,
Corpos extenuados mas sem nenhum sono para dormir

Olhos já sem angústia, sem esperança, sem qualquer

Pobre resto de vida!
Seguimos a alegria das crianças, agressiva
Como o carvão riscando uma parede,
Aprendemos a rir (oh que vergonha!...)
Com a gente «ordinária», e calados
Descemos até ao rio — e ali ficámos
A ver!

O amor continua muito alto,
Muito acima, muito fora
Da vida, muito raro
E difícil: maravilhoso
Quando devia ser fiel,
Fiel em cada dia,
Paciente e natural em cada dia,
Profundo e ao mesmo tempo aéreo,
Verde e simples,
Como uma árvore!

Ganhámos juntos o que perdemos separados:
A luz incomparável, esta luz quase louca
Da primavera, esta gaivota
Caída dos ombros da luz,
e a leve, saborosa tristeza do entardecer,
Como uma carta por abrir,
Uma palavra por dizer...

Ganhámos juntos o que vamos perdendo

Separados:
A alegria — inocente
Cidade,
Coração aberto pela manhã,
Pequeno barco subindo
Nitidamente o rio,
Fumegando, fumando
Com o seu ar importante de homenzinho...
E a ternura — beijo sobrevoando
O teu rosto fiel,
Fogo intensamente verde sobre a terra,
Intensamente verde nos teus olhos,
Pequeno «nariz ordinário»
Que entre os meus dedos protesta
E se debate...

Duas árvores de avanço,
Uma corrida louca...
...E o teu coração na minha boca!

E o amor,
Não o destrói, o que não é amor,
Não a fúria dos corpos quando trocam
Desespero por desespero,
Não a suprema tristeza de existir,
A obscena arte de viver,
A ciência de não dar e receber,
Mas o amor que se traduz
Pela bondade, a confiança,
A pureza, a fraternidade,
A força de viver, de triunfar da morte,
De triunfar da sorte,
A vertigem de conhecer
Necessidade e liberdade!

Ganhámos juntos o que perdemos separados.

Flechas velocíssimas,
Nossos sonhos voavam
Em direcção à vida,
E era na vida que queriam acertar,
Era na vida que queriam morder,
Era à vida que nos queriam ligar!

Nos nossos sonhos entrava gente viva.
Entravam cartas, poemas, versos
Tão cheios de sentido como ruas
E ruas plenas de ritmo e sentido,
Como os melhores versos.
Entravam amigos, desejos, lutas
E esperanças comuns,
Recordações, amores antigos
Como navios pedidos muito ao longe
Ou já imóveis sob anos e anos de silêncio,
Leituras discutidas, evocadas: sonhos
E destinos próximos, tristezas e alegrias semelhantes,
Vidas exemplares,
Vidas fulgurantes de vida!

Michaud, o que dizia
A cada passo: «Et comment!»
Para exprimir o seu apego à vida,
A sua indomável alegria!
E N-2 e Berta,
Um ao outro presos
Como fantamas,

Mas vivendo e ajudando a viver!
E Éluard, os seus poemas
Simples gestos de alegria,
Directos como palavras
De justa cólera,
Irreprimíveis como beijos
Quentes de ternura,
Completos como pássaros
Rápidos no azul!
E muitos outros ainda,
Muitas outras vidas,
Reais ou inventadas
Exemplarmente do real!

Nos nossos dias entravam dúvidas e erros,
A terrível solidão de certas horas
Sem ombro amigo,
O coração abandonado, flutuando
Como peixe morto, um resto
De calor dentro do frio.
Dúvidas, erros,
E a tentação de levantar andaimes,
De entrar «em obras», de instalar
Em cada dia um «problema»
E de dourar
O «problema» de cada dia...

Mas não só a dúvida e o erro,
O coração entornado, a cabeça perdida
Entravam nos nossos dias.
Porém
Tratava-se de realizar.

«Realizar»: fazer passar
Para a realidade,
Pôr em prática sonhos,
Ideias, teorias.
Por exemplo: a indústria,
A agricultura, realizam
Certas teorias
Químicas, físicas,
Biológicas.
Por exemplo: hoje
Estão a ser realizados
Os mais velhos
Sonhos do homem.
Por exemplo — mais pessoal
Mas não menos importante:
Em ti
Via realizados os meus sonhos!

(Do livro «Abandono Vigiado»)

Na morte do poeta: testemunhos, homenagens, depoimentos

PARA Óscar Lopes, em testemunho recolhido pelo «Diário Popular», Alexandre O'Neill «tem o seu ponto de partida num surrealismo português que corresponde a um segundo e tardio surto surrealista europeu, mas, simultaneamente, inscreve-se na notável tradição portuguesa de autores que brincam com a sua própria emoção lírica, com indecisões entre o prosaico e o poético e entre a sátira e o lirismo, como o Camões das **Cartas**, certos poetas barrocos como Soropita, certos pré-românticos como o abade de Jazente, Tolentino, algum Cesário e o melhor Junqueiro da **Musa em Férias**».

«O'Neill», prossegue Óscar Lopes, «representa a melhor consumação até hoje de uma certa linha de poesia lúdica, uma poesia que encontra a sua própria emoção brincando e que, dentro do túnel da nossa opressão nos anos 50 e 60, jogou, sofrendo com as nossas próprias frustrações, as nossas indignações, as nossas angústias e até ocasionais desesperos, assinalando-os para sempre de uma forma incomparavelmente certeira».

David Mourão-Ferreira, em «A Capital», diz de O'Neill que foi «uma voz inconfundível» da poesia portuguesa contemporânea, e também «uma voz imprescinvível para se contrapor às habituais e excessivas efusões, tanto sentimentais quanto meramente verbais da nossa tradição lírica».

Uma voz, enfim, que «exemplarmente se mostrou capaz de equilibrar, com humor e rigor, ironia e medida, fantasia e domínio, abandono e vigilância, a expressão das emoções e a representação do quotidiano».

Com a morte de Alexandre O'Neill «calou-se uma das vozes mais originais, mais inovadoras e mais importantes da poesia portuguesa de todos os tempos», afirma Vasco Graça Moura no «Diário de Notícias».

Ainda no «Diário de Notícias», António Alçada Baptista diz do poeta que «como nunhum outro foi capaz de detectar a frágil cortina da poesia que cobria o nosso quotidiano, tão aparentemente estéril». Para Alçada Baptista, O'Neill «era o querido amigo de sempre, cúmplice da noite e amigo da alegria. Não creio que poderei alguma vez compensar a falta que ele faz ao meu lado».

Em depoimento prestado à Anop, Maria Teresa Horta recebeu a morte do poeta nestes termos: «Trouxe-me de súbito o vazio. É como se o mundo, e não só o meu mundo, tivesse ficado privado de algo primordial: um grande poeta morrera e isso é e será sempre a perda. Mas há ainda o amigo que se perde. Foi com ele que eu aprendi a ouvir o riso na poesia. Com ele também conheci a solidariedade quando cheguei à escrita. O gesto amigo. Uma solidariedade cúmplice que jamais poderei esquecer.»

Também ouvido pela Anop, António Ramos Rosa classificou O'Neill como «um grande poeta do amor e da amizade» e afirmou: «Os seus grandes inimigos são a morte, o absurdo quotidiano, a alienação, o modo funcionário de viver.»

Alexandre O'Neill com Vinicius de Moraes

«Alexandre O'Neill persegue a naturalidade, não para copiar a natureza mas para imitá-la nas suas leis construtivas e no seu poder genésico. A experiência dos contrários parece ter sido determinante para a aprendizagem que o poeta faz da necessidade de ligar o sonho à realidade numa perspectiva humanizadora. Na verdade, a sua poesia é um conhecimento do real através de uma imaginação que se faz visão lúcida, actuante, participativa», considera Ramos Rosa no seu depoimento.

Luís Pignatelli, por seu lado, em bilhete endereçado a O'Neill, escrevia assim: «Olha, Alexandre, a noite passada a tua mosca Albertina veio mosquetear-me o ouvido: que tinhas ido desta para pior, o que não é de admirar. Vais ter a costumeira nacional, está descansado. Agora é só seguir o cherne, meu amigo. De ti, pouco se sabia e ainda bem.»

E a propósito citou alguns versos do poeta: «Começaste muito antes do caiagora. Entra estás em tua casa por direito mais que natural, adeus.»

xão, antes de seres o morto que és

Ao luto pela morte de O'Neill também se associou o Ministério da Educação e Cultura, considerando-o «um dos poetas mais marcantes das três últimas décadas». Em nota oficial, o MEC diz que o poeta foi «um homem de palavra livre e verídica», tendo contribuído «de forma determinante para a renovação temática e estilística da poesia portuguesa».

O jornal brasileiro «O Estado de S. Paulo» publicou no sábado um artigo intitulado «Adeus ao antipoeta português», relacionado com a morte de Alexandre O'Neill.

O articulista Moacir Amâncio refere que «os títulos dos livros do grande poeta não devem fazer muito sentido no Brasil, onde permanece quase desconhecido, como a maioria dos autores portugueses contemporâneos».

Moacir Amâncio acrescenta que nas obras como **Tempo de Fantasmas** está a chave do seu humor e os «jogos verbais com que consegue destruir o quotidiano expresso no lugar-comum com a presença do poético em coisas que nada teriam a ver».

«No âmbito da literatura em Portugal, Alexandre O'Neill é um renovador, cuja originalidade se deve ao facto de não ter sido influenciado por Fernando Pessoa, devendo-se considerar como um autor importante em todo o território do idioma português», adianta.

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo VI

Confidências de um bloco-notas

ESCREVO, agora. Reparo nas poucas linhas que já pude alinhavar. Sei perfeitamente que não é por acaso. Desde miúdo que me repetia aquela frase primeiro tão incompreensível e depois, já mais velho, ainda tão misteriosa — uma frase que me apaziguava, se bem que também frustrasse um pouco. «Só tem sentido escrever depois de as coisas acontecerem». Só tem sentido, portanto: só é possível, assim entendia eu. Essa frase até há muito pouco pôde deixar-me nesse estado de placitude que tantos me apontavam. Acho que a interpretação desses meus amigos era incorrecta — o que eles tomavam por serenidade era apenas um sentimento de esterilidade ou de impotência muito meu. Só uma ou duas pessoas mais próximas chegaram a aperceber-se disso, e foi talvez essa a causa por que acabaram por se afastar. O que eu encobria sob tal máscara (ou eram eles mesmos que não desejavam olhar-me na face?) era a minha angústia de não poder registar aquilo que me cruzava e quase sempre ultrapassava. Cheguei a tentar, sem dúvida: mas, não sei se terá sido verdade se já por me guiar com tal ideia preconcebida, nesses momentos foi-me sempre impossível escrever. Falei com jornalistas, que eu sabia poderem tratar das coisas durante e até antes de elas acontecerem, mas não soubemos falar linguagens identificáveis: não podia compreender o seu mundo, o ritmo, os valores.

Começou desde então o meu longo período de reconstituição. A escrever, esse irresolúvel apelo que roía por mim dentro, preferi ler, ler muito, ler desvairadamente. Passava as noites desfolhando uma a uma páginas de livros. Substituía a insónia pelo inebriamento, o sonho pela ficção. Nem dormia nem ficava nessa larvar condição de vigília. Deixei de ter espaço onde guardar os livros que ia comprando; amontoei-os pelo chão, principalmente pelo quarto, meu estúdio de leitura. O cinema, o teatro, os concertos musicais inquietavam-me até à vertigem: não me permitiam nunca fixá-los, retê-los, apreendê-los plenamente. Esmagava-me a sua velocidade, que não sabia acompanhar; subia-me a tensão; ficava ofegante, quase asmático. Nessa altura levaram-me numa ambulância, certa vez, para o hospital. Via o «1984» e perdi a respiração.

Virei-me então; sofregamente, para tudo o que possibilitava um segundo olhar, uma revisão, uma retomada. Todos os dias visitava uma galeria de arte, passei inclusive, sempre que possível, a comprar quadros de pintura, peças de escultura. Lia várias vezes seguidas alguns dos livros, comecei a fotografar tudo e a coleccionar as fotografias dos outros. E a juntar discos, imensos discos, que repetia constantemente em casa, o volume no máximo suportável — os minimais repetitivos, sobretudo: Terry Ryley, Steve Reich, La Monte Young. E vídeos, que passava no ecrã invariavelmente, em câmara lenta, ou voltando atrás, saltando para a frente, impedindo qualquer decorrência rápida. Permanecia mais tempo fechado entre as minhas quatro paredes, vagueando de assoalhada em assoalhada com um gravador ligado pela mão, que absorvia os pequenos sons dos meus gestos e que eu ouvia ampliando a consciência de mim.

Já vivia sozinho; a minha amiga, Fulana, havia-me deixado algum tempo antes, os outros foram-se afastando gradualmente, o que eu achei natural, imprescindível até para o meu reequilíbrio. A solidão parecia-me permitir que tudo se fosse depositando; lentamente, muito lentamente. No trabalho, que fui descurando cada vez mais, diziam-me que eu tinha entrado em degenerescência. Talvez os meus colegas tivessem razão, no entanto aquilo que consideravam tão negativamente passou a interessar-me enquanto fenomenologia de características específicas. Estudava o que mais tarde pude comprovar praticamente, em forma de conhecimento mais directo e concreto. Não sei é se foram as circunstâncias que me levaram a tal ou se esse meu estudo já prefigurava em si o que viria a suceder.

Estudei as aberrações psíquicas, as variáveis esquizofrénicas e os sintomas da loucura, as perversões sexuais, os estados psicossomáticos e as letargias. Continuei depois com o estudo da decadência em sociedade, nas relações humanas e, finalmente, no campo que me cativou mais — a corruptibilidade no imaginário cultural, no fantasismo artístico, nas efabulações da literatura; o que veio conjugar-se com os passatempos que havia adquirido. Esbocei esquematicamente, porque me proibia dissertações escritas, uma escato-antologiá da obsessão.

Creio que esse acidental (?) tomar de acção veio criar qualquer situação de ruptura no rumo que tomara. Hoje percebo já o que se terá passado: não sauportei uma existência meramente passiva, de receptor sem capacidade de refluxo sobre e contra fluxos que apenas me deixavam como assistente, atado, sem hipótese de actuar sobre o que via, ouvia, sentia. E, como num 'flash', compreendo: mesmo o jornalista, esse espécime que eu, apesar de tudo, admirava, que situava nesse tão obscuro lado positivo da vida, somente recebe para fazer receber, dobrando ainda mais este horror. Foi pois desde o meu princípio de acção que pude eu mesmo fabricar acontecimentos irreversíveis. Primeiro foram os pequenos roubos, cândidos como convinha. Em seguida, os grandes, executados segundo planos de aplicações cerradamente inteligíveis. Roubei livros, depois telas. Mas claro que isso não me satisfazia, serviu mais como a confirmação de que era capaz.

Entusiasmaram-me então os crimes sexuais: procurei aqueles que nada tinham a ver com a minha própria natureza: seria fácil, e quase óbvio, que perseguisse as mulheres jovens, preferi, pelo contrário, o que me revoltasse. Assim, sempre baralhando pis-

tas, dediquei-me às violações — a velhas, a crianças e a homossexuais. Não gostei, e por uma razão simples: ainda era demasiada a intencionalidade, o projecto 'ideológico', poderei dizer. O crime supremo, entendi, é o que não leva ideia nenhuma, nem se faz por necessidade nem por paixão. Mais 'inocentes' transgressões, como despir-me numa bicha de autocarro, têm melhores efeitos. Optei igualmente pelo sadismo prático, lendo linha por linha, em simultâneo, as obras do marquês. Outra desilusão: Sade invoca sempre a moral, ainda que fantasie no seu contraste é sempre nos seus parâmetros, preso na sua lógica em desdita, que continua cegamente a mover-se. O crime, aquele crime que antevi, não pode ser de ordem ética, antes se tratará de um acto estético.

E soube o quanto a imposição sexual é mera ilusão de activismo. Não se consegue evitar o envolvimento, a cumplicidade com a vítima, uma certa comunhão com o seu ser. Não me interessa isso, porque me tornava igual a ela e o que eu queria era inscrevê-la, 'produzi-la'. Os cenários que fui arranjando, as tecnologias de mediação que concebi não bastavam para diluir esta sensação. E soube também que o próximo passo teria de ser o assassínio, extrema actuação, extrema dominação. Pela primeira vez em muito tempo pude acender o rádio, e fui vasculhando pelas frequências da onda curta — estações árabes, negras, indianas, paquistanesas... Um arrepio de prazer subiu por mim acima, o mundo inteiro resumia-se nesse aparelho que segurava entre as mãos e que accionava a meu bel-prazer: o mundo era eu próprio e podia-se ligá-lo e desligá-lo, substituir uma fonte sonora por outra. Começava uma nova fase. De súbito, em frequência de ninguém, o ruído de mil interferências feriu-me violentamente os ouvidos, fazendo vibrar o aparelho. Ri-me, feliz. Rodopiei pela sala até cair, sacudido por um espasmo. Minutos depois reparei que estava sujo de esperma e fezes.

Podia escrever, finalmente. E dormir, sonhar. Sonhei nessa mesma noite. Até o telefone tocar e uma voz estranha dizer-me «Venha... Até Este Lado. Você Sabe Onde É. O Espelho Redondo.» Isso existe, o destino? Não sei, mas a verdade é que essa voz introduziu-me no que eu já tinha intencionado: matar, esteticamente. Na ocasião não percebi isto, é evidente, mas agora que revejo estes últimos dias, longe ainda de tudo ter um fim, as peças estão a encaixar-se como se essa função estivesse de há muito programada. Matei a prostituta, o que pareceu dar um sentido profundo ao corpo despojado de Fulana. Não lhe toquei, apenas a desnudei por instantes para contemplá-la e reconhecer o pudor, enquanto lhe cortava a mão. A actriz... não sei, realmente não sei se também a assassinei. Não me recordo de nada. Mas, o sonho, o sonho novamente, à maneira de um prenúncio...

★★★

Poiso a caneta e fecho o caderninho preto. É verdade: só um homem acossado pode escrever, porque só ele descobre a terrível inventividade. É de manhã, a Polícia já deve andar a interrogar os hóspedes; não tardará a minha vez. Levanto-me, dou uns passos estremunhados pelo quarto, a janela devolve-me um enquadramento da Graça de que eu me havia abstraído. O que me faz pensar: não, de facto não me foi possível escapar, e isso até me parece claro, afinal de contas. Escapar de mim próprio? Como? Deverei acreditar no destino — é o meu que me persegue, sem me conceder pausa e pensamento. Maldição? Não creio que conceitos como esse ainda me caibam, já há muitos meses que ultrapassei tais âmbitos. Espreguiço-me, nem chego a estar preocupado. Lavo os dentes e a cara, agudamente consciente de cada um dos meus movimentos. 'O corpo lembra-se', sinto isso, mas eu próprio não revejo os movimentos do meu corpo quando estrangulei a prostituta. E muito menos se fui eu que matei a actriz. Quer dizer: eu e o meu corpo andamos separados; indiferentes um do outro. Uma coisa, porém, eu sei — não tenho pistola, e Brigitte foi assassinada com tiros de pistola. Resolvo-me a descer, para tomar o meu pequeno-almoço. Apago o cigarro no cinzeiro, cuidadosamente, abstracto, como se esperasse que antes de sair do quarto e abandonar-me pelas escadas até lá abaixo pudesse acontecer entretanto alguma coisa.

Acontece. Batem à porta, três pancadas, espaçadas entre si. Os polícias, já? Não me apresso a ir abri-la, acabo de fazer a cama. Mais duas pancadas. Vou. Mal entreabro a porta vejo Hans Lucas, com uma pesada máquina de filmar ao ombro, dirigida para mim. Fico estupefacto, inerte. O realizador passa por mim, sempre filmando. Contorna-me, filma-me de lado, por trás, de novo pela frente, aproxima a câmara do meu rosto que, afastada a surpresa, eu torno impassível e neutro. Mas o suor forma-se-me na testa, e ele descobre isso, faz um primeiro plano. Depois desiste, desvia a câmara pelo quarto, passa pela cama, foca a janela, pára por fim sobre as minhas coisas, o caderno, os papéis, atiradas sobre a pequena mesa encostada a uma das paredes, E volta a fixar-se em mim, já eu havia fechado a porta e caminhado mais para dentro do quarto, pronto.

Hans Lucas sorri, não é um sorriso ignóbil ou sarcástico, mas com toda a ambiguidade que é possível. «Chega», grito eu, ao mesmo tempo que me apercebo da ira da minha própria voz. Ele nem estremece, porventura esperava já uma reacção destas. Mas poisa a câmara perto de si e ganha um ar formal imprevisível.

Leva a mão ao bolso do casaco e retira de um maço um dos seus «Boyard», adereço final a um dandismo composto pormenorizadamente. Ajeita os óculos à Clark Kent, puxa uma comprida fumaça e olha-me, agora amigavelmente. Quando me ia irritar de novo distraio-me com uma contradição no conjunto: faltava um pedaço da orelha esquerda a Hans Lucas, que o cabelo mal cobria.

Lucas possibilitara-me o reencontro de uma unidade perdida, a que me deixava precisamente não responder a quaisquer apelos de necessidade ou de paixão, tudo intelectualizando. Por isso é que eu estou fora de mim. Também tiro um cigarro, acendo, dou duas passas e espero.

★ ★ ★ ★ ★

— Brigitte era minha amante, sabe?!

— ...

— Só consigo filmar as pessoas que sei poder possuir, mais cedo ou mais tarde...

— Ai sim? E então o que espera, que eu o convide para a cama?

— Não banalize as coisas, meu amigo. Não liga consigo.

— O que é que você quer de mim?

— Creio que você sabe dizer-me quem matou Brigitte...

— Sei?

— Estou cá a pensar...

— Em quê, se é que isso me poderá interessar de algum modo?

— ...que foi você ou alguém que você conhece bem.

— Por que é que diz isso?

— Intuição pura. Uso muito essa arma para fazer cinema, sabe? Logo que olhei para si percebi que havia qualquer coisa por trás dessas feições.

— Parvoíce!

— Não brinque, amigo. Você acaba de me confirmar que sabe de algo, e eu quero saber o quê.

— Acabo de confirmar?!

— Sim. A minha câmara detecta sabiamente os momentos em que mesmo os actores excepcionais passam a mentir em vez de representarem.

— Não sou actor.

— Eu também não. Já é uma base de acordo. Não sei nem representar nem mentir, tal como você.

— ...

— Sim? O que disse?

— Nada! Não disse nada!

— Reparei no modo como você olhou para Brigitte a noite passada. Simplesmente, não era um olhar como os das outras pessoas que cá se encontravam, o olhar implicado pelo cinema. Você olhava de maneira absolutamente diferente. Não era nem sequer volúpia! Tratava-se do meu próprio olhar! Isso pôs-me curioso, muito curioso. E depois ela ter sido assassinada...

— Você matou-a e agora quer arranjar um bode expiatório, é?

— Não, não se ponha com essas fintas, é mais inteligente do que isso. Quando eu filmo tenho um poder absoluto sobre os actores, o poder dos homicidas sobre o corpo daqueles sobre quem agem. Acho que não é por acaso que eu faço sobretudo policiais. Mas você não tem um olhar que se ajuste a uma câmara de filmar, e portanto junta todas as características para ser um assassino. E todas as capacidades.

— E já matei, sim. Mas não essa actriz. Se o tivesse feito lembrava-me, não? Vim para esta residencial para repousar um pouco. Não desdenho os meus próprios percursos, só que há alguém que da sombra parece controlar as minhas atitudes. Como um... Deus?

— ...

— Quem matou Fulana e iniciou esta cadeia de repetições? Quem me telefonou? Quem pôs a mão da outra morta à entrada de minha casa? Quem matou a actriz? Foi sempre você? Fui sempre eu? Foi... Deus?

— Hum... Você parece estar com um sentimento de culpa qualquer.

— Culpa? Não sei o que é sentir culpa. Tenho até dedicado estes últimos tempos da minha vida a desmentir Dostoievsky, a insultar Dostoievsky. Não me fale em culpa, a culpa é a justificação dos medíocres e dos inócuos...

— Continue, continue... Estou a ouvi-lo.

— O que eu pretendo acima de tudo é a autoridade. Ser Autor de tudo o que possa estar à minha volta ou vir ao meu encontro, Autor das coisas que percepciono.

— É um tipo interessante, você.

— O homicídio tem essa virtualidade. Eu procurei-o e assumi-o. Não percebo e não aceito é que antes me tenham posto um cadáver à frente, como um crime original.

— Queres matar esse «Deus»?

— Quero, quero matá-lo.

★ ★ ★ ★ ★

Hans Lucas aproxima-se da mesa-de-cabeceira. Abre a primeira gaveta, fecha, abre a segunda, olha, introduz a mão, volta até mim e passa-me o que segurava e eu não tinha percebido ainda o que era — uma pistola. E a tontura de espanto siderou-me.

(Continua)

bilhete de avião

Na próxima semana, capítulo VII: o b

Lemos para si

«O Caso das Criancinhas Desaparecidas»
Luiz Pacheco
Edições Rolim

Há algum tempo já que não lia um livro que tão dolorosamente expusesse o fim do homem. Editado pela Rolim. «O Caso das Criancinhas Desaparecidas», de Luiz Pacheco, não só nos furta o bom sono da noite como nos traz à boca a afiadíssima componente de amargura que a vida comporta. Ora através da ironia ora através das confissões mais pungentes, Luiz Pacheco, no quadro de uma vivência extrema, radical, quase à margem de todas as estruturas, transforma-nos em tribunal da sua pessoa. Acontece, no entanto, que logo nos sentimos réus perante tal escrita: na verdade, alguma coisa corre mal na cumplicidade institucional da nossa civilização. O que nos é contado rompe com os limites do elegante e solidário convívio que julgamos manter com os outros.

E porquê?

Porque situações como aquelas que nos são expostas em «O Caso das Criancinhas Desaparecidas» levam-nos a considerar que, para além da imagem convencional que temos dos nossos semelhantes, há sempre um pano de fundo que ignoramos ou pretendemos ignorar - e é precisamente esse pano de fundo que nos exibe em toda a miséria humana de que somos adjectivados. Só então tomamos consciência de que somos um mero substantivo ainda mais frágil do que o pedaço de giz branco que não raro se quebra na lousa negra de toda a nossa noite.

Ao longo de uma escrita que se diria feita de riscos, ou de fósforos já queimados, ou então de manchas de suor, ou ainda de farfalhos de toda a espécie, Pacheco desfaz-se em pormenores, em fracções, em diminuitivos de alma e carne. Às tantas, em certos momentos da leitura, temos as mãos cheias de nada e de tudo: um tudo constituído pelas muitas voltas da vida, um nada que é a meta da chegada de cada um de nós.

Mas o que surpeende o leitor, entre as paredes desta angústia toda, é a assunção do amor pelos outros — um amor que ultrapassa a morte, as desavenças, os rompimentos de toda a espécie. Quando a mulher referida em «O Caso das Criancinhas Desaparecidas» se some algures, abandonando o homem que a prezava, Luiz Pacheco, face a tal atitude, tece a apologia da liberdade do ente amado. Ouçamos o autor (porque esta escrita é uma voz que nos fala);

«A verdade é esta: Irene tinha de sair. Da minha vidinha triste. Tinha só 19 anos. Eu: 19xmil. É muito. Uma grande desproporção de idades de espaço entre nós. Ia dar mal. Já se sabia (antes). Quando nos juntámos disse um dia cinicamente para um amigo que só tencionava pô-la em rodagem. Lixei-me. Fui justiceiramente colhido pelo meu próprio jogo. Já toda a gente depois contava com isso (e eu, antes de tudo; sei como elas acontecem, isto é, nos calham na cama e depois como se pisgam). Quando o silêncio começou a cair em cima de nós, começou também, inevitavelmente, a haver silêncio em nós entre nós. (...) Um silêncio ais denso e crescente, intrigante. Um realejo de árias desafinadas a ranger e sempre as mesmas e sempre a despropósito que surgiam nas conversas entre nós, um frémito de rancor contido, lodoso, envolvente. É fácil de dizer escrever. Não assim para viver e todos os dias o mesmo. Quando se ama. Portanto, atenção!, o pior vem agora. O que era a Irene para mim? Um caso incestuoso. Amante, filha, paqueta, companheira, mãe, enfermeira, cúmplice governanta, criada para todo o serviço, secretária, ama doutros filhos meus, sobrinhos dela (esta nobre rapariguinha, esta menina do povo criou cinco crianças com 18 anos), libertina comigo quanto é dado numa semianalfabeta e mais, mais: muita fome de tudo a meu lado e com dignidade, desenhando pedir, altiva de sete raios, trabalhando moira de trabalho, daqui te saúdo, rapariga! Onde estiveres agora. Sê feliz que bem o mereces (é a tal minha teoria do amor pela Amada).»

Também por estas páginas surge, um a um, o retrato dos filhos que foram entretanto vindo a estes caminhos nossos, difíceis de andar — e o retrato que de cada um nos é dado é um exemplo de economia de escrever. São meia dúzia de linhas, em que o adjectivo se perde, e o substantivo ganha as mais delicadas proporções. Só lido, porém, é que nos podemos aperceber desses retratos em miniatura que, no decurso das mais diversas contingências vão, lentamente, (e tão rapidamente!) compondo um álbum que talvez até não exista em matéria e só na memória se pode desfolhar: Lina, Geninha, o Paulocas... Pacheco: «O que são os filhos? Criaturinhas que mais dia menos dia vão desaparecer, é a ordem natural das coisas.» O golpe de génio, neste livro, começa logo pelo título, em que lemos a palavra «criancinhas». É que, face àquela «ordem natural das coisas», todos nós somos criancinhas. Sobre o pai, escreve Pacheco: «Desapareceu depoiso meu Pai, um metro e quarenta se tanto, um artista mas falhado em tudo... (...) Lembro-me bem dele: se andasse de calção e fato-à-maruja passava bem por treze catorze anos. Foi-se num instantinho a vomitar uma última vez todo o sangue quue tinha, por baixo e por cima...» Impõe-se que retrocedamos um pouco nas transcrições: «Caldas da Rainha é a terra onde desaparecem mais criancinhas. Eu que o diga! Gostava ainda muito mais de Caldas da Rainha se por ali não me tivessem desaparecido bastante umas quantas. Faz pena mete dó. A mim, que eu é que sei. Desapareceu primeiro a Dona Eugénia Soeiro de Brito, Belzebu - pêra - e bigode, que, como solteirona e crente e apaixonadíssima, era uma autêntica garota em matéria de comportamento social e também, lógico, sexual.» depois, como acima já referimos, desaparece o Pai...

É sem dúvida este paralelismo que Pacheco traça entre criancinhas na verdadeira acepção da palavra e adultos queridos que no coração se transformam para sempre em criancinhas que empresta ao seu escrito o alto sentido que o autor tem da vida. Um sentido de experiência feito, mastigado em muitos pontos e lugares, e que nos dá da morte a meta sempre por atingir. Nessa maratona, todos nós ganhamos a nossa medalha de ouro. Mesmo que dessa medalha não gostemos. Pacheco, já no fim do livro: «Já não gosto mesmo nada de Caldas da Rainha. A próxima criancinha a desaparecer sou eu.»

Que o leitor me faça confiança: não ler este texto de Luiz Pacheco, pela primeira vez publicado em 1971, é ignorar para sempre uma fracção culminante da multifacetada dor portuguesa. Dirão alguns: «Mas que interessa a dor...?» A resposta só poderá ser uma: a dor é que faz um país, a dor é anúncio de novidade, a dor é que faz uma literatura. O resto são meros contos de fadas.

Pedro Alvim

col. fantástico 20

LUIZ PACHECO

O CASO DAS CRIANCINHAS DESAPARECIDAS

edições rolim

Na terça-feira

SETE PONTO SETE

Os últimos dias de Lorca

«Encontro-me hoje na Huerta de San Vicente, situada na Vega de Granada» — escrevia Federico Garcia Lorca ao seu amigo e poeta Jorge Guillén em Setembro de 1925. «São tantos os jasmins no jardim, e tantas as margaridas da noite, que pela madrugada sentimos todos uma dor lírica de cabeça, tão maravilhosa como aquela que sofre a água estagnada. E, não haja dúvida, nada é excessivo! Este é o prodígio da Andaluzia.»

Federico diante da casa da Huerta de San Vicente

POR aquele tempo, as ruas e caminhos de Granada não atingiam ainda a Vega. A cidade fundia-se então com a Vega suavemente, quase de maneira imperceptível, por entre hortas perfumadas, vergeis e terras de regadio. A Rua de Recogidas terminava na chamada Casa dos Patos. Para atingir a Vega, bastavam uns passos mais, por Solarillo de Gracia (onde vivera Luis de Gongora durante uma breve estada em Granada). Não muito longe, e já em pleno campo, encontrara o pai do poeta, Federico Garcia Rodrigues, a quinta com que sempre a família sonhara.

Era o sítio ideal para nutrir os sonhos daquele que viria a ser o maior lírico granadino de todos os tempos. Ao redor da quinta estendia-se a fértil planície da Vega, e as margens, ao longe, do rio Genil. E como pano de fundo, e através de certo ângulo, erguia-se a cidade em toda a sua beleza, com o Alhambra a cativar os olhos.

Federico Garcia Rodriguez tinha adquirido a quinta em Maio de 1925. Chamava-se então Huerta de Los Mudos, e outro nome tivera já, Huerta de los Marmolillos. Em homenagem a sua mulher, Vicenta Lorca Romero, Federico (que em breve iria completaaaar 66 anos) pôs à propriedade a designação de Huerta de San Vicente. A quinta situava-se a menos de um quilómetro do centro de Granada — e em pouco tempo o velho Federico fizera da sua aquisição um verdadeiro recanto idílico. Ali seria o retiro de Verão da família, até então a residir todo o ano numa espaçosa casa, na Acerca del Casino, número 31, Granada. O filho Federico logo gostou de Huerta — e por ideia sua foi construído um terraço na casa agrícola já existente.

A partir de 1925, o Verão granadino será sinónimo, para Federico, de Huerta de San Vicente. Ali escreverá algumas das suas obras mais conhecidas, entre as quais «Bodas de Sangue», que termina no Verão de 1932, com a ajuda de discos de uma cantata de Bach...

«Estou na Huerta de San Vicente — escreve o poeta no Verão de 1928, logo após a publicação do «Romancero Gitano», ao seu amigo Melchor Fernandez Almagro —, uma preciosidade de árvores e água clara, com Granada em frente da minha janela, estendida até aos longes com uma formosura jamais igualada.» Também, através da Vega, a vista da imponente serra Nevada era (como continua a ser) uma coisa sem par, especialmente ao sol posto, quando a neve se tinge de um leve tom de rosa. «Hoje faz um dia cinzento em Granada de *primeira qualidade*», escreve Federico em Setembro do mesmo ano ao colombiano Jorge Zalamea. E explica: «Da Huerta de San Vicente (a minha mãe chama-se Vicenta), onde vivo, entre magníficas figueiras e nogueiras corpulentas, avisto o panorama mais belo de toda a Europa.»

Quando em Nova Iorque, em Junho de 1929, aturdido pelo espectáculo daquela «Babilónia trepidante e enlouquecedora», o poeta comunica à sua família, numa carta extensa, as primeiras impressões da grande metrópole. «Estais aí talvez na Huerta ouvindo os longínquos sinos da Catedral — escreve —, enquanto eu oiço as sirenes e o murmúrio de Nova Iorque.»

Lorca regressou a Granada na manhã de 14 de Julho de 1936. No dia anterior soubera em Madrid, pela uma da tarde, do assassínio de José Calvo Sotelo. O ambiente estava impregnado de violência, de presságios, de medo — e o poeta, talvez sob a impressão de próximos actos criminosos, decidiuse por tomar naquela mesma noite o comboio para Granada. Os pais já ali se encontravam há uma semana.

Quando Lorca chega à Huerta de San Vicente dá-se conta de um telefone recentemente instalado. O telefone toca. É o seu amigo Constatino Ruiz Carnero, director de «El Defensor de Granada» (diário republicano que acompanhara com orgulho a carreira ascendente do poeta), saudando-o. No dia seguinte, na primeira página, o jornal noticiava a chegada de Lorca, afirmando que o poeta tencionava passar «um breve tempo» com os seus familiares. Este pormenor reveste-se de interesse: o poeta tencionava naquele Verão visitar o México para se avistar com Margarita Xirgu, por aqueles tempos a representar ali com êxito obras suas.

Os outros dois jornais locais, o «Ideal» e «El Noticiero Granadino», noticiam também a chegada de Lorca. Para ninguém, pois, era um segredo a presença na cidade do tão conhecido poeta.

Escasseiam os dados acerca das actividades de Lorca durante os seis dias que precederam o levantamento da guarnição granadina, em 20 de Julho, mas é mais do que certo que o poeta se deslocou muitas vezes à cidade, tendo sido visto por muita gente.

Todos os anos, no dia 18 de Julho, os Garcia Lorca costumavam celebrar na Huerta, com grande regozijo, o dia de S. Federico, pois que pai e filho tinham ambos o seu nome. Nesse ano de 36 compareceram menos amigos e familiares do que era costume: a maior parte das pessoas andava assustada face às notícias confusas relativas a um levantamento militar em Marrocos e nas Canárias.

O que ocorreu em Granada entre 18 de Julho, quando Sevilha cai nas mãos do general Queipo de Llano, e o dia 20, data do levantamento da guarnição granadina, foi já alvo de aturados estudos. Só interessa, pois, em resumo: O general Campins, comandante militar da guarnição só a partir de 11 de Julho, é um republicano sincero. Tem absoluta confiança na lealdade dos oficiais da guarnição granadina, e quando se apercebe da realidade da situação é demasiado tarde. Por sua vez, e também recém-chegado à cidade, o governador civil, Torres Martinez, confia na palavra de Campins, embora sabendo que se conspira nos quartéis. Mau grado o pedido das organizações operárias para que se distribuam armas, não se entrega sequer uma pistola: são ordens determinantes do Presidente do Governo e ministro da Guerra, Santiago Casares Quiroga.

No decorrer dos dias 18 e 19 perde-se um tempo precioso. Enquanto os conspiradores granadinos ultimam os seus preparativos, os diversos partidos republicanos e de esquerda não se põem de acordo sobre as medidas a adoptar. Reina uma confusão quase total, para a qual contribui sobremaneira a arenga radiofónica do general Queipo de Llano a partir de Sevilha, uma mistura de verdades e mentiras de tom violento e feroz. Por fim, na tarde do dia 20, os oficiais detêm o desafortunado Campins (logo fuzilado por ordem de Queipo), e a guarnição, apoiada pela Guarda Civil, o Corpo de Assalto e uma centena de falangistas, abandona os quartéis, apoderando-se sem dificuldade nem baixas de todo o centro da cidade, incluindo o Governo Civil. Só há resistência no bairro de Albaicin. Resistência que durará dois dias. Em 23, sob o fogo de canhões colocados no exterior do Alhambra e em outros pontos, e também bombardeados do ar, rendem-se os últimos focos republicanos.

A repressão começa em seguida — e instaura-se em Granada, deliberadamente, um implacável regime de terror, agudizado pelo facto de a cidade se encontrar rodeada de território republicano, e opta, ante um eventual fracasso do golpe militar, a ser recuperada pelo Governo em qualquer instante, pelo menos em teoria.

Os fuzilamentos e rusgas começam de imediato, e adquirirão durante Agosto um ritmo frenético.

Tudo quanto ocorre se vai sabendo na Huerta de San Vicente, onde, em 20 de Julho, a família Lorca se inteira de que entre so detidos no cárcere da província se encontra Manuel Fernandez-Montesinos, alcaide socialista de Granada havia dez dias e marido de Concha Garcia Lorca, irmã de Federico.

Graças à publicação, há três anos, de um valioso documento contemporâneo do poeta Luís Rosales, cujos irmãos José e António eram eram falangistas importantes em Granada, assim como a uma notícia aparecida no «Ideal» em 10 de Agosto de 1936 eàs recordações de várias testemunhas, é possível reconstruir com bastante fidelidade o sucedido na Huerta de San Vicente a partir daqueles momentos.

Temos, em primeiro lugar, o testemunho de Angelina Cordobilla Gonzalez, ama dos filhos de Concha Garcia Lorca, que se encontrava na Huerta quando a guerra principiou. Em 1966, Angelina recordava o terror de Federico quando os aviões republicanos lançavam, pela madrugada, bombas (aliás, ineficazes) sobre Granada. Nessas ocasiões, Concha e os filhos, juntamente com a ama, escondiam-se sob o piano de cauda de Federico. O poeta também ali se escondia. E dizia, queixando-se: «Angelina, isto causa-me medo. Esconde-me com vocês porque tenho medo.» E perguntava muitas vezes: «Se me matassem, chorariam muito por mim?» Angelina respondia: «Sempre com essa pergunta, senhor!»

Eduardo Rodriguez Valdivieso, jovem amigo de Federico que havia estado presente na Huerta em 18 de Julho, na festa onomástica de pai e filho, conseguiu visitar a propriedade várias vezes após o início da contenda. Recorda que, uma tarde, Federico desceu do seu quarto, após a sesta, completamente transtornado. Contou aos presentes que acabara de ter um pesadelo inquietante. Tinha sonhado que, caído no solo, se encontrava rodeado por um grupo de mulheres enlutadas (vestidos negros, véus negros) que, empunhando crucifixos, também negros, o ameaçavam. Rodriguez Valdivieso olhou para a mãe do poeta: estava transida de angústia.

Eis que o perigo penetra na Huerta. No dia 6 de Agosto de 1936, apresenta-se ali um pelotão da Falange sob o comando do capitão de Artilharia Manuel Rojas Feigespan. Tratava-se do conhecido oficial condenado em 1934 a 21 anos de prisão pela sua actuação na matança de anarquistas de Casas Viejas. Por ordem sua, dez camponeses foram então queimados vivos e outros tantos fuzilados. Rojas encontrava-se em Motril quando começou o Movimento. Conseguiu escapar-se e chegar a Granada, onde, nomeado chefe das milícias da Falange, logo passou a desempenhar um papel activíssimo nos quadros da repressão.

Na Huerta, Rojas efectua uma busca. Com que fim? Por aqueles dias circulava o rumor de que Lorca possuía ali nada menos do que um posto emissor com o qual estaria em contacto com *os russos*. Talvez Rojas quisesse encontrar o posto emissor, mas ao certo nada se sabe. Seja como for, Rojas nada fez contra o poeta.

No dia 9 de Agosto, outro comando falangista penetrou na Huerta. Depois de várias detenções (nomeadamente pessoal que ali trabalhava na parte agrícola), os elementos do comando dirigiram-se a casa dos Garcia Lorca. Insultaram o poeta de «maricas». Um tal El Marranero, mais tarde escolhido para alcaide de Pinos Puentes, exclamou ao ver o poeta: «Aqui temos o amigo de Fernando de los Rios!» O poeta não negaria esse facto, mas afirmou que era também amigo de muitas outras pessoas, pois que não lhe interessavam ideias políticas.

Fernando de los Rios, ministro da Justiça e também da Instrução Pública durante o primeiro biénio da República, era provavelmente a pessoa das esquerdas mais odiada pela extrema direita de Granada. Era de todos conhecida na cidade a íntima amizade que unia Rios à família dos Garcia Lorca. Ser amigo de los Rios era, naqueles dias, como ter escrita no rosto uma sentença de morte. Federico, dando-se conta do perigo que lentamente o ia cercando, tentou afastar-se da Huerta o mais rapidamente possível. Mas para onde ir...? Lembrou-se então do seu amigo, e também poeta, Luis Rosales, cujos dois irmãos, José e Luis, tinham peso na Falange granadina. Um contacto telefónico com a casa de Luis Rosales, proporcionou ao poeta, entre várias soluções, a permissão de ele ali se abrigar. Em princípio, a casa de Luis Rosales oferecia garantias de segurança. O poeta, pois, ficou ali instalado. Mas a perseguição continuou...

No dia 15 de Agosto, os falangistas voltaram à Huerta. Desta vez levavam um mandado de captura. Estavam ali por ele e por mais ninguém. Um tal falangista de nome Francisco Diaz Estevez, vendo que o poeta ali não se encontrava, ameaçou a família de levar o pai caso não lhe dissessem onde Federico se achava. Aterrorizada, Concha Garcia Lorca, disse então que o irmão não havia fugido: estava em Granada em casa de um grande amigo seu, falangista e poeta. É provável que tenha dito onde, que tenha pronunciado o nome de Luis Rosales. Seja como for, a partir de 15 de Agosto os inimigos de Lorca sabem já onde ele se encontra. No dia seguinte, o autor de «Yerma» era detido em casa dos Rosales por Ramón Ruiz Alonso, falangista, e conduzido para o Governo Civil. Ali passou dois dias antes de ser fuzilado por ordem do comandante José Valdés Guzmán, no termo municipal de Alfacar, não longe de Fuente Grande. Era a madrugada do dia 18 ou dia 19 de Agosto.

Com Sartre em Montparnasse

As aventuras de um jovem que procurava, na Rua Huyghens e na Rua Froidevaux, os caminhos da liberdade.

Na rua, acima dele, um homem caminhava em passo tranquilo. Parou na esquina da Rua Huyghens e da Rua Froidevaux, levantou a cabeça e olhou para o céu; era Daniel. Um pouco de música chegava da Avenida do Maine (...) Mathieu viu Daniel desaparecer e pensou: «Fico só.»

Mathieu é o herói de *A Idade da Razão*. Anda muito, de Montparnasse para o Quartier Latin, de Passy para Montmartre, a fim de conseguir o dinheiro necessário para o aborto de Marcelle, que ele engravidou ao fim de sete anos de «ligação». Mas não age. Para terminar, o seu amigo Daniel, pederasta envergonhado, irrompe no seu apartamento da Rua Huyghens, e anuncia-lhe que casa com Marcelle, para se martirizar, e que vão ambos criar a criança.

Também há Ivich, a estudante por quem Mathieu se apaixonou. Quando ela descobre que este professor de Filosofia de trinta e cinco anos, que preza acima de tudo a sua liberdade, está metido em problemas de homem casado, o belo anjo indolente foge. Mathieu fica livre, sem ter que fazer, bocejando na sua varanda, em Montparnasse. Deixamo-lo assim, no início das férias do Verão de 1938. É o fim de *A Idade da Razão*, o começo de outra coisa, de longo, de indefinido, de inacabável que se joga nos *Caminhos da liberdade*. Uma vida de homem, que a guerra vai fazer bifurcar ao mesmo tempo que quebra a época em dois.

Um gosto de fracasso e de insónia

Vinte e um anos mais tarde, no fim do Verão de 1959, em plena Guerra da Argélia, um jovem só, não muito real, louco por Sartre, e tendo acabado o liceu, chega a Paris com a ideia de visitar os locais do romance. Estranhamente, esse rapaz de vinte anos identificou-se, a ponto de querer seguir os seus passos, com Mathieu, o intelectual à deriva, por quem ele nunca sentiu tanta simpatia como neste momento em que a vida do herói deixa um gosto de fracasso e de insónia — o gosto salobro da existência nua, dizia Sartre.

Provinciano, e mesmo duplamente, visto que chegava de Lausanne, onde decorrera sonhadoramente a sua adolescência, o jovem só dirige-se á Rua Huyghens, procurando ver as coisas como Mathieu-Sartre. Através deles é em Paris que ele procura incorporar-se. Ali, a dois passos do Dôme, por onde andam os fantasmas de tantos escritores, e que ainda se apresentava tal como Sartre o frequentara antes de ser célebre, se se perguntasse ao jovem o que ele queria na vida — como a essa amiga que respondera: *Ser cantora negra,* — ele teria de dizer, para se mostrar ao mesmo tempo sincero e espirituoso: *Ser um grande homem*.

Uma surpresa espera por ele. Não há nenhuma esquina entre a Rua Huyghens e a Rua Froidevaux. Mathieu, no entanto, percorre uma cidade de topografia perfeitamente respeitada: para ir ao Dôme segue pela rua Delambre; a La Coupole pelo «boulevard» Montparnasse: para se encontrar com Ivich no Dupont-Latin (hoje Le Latin, na esquina da Rue des Ecoles e do «boulevard» Saint-Michel), atravessa o jardim do Luxemburgo. Mas para regressar a casa segue pela Rua Froidevaux, que se encontra em sentido contrário. Dar-se-ia o caso de Mathieu não habitar em parte nenhuma, viver já no cemitério Montparnasse, que separa as duas ruas que fazem esquina no romance?

A paixão do jovem por Sartre e pelo realismo francês que ele representa, não esfriou com a descoberta dessa inconsequência. Ele nota simplesmente que um realista americano como Hemingway, quando quer situar uma personagem de ficção tão redutora como Lady Brett Ashley em *The Sun Also Rises*, encontra-lhe um verdadeiro apartamento no quinto andar de um edifício aparatoso na esquina do boulevard Saint-Michel e da avenida do Observatoire, e que parece ao jovem o apartamento onde se deve habitar em Paris, porque das suas janelas se vê a Closerie des Lilas (onde agora Sartre tem, como Hemigway, o seu nome gravado numa pequena placa de cobre fixada numa mesa de bar).

Um forçado feliz

Toda a distância entre Sartre e Mathieu é que um deles escreve (no café), o outro não.

Mathieu é um alter ego decapitado, diz Sartre nos seus *Carnets de la Drôle de Guerre*, porque ele lhe retirou a sua forte paixão de escrever. Quanto ao resto tudo é parecido, ou quase: a família (em Passy), as amizades difíceis, os amores complicados, a vida de bairro em Montparnasse, os encontros, os cafés, os *dancings*, os aborrecimentos.

Tudo é parecido excepto Marcelle, a mulher gorda e doente, passiva e infeliz, que não ousa confessar a Mathieu o seu desejo de ser mãe. É de tal modo o contrário de Simone de Beauvoir — de quem ocupa, no entanto, o lugar, na constelação dos papéis em volta do herói — que chegamos a perguntar se Sartre não terá assim tornado irreconhecível a sua companheira, a fim de ajustar em todo o caso, inconscientemente ou não, as contas com ela. Teria ele querido mal ao Castor por não lhe ter dado um filho, de modo a poder escapar à maldição de não ter tido pai e não poder por sua vez ser pai, em vez de estar votado a ilustrar o nome de Sartre escrevendo como um forçado feliz na Montparnasse do celibato a dois, dos amores contingentes?

É, pelo menos, o que o louco de Sartre, o jovem que evocámos, perguntará a si próprio quando atingir a idade de Mathieu, metade da vida, num estúdio alugado na rua Froideraux onde o prendia a sua recusa de ser pai e a preparação de uma edição anotada de *A Idade da Razão* e do *Sursis* que lhe fez calcular que o filho de Mathieu e de Marcelle, concebido em Abril de 1938, nascera, fora do campo do romance, em Dezembro, na data que o próprio jovem nascia na Suíça, enquanto Hitler, vencedor em Munique, preparava tranquilamente a invasão da Polónia, que desencadearia a guerra.

... O Dôme, por onde rondam os fantasmas de tantos escritores. E uma esquina inexistente entre duas ruas, à procura da qual há-de andar um jovem apaixonado pelo autor, e desejoso de refazer, a pé, todos os seus itinerários urbanos...

O nosso jovem, decerto que pertenceu a uma família burguesa empobrecida, tem gostos mais burgueses do que Sartre, que se libertou de uma família rica. (Hoje, da varanda do meu quinto andar, vejo a de Lady Ashley, e é ruinoso para um investigador olhar assim para o Imaginário na realidade).

Para Sartre, em 1938, quando começa *A Idade da Razão*, viver em sua casa é horror e danação. É professor de liceu, como Mathieu, e vive no Mistral Hotel, na Rua Cels, 24, que continua a existir e que se encontra precisamente entre a Rua Froidevaux e a Avenida do Maine, a Sul do cemitério.

Quando, para distinguir Mathieu de si próprio, Sartre o instala num apartamento, ele olha simplesmente para o edifício em frente, o único com varandas dessa rua. E, como bom realista, atribui-lhe a vista que ele tinha da janela do pátio do seu modesto quarto mobilado. Este cenário descreve-o ele na Alsácia durante a guerra. Reinventa-o.

O filho imaginário de Mathieu-Sartre e de Marcelle-de-Beauvoir era pois ele e eles não o queriam, descobriria, sempre em Montparnasse, no boulevard Raspail 222, em casa de Sartre, no décimo andar com vista para o cemitério, e na rua Schoelcher, em casa dela, quando o ex-jovem fotografou esse casal muito amigo que, embora reticente aos pedidos de adopção mais ou menos imaginários, os concedia por vezes, um pouco por generosidade, um pouco por perversidade, como é natural nos casos humanos.

Em plena guerra da Argélia, o jovem que teria querido ser filho de Sartre olhava para o Mistral-Hotel e não desconfiava de nada. Lera *L'Invitée*, onde esse mesmo hotel se chama Bayard, lia *La Force de l'age*, que lhe restituiu o seu verdadeiro nome. Soube assim que Sartre e Simone de Beauvoir tinham ali vivido de 1937 a 1939, cada um deles num quarto num andar diferente, o que lhes dava *«todas as vantagens de uma vida comum, e nenhum dos seus inconvenientes»*.

Propunha-se um modelo de vida aí e nos hotéis próximos, como o *Royal-Bretagne*, na rua de la Gaîté, que não mudou, e onde eles também moraram, e onde se hospedavam por vezes, passando de um hotel para outro, os jovens satélites do casal, frágeis e docemente ferozes. Ou então nos cafés, como Les Mousquetaires, que também mão mudou e a que chamavam o café vermelho. Sartre gostava de lá escrever (como no La Coupole) e foi nesse café que ela encontrou Simone de Beauvoir no seu regresso do cativeiro, lhe falou de Resistência e foi instalar-se com ela no Mistral-Hotel, antes de emigrar, tempo depois, sem ela, para os hotéis de Saint-Germain-des-Prés, e de escrever no Café de Flore, mais bem aquecido.

O ideal do eu

O Verão de 1938, com o qual o jovem sonhava, só mais tarde soube como Sartre o viveu, depois da morte do escritor, quando foram publicadas as *Lettres au Castor*. A sua vida parece-se então muito com a de Mathieu. Não é possível idealizá-la, quando ele conta detalhadamente a Simone de Beauvoir as suas *«pequenas histórias de Primavera»* e minimiza-as, para a tranquilizar. Martine Boudin — de sabor picante e língua veloz, de belas pernas que se agitam nos lençóis do Mistral-Hotel enquanto a ária de *Some of These Days* chega pela janela aberta, tocada por uma orquestra na avenida do Maine — é uma dessas cenas, em que o herói sai desfeito.

Se tivesse lido essas cartas em 1960, o satriano entusiástico teria ligado menos facilmente a Sartre o seu ideal do eu. Como muitos outros nessa época avara de grandeza, o jovem procurava, de facto, numa *imagem* de Sartre um pai que fosse admirável e que pudesse igualar, salvando-se também num mundo sem Deus.

Um pequeno assassínio ao retardador

Não há bons filhos, é uma regra. Não censuremos os homens mas o elo de filiação imaginária, que é demasiado forte. Se ele tivesse vivido eu acabaria por matar o pai, ou por o trair, para não me deixar esmagar pelo seu exemplo. O Verão passado, mesmo aqui, pequeno assassínio ao retardador, dei uma canivetada nas costas de Sartre morto, pondo contra ele a sua própria moral, censurando a representação das *Mouches* no tempo da Ocupação, num teatro sem judeus. Era fundado mas injusto porque equivalia a censurar o facto de ele ter querido ser mais escritor do que resistente. Ele podia censurar-se a si próprio, mas eu não, não nesse tom. Somos sempre injustos com os pais, amamo-los de mais, e mal, porque lhe queremos mal por serem inigualáveis.

Há dias subi a rua de la Gaîté, nas peugadas do jovem e de Sartre. Na esquina do boulevard Quiné e da Rua de la Gaîté está o café La Liberté onde ele ia nos seus últimos anos. A própria rua não mudou tanto como isso, parece-me, desde o Verão de 1938, só que agora há lá uma série de *sex-shops*.

«Era brincadeira»

Logo depois do Hotel Royal-Bretagne encontra-se um *peep-show*. O Sartre desse Verão teria decerto lá entrado, em parte «voyeur», em parte escritor que já se alegra com a ideia de contar uma experiência. Entrei com o mesmo pretexto. *«Era brincadeira»*, teria dito Sartre, que encontrei assim, muito fraternal.

Decerto a única coisa que partilho com ele é esse vício-menor de que fala em *Les Mots: a familiaridade com os grandes escritores. «(...) Quando me censuram por isso, tenho sempre vontade de responder: Não se metam nos nossos assuntos.*

Eles pertenceram-me, os vossos génios, tive-os nas minhas mãos, amei-os apaixonadamente, com irreverência. Vou agora ter grandes atenções com eles?»

Mas por mais que hoje me meta nas suas palavras, que outrora o tenha seguido a Montparnasse, que continue a seguir o seu exemplo de desrespeito, resta a evidência a que pior ou melhor me vou acostumando: não sou Sartre.

Michel Contat

As obsessões de John Irving

Entre «A Obra de Deus» — os partos — e «A Parte do Diabo» — os abortos clandestinos, o romance (fleuve) de uma medicina fantasmagórica.

Em John Irving o amor é quase sempre um acto contranaturo, maléfico, votado ao fracasso, cuja principal função é engendrar monstros, órfãos, fetos tarde ou cedo abortados. Ou então, mais raramente, um ser santo — o que não significa de modo algum são — sem actividade sexual. Em *O Mundo Segundo Garp*, o melhor livro de John Irving, a enfermeira Jenny, que queria ter um filho só seu, escolheu, para procriar, um soldado mortalmente ferido e afásico, e a criança amada e desejada estava condenada a morrer... Em *A Obra de Deus, a Parte do Diabo*, o romancista faz-nos penetrar num orfanato.

Imbatível em obstétrica

Um orfanato piloto... se assim se pode dizer, fundado e dirigido por um médico de vanguarda, Wilbur Larch, que pratica a obstétrica a seu modo, deixando as mulheres que o procuram livres de dar à luz ou de abortar. De dar a vida a um órfão — porque as que fizeram a longa viagem até Saint Cloud's, ao fundo do Maine, nunca partem com o filho — ou libertar aquilo a que o dr. Larch e as suas enfermeiras chamam por eufemismo *«os produtos da concepção»*... *«Não pretendo que esteja bem»*, diz ele a Homer Wells, seu órfão preferido e seu filho espiritual, a primeira vez que ele assiste ao *processo clássico da extracção dos produtos da concepção. Digo que lhe compete a ela escolher — é uma escolha de mulher. Tem o direito de escolher.*

Neto do médico-chefe da maternidade do hospital de Boston, John Irving é imbatível no terreno da obstétrica, e não nos poupa a nenhum pormenor. O doutor Larch dá a Homer Wells uma educação especial, fazendo-o *«terminar a faculdade de Medicina antes de começar o liceu»*, e iniciando-o desde muito cedo na *«Obra de Deus»* — os partos às escondidas — e na *«Parte do Diabo»* — os abortos clandestinos. O adolescente, que sempre se sentiu em casa no orfanato e que recusou ser adoptado, vai crescer nas salas de trabalho, tendo por primeiros brinquedos o arsenal dos fórceps, das cesarianas e das raspagens. Como únicas leituras, Homer Wells l ˆ relê *David Copperfield* e *Jane Eyre*, histórias de órfãos que lhes darão as regras da sua vida futura.

Quanto ao resto, toda a sua educação é obra de Wilbur Larch, «Santo» Larch, como lhe chamam as enfermeiras enamoradas — castamente — do doutor. Para a evasão, a poesia, este usa e abusa da droga, com a qual adormece as pacientes, o éter. Para a memória escreve o seu grande livro, uma *História de Saint Cloud's*... E dedica-se de corpo e alma às crianças, que saúda todas as noites à hora da oração: *Príncipes do Maine, reis de Nova Inglaterra*...

John Irving

Uma cena de grand-guignol

Quando Homer foge do orfanato, com um casal que veio para um aborto — um casal jovem, rico e belo, herdeiro de uma plantação de maçãs e de uma fábrica de cidra, — ele morderá a maçã, dará vida a um anjo (Ângelo é o nome do filho), mas nunca cortará o cordão umbilical que o liga a Saint Cloud's e ao seu Deus e pai. *«Aqui, em Saint Cloud's»*, escreveu o doutor Larch, *«deram-me a escolher entre fazer de Deus ou abandonar quase tudo ao acaso. Verifiquei que, a maior parte do tempo, quase tudo é abandonado ao acaso. Os homens que acreditam no bem e no mal e que acham que o bem deve triunfar, fariam melhor se espiassem os momentos em que se pode fazer de Deus — é preciso apanhá-los no ar.»*

este grande livro de mais de seiscentas páginas tornou-se um «best-seller», e é certo que ele conta muito bem a ternura e a cumplicidade que unem o médico e o órfão, e que são o centro da história. A partir daí, como sempre em John Irving, surge uma série de destinos descritos com uma graça que atinge o puro burlesco, tanto nas palavras como nas situações.

Imagine-se por exemplo esses gonococos *«de ar curvado, como visitantes de um 'igloo', demasiado grandes»*, ou ainda a cena de «guignol» que precede a partida de Homer: um cadáver de chefe de estação a ser autopsiado, o corpo de um feto num prado branco colocado sobre uma máquina de escrever, um bebé a nascer — futuro órfão — e, a bola de pêlos do púbis que o jovem Homer, apaixonado, coloca cuidadosamente na sua carteira, enquanto os pequenos órfãos vomitam por ter comido demasiada geleia de maçã!

Sempre perguntei a mim próprio se o gosto dos leitores pelos «romances médicos» não esconderia um desejo secreto e vergonhosdo de se doumentarem sobre o corpo e os seus mistérios, sem por isso se entregarem à devassidão. Uma posição puritana que Irving tenta desmascarar, mesmo que nos arraste para digressões das quais já não sabe muito bem regressar. Mas, de qualquer modo, ele não sai do estado do Maine, dos seus trabalhos, das suas macieiras, da sua natureza selvagem, e isso é, na verdade, o amor.

Nicole Zand

* *L'Oeuvre de Dieu, la Part du Diable*, de John Irving, traduzido do americano por Guy e Françoise Casaril. Ed. Seuil.

Conversa afiada

Greve contra a heterografia

O direito a ser eu... ainda está por nascer desacordo ortográfico capaz de pilhar-mo.

Sou também língua escrita. Sou pois ortografia. Esta.

Tocar-lhe é tocar-me, pôr em perigo a integridade da minha identidade, do meu eu.

Quem deixaria alterar o seu próprio nome por convénio, conveniência alheia, sem consulta, sem o seu acordo?

A intentona contra a ortografia acendeu patriotismos rafeiros, internacionalismos modernaços, racismos mal extintos, alkáceres kibires, dores de cotovelo, de corno, de dentes (já o Ionesco dizia que a filologia conduz ao crime).

Os mais etéreos preoupam-se com a carne da filologia, morrem por saber se houve ou não violação. querem certificar-se se foram ou não realmente consultados os filólogos mais up-to--date, com melhor know-how, prontos contudo a aderir ao rebanho se a «ciência» jurar que não se verificou nenhum lesa-filologia.

Filologia mon cul. E a minha carne? a carne que sou, o meu corpo escrito. E o lesa-eu?

Não é por amor à filologia que exijo um hands-off, um abaixo as patas que tentam desfigurar a grafia que sou. É por amor a mim.

Um quanto baste de paranóia é fundamental à manutenção do que se é. A minha ética passa pelo respeito que me devo. Não é só o amor pelo irmão que leva Antígona a opor-se à lei do ditador. É também o amor e o respeito por si própria.

Escrever sem transgredir não sei a quem serve, exceptuando os editores timoratos e todas as academias de ciências (sic) oficiais e de mercado negro que tentam manietar o escrever.

Escrever transgredindo é levar a escrita até às margens da legibilidade, da sintaxe, do já não é lícito escrever-se, do ainda comunica.

Um provérbio espanhol diz «Obra feita: espelho de burros». E um outro, francês: «A ortografia é a ciência dos burros». Na peugada da transgressão vem sempre a norma, cujo papel sem risco é o de codificar e decretar legítimo o que antes era fora-da-lei.

Perverter a linguagem não é matéria para burocratas mangas-de-filologia. É para quem tem sangue na guelra, língua no corpo: quem não sabe escrever e quem escreve. Entre uns e outros, estagna toda a maioria silenciosa que copia. A metamorfose da linguagem está na boca do povo e nas mãos dos que praticam a escrita-transgressão.

Os fabricantes de acordos são indevidos revisores clandestinos. Prefiro viajar sem bilhete. Sou dono do que sou. Se ainda posso compreender o papel profissional do revisor que prende entre aspas as minhas palavras estrangeiras, repudio em contrapartida os fabricantes que tentam lobotomizar a grafia que sou.

A ortografia em vigor não é mais (mais o quê?) nem menos (menos o quê?) do que as ortografias passadas ou do que as futuras. Mas é a minha. Nem mais nem menos do que o rio da minha aldeia. Forçarem-me a renegá-la é forçarem a renegar-me. É o castelhano subjugando o galego, o basco, o catalão. É o francês subjugando o bretão e o provençal.

Fahrenheit 451 é a temperatura a que o papel arde. A que temperatura arde o que sou?

Na ficção de Bradbury queimam os livros. Cada ser humano transgressor começa então a aprender de cor um livro, às escondidas.

Forçarem-me a uma ortografia que não é minha é forçarem-me a aderir a um partido político que nega o que sou. Seria necessário passar à resistência, a escrever escondido o que sou. Por necessidade vital.

Seria esta insensível sociedade sensível à gravidade de uma greve de escritores?

Escrever prescinde da resposta.

Ramiro S. Osório

O eu nos outros

Fotografia sem tempo

«Nem pareço do século XX...» — e ela, no canteiro verde, sorriu ao cuidar das rosas vermelhas, pela manhã fresca de Julho, de sandálias, os cabelos apanhados no alto da cabeça.

No lento correr da tarde, na cadeira de verga da varanda, com os olhos nas rosas do jardim, ela foi rememorando as palavras que a si própria dissera. «Por que pensei eu que nem pareço do século XX... ?» — perguntou-se, os braços nos braços da cadeira, as mãos pendendo nos extremos, os pés apoiados num banquinho pintado de branco.

Um avião, muito alto e lento, cruzou o azul até se perder na distância. «Nunca, nunca viajei de avião...» Encolheu os ombros: afinal, o que é que se alcançava com a velocidade...? Lembrou-se do caracol que, de manhã, na borda do canteiro, fazia o seu caminho milímetro a milímetro. Onde estaria ele agora...? Se descesse ao jardim, certamente que o não encontraria: vagarosamente, também o caracol se teria perdido na distância do seu mundo.

Sorriu-se: de que século seria o carocal...? O avião era bem do século XX, o caracol do tempo em que se não contavam os séculos, ela... Ela, no redemoínho do tempo, não sabia em que século situar-se. Sentia-se fora de qualquer época, não se apegava a nenhuma data, dir-se-ia suspensa no princípio de tudo.

«Que ideia! — sorriu-se de novo. — E as rosas...? Pois as rosas não teriam tido um começo...? Descobri: sou é do tempo das rosas, das rosas brancas, das rosas vermelhas, das rosas chá...»

Adormeceu na cadeira, alguém a fotografou, assim se ficou, adormecida ali está. Silêncio: que do seu nome não se pronuncie nem sequer um «a».

Pedro Alvim